

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA PÚBLICA
NÍVEL DE MESTRADO**

TALITA DE KÁSSIA DA SILVA FERRAZ

**PODCAST E DIVULGAÇÃO HISTÓRICA: COMO A PRODUÇÃO DE
CONTEÚDO PARA GRANDES PÚBLICOS PODE CONTRIBUIR PARA
A CONSTRUÇÃO DE UM ROTEIRO TURÍSTICO HISTÓRICO?**

**CAMPO MOURÃO - PR
2024**

TALITA DE KÁSSIA DA SILVA FERRAZ

**PODCAST E DIVULGAÇÃO HISTÓRICA: COMO A PRODUÇÃO DE
CONTEÚDO PARA GRANDES PÚBLICOS PODE CONTRIBUIR PARA
A CONSTRUÇÃO DE UM ROTEIRO TURÍSTICO HISTÓRICO?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História Pública - PPGHP, nível Mestrado, da
Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Saberes e Linguagens
Área de Concentração: História Pública
Orientador: Prof. Dr. Fábio André Hahn

**CAMPO MOURÃO - PR
2024**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Ferraz, Talita de Kássia da Silva

Podcast e divulgação histórica: como a produção de conteúdo para grandes públicos pode contribuir para a construção de um roteiro turístico histórico? / Talita de Kássia da Silva Ferraz. -- Campo Mourão-PR, 2024.

151 f.: il.

Orientador: Fábio André Hahn.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado em História Pública) -- Universidade Estadual do Paraná, 2024.

1. Podcast. 2. História Pública. 3. Turismo Histórico. 4. Rota Ivaí. 5. Divulgação Histórica. I - Hahn, Fábio André (orient). II - Título.

TALITA DE KÁSSIA DA SILVA FERRAZ

**PODCAST E DIVULGAÇÃO HISTÓRICA: COMO A PRODUÇÃO DE CONTEÚDO
PARA GRANDES PÚBLICOS PODE CONTRIBUIR PARA A CONSTRUÇÃO DE
UM ROTEIRO TURÍSTICO HISTÓRICO?**

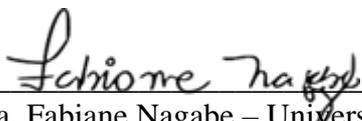
BANCA EXAMINADORA



Dr. Fábio André Hahn (orientador) – Programa de Pós-Graduação em História
Pública/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dr. Jorge Pagliarini Junior – Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dra. Fabiane Nagabe – Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Data de Aprovação

28/03/2024

Campo Mourão – PR

DEDICATÓRIA

Dedico esta conquista à minha mãe, dona Lourdes. Mãe, sua fé inabalável em mim e no meu potencial foi a minha maior fonte de inspiração. Mesmo não estando mais aqui conosco, sei que sua energia e amor continuam a me guiar.

AGRADECIMENTOS

“A salvação humana está nas mãos das pessoas desajustadas e criativas.” Palavras de Martin Luther King que ressoam profundamente comigo, especialmente agora, enquanto celebro a conquista da finalização desta pesquisa em história pública. Esta jornada, embora desafiadora, foi iluminada pelo desejo de levar a pesquisa acadêmica para além dos muros da universidade, entendendo que a história não deve ser confinada a livros e salas de aula, mas vivenciada, discutida e integrada à nossa compreensão do mundo.

Não teria chegado até aqui sem o amor e o apoio incansável do meu companheiro Saulo Sbaraini Agostini, da minha filha Valentina Ferraz e do meu pai Antonio Ferraz. Vocês foram minha força durante os momentos mais árduos, ajudando-me a enfrentar as incertezas e os desafios.

Um agradecimento especial ao professor Dr. Fábio André Hahn, meu orientador, que me permitiu voar livre em minha pesquisa, sempre ancorada na minha paixão: minha área de formação. Não posso esquecer de agradecer aos meus amigos, à instituição onde trabalho, Centro FAG, e aos meus queridos alunos, por toda a paciência, incentivo e apoio durante esse percurso. Vocês são incríveis!

Por fim, espero que esta obra sirva de inspiração para que outras pessoas possam pensar a história cada vez mais para e com o público.

RESUMO

FERRAZ, Talita de Kássia da Silva. **Podcast e divulgação histórica: como a produção de conteúdo para grandes públicos pode contribuir para a construção de um roteiro turístico histórico?** 145p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Pública - Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2024.

Este trabalho intencionou desenvolver episódios de *podcast*, com o intuito de promover a divulgação da *Rota Ivaí*, um projeto coletivo que visa a contribuir para o desenvolvimento regional no interior do Paraná. A pesquisa foi realizada a partir do entendimento de que o *podcast* pode contribuir para a construção de um roteiro turístico histórico e, por consequência, auxiliar no impulsionamento da rota, evidenciando a região e as suas potencialidades históricas, culturais e sociais. A pergunta motivadora desta pesquisa foi: *de que forma um podcast pode ser considerado uma ferramenta de divulgação e ampliação das narrativas históricas fomentadas pela Rota?* Com vistas a uma história feita para o público, o *podcast* serve como ação de divulgação da *Rota* e de sua história para públicos maiores, contando com outros recursos tecnológicos do projeto que se agregarão às estratégias de comunicação, como um site e um aplicativo. Com essas ações, acredita-se ser possível integrar o *podcast* à *Rota*, possibilitando o turismo histórico e o positivo impacto no desenvolvimento regional, apresentando uma rota turística distante dos grandes centros como alternativa e ampliação de oportunidades, valorizando a história, a cultura e o meio ambiente de pequenas comunidades no interior paranaense. Mediante a apreciação desses materiais, cabe refletir: o espaço público é cada vez mais um espaço midiático e permeado por interesses mercadológicos? Caso a primeira questão seja confirmada, um *podcast* pode ser um meio de divulgação e impulsionamento de uma rota turística histórica? Durante o estudo, foram construídos cinco *podcasts* que podem ser utilizados como ferramenta de divulgação histórica, tendo como base entrevistas com pesquisadores da área. Além disso, é possível evidenciar as novas possibilidades que surgem para o campo da divulgação histórica por meio do formato *podcast*. A conclusão deste trabalho, além da fundamentação teórica que o sustenta, são os produtos em formato de *podcast*, disponíveis na plataforma *Spotify*, bem como no site da *Rota Ivaí*.

Palavras-chave: *Podcast*. História Pública. Turismo Histórico.

ABSTRACT

FERRAZ, Talita de Kássia da Silva. **Podcast and historical dissemination: how content production for large audiences can contribute to the construction of a historical tourism route?** 140p. Dissertation. Graduate Program in Public History - Master's. Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão *campus*. Campo Mourão, 2024.

This research aimed to develop podcast episodes to promote the Ivaí Route, a collective project that aims to contribute to regional development in the interior of Paraná. The research was based on the understanding that podcasts can contribute to the construction of a historical tourist route and, consequently, help to boost the route, highlighting the region and its historical, cultural, and social potential. The motivating question for this research was: in what way can a podcast be considered a tool for disseminating and expanding the historical narratives promoted by the Route? With a view to a story made for the public, the podcast serves as an action to disseminate the Rota and its history to larger audiences, relying on other technological resources of the project that will be added to the communication strategies, such as a website and an app. With these actions, we believe it will be possible to integrate the podcast into the Route, enabling historical tourism and a positive impact on regional development, presenting a tourist route far from the big centers as an alternative and expanding opportunities, valuing the history, culture, and environment of small communities in the interior of Paraná. After examining these materials, it is worth reflecting: is the public space increasingly a mediatized space permeated by market interests? If the first question is confirmed, can a podcast be a means of publicizing and boosting a historic tourist route? During the study, five podcasts were created that can be used as a tool for promoting history, based on interviews with researchers in the field. In addition, it is possible to highlight the new possibilities that arise for the field of historical dissemination through the podcast format. The conclusion of this work, in addition to the theoretical foundation that underpins it, is the products in podcast format, available on the Spotify platform, as well as on the Rota Ivaí website.

Keywords: Podcast. Public History. Historical Tourism.

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1: Interesses e preferências da audiência, comparação 2019-2018.....	14
Tabela 2: Ordem de Relevância de pesquisas no Google Acadêmico.....	38
Tabela 3: Pesquisas sobre Podcast, em 2018, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.....	39
Tabela 4: Definições de atividades turísticas para o Ministério do Turismo do Brasil...	100

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Rota Ivaí em azul.....	56
Figura 2: Localização geográfica dos rios.....	57
Figura 3 – www.instagram.com/rotaivai/- perfil.....	62
Figura 4 – www.rotaivai.com.br/inicio - parte superior.....	63
Figura 5 – www.rotaivai.com.br - parte inferior.....	63
Figura 6 – www.rotaivai.com.br/itinerario - parte 1.....	64
Figura 7 – www.rotaivai.com.br/itinerario - parte 2.....	65
Figura 8 – www.rotaivai.com.br/itinerario - parte 3.....	65
Figura 9 – www.rotaivai.com.br/itinerario - parte 4.....	66
Figura 10 – www.rotaivai.com.br/itinerario - parte 5.....	66
Figura 11 – www.rotaivai.com.br/itinerario - parte 6.....	67
Figura 12 – www.rotaivai.com.br/itinerario - parte 7.....	67
Figura 13 – www.rotaivai.com.br/sobre.....	68
Figura 14 – www.rotaivai.com.br/sobre.....	69
Figura 15 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 1.....	70
Figura 16 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 2.....	71
Figura 17 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 3.....	72
Figura 18 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 4.....	73
Figura 19 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 5.....	74
Figura 20 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 6.....	75
Figura 21 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 7.....	75
Figura 22 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 8.....	76
Figura 23 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 9.....	77
Figura 24 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 10.....	77
Figura 25 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 11.....	78
Figura 26 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 12.....	78
Figura 27 – www.rotaivai.com.br/museu - parte 1.....	79
Figura 28 – www.rotaivai.com.br/museu - parte 2.....	81
Figura 29 – www.rotaivai.com.br/museu - parte 3.....	82
Figura 30 – www.rotaivai.com.br/museu - parte 4.....	83
Figura 31 – www.rotaivai.com.br/museu - parte 5.....	83
Figura 32 – www.rotaivai.com.br/museu - parte 6.....	84
Figura 33 – www.rotaivai.com.br/museu - parte 7.....	84
Figura 34 – www.rotaivai.com.br/museu - parte 8.....	85
Figura 35 – www.rotaivai.com.br/rios - parte 1.....	86
Figura 36 – www.rotaivai.com.br/rios - parte 2.....	86
Figura 37 – https://www.rotaivai.com.br/rios – parte 3.....	87
Figura 38 – https://www.rotaivai.com.br/rios – parte 4.....	88

Figura 39 – www.rotaivai.com.br/capela - parte 1.....	89
Figura 40 – www.rotaivai.com.br/capela - parte 2.....	89
Figura 41 – www.rotaivai.com.br/capela - parte 3.....	90
Figura 42– https://www.rotaivai.com.br/capelasantoinaciodeloyola – parte 4.....	90
Figura 43 – https://www.rotaivai.com.br/podcast-1 – parte 1.....	91
Figura 44 – https://www.rotaivai.com.br/podcast-1 – parte 2.....	92
Figura 45 – Identidade visual desenvolvida - Variação 1.....	113
Figura 46 – Identidade visual desenvolvida - Variação 2.....	115
Figura 47 – Registro da gravação do episódio 1.....	120
Figura 48 – Registro da gravação do episódio 2.....	124
Figura 49 – Registro da gravação do episódio 3.....	130
Figura 50 – Registro da gravação do episódio 4.....	132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: PODCAST E COMO A QUESTÃO É PENSADA NA HISTÓRIA	24
1.1 História Pública e Divulgação Histórica.....	25
1.2 Podcast e o cenário das narrativas transmidiáticas.....	34
1.3 Pesquisas sobre podcast.....	38
1.3.1 Sobre o conceito de podcast e sua pesquisa.....	41
1.4 Pesquisas acerca de divulgação histórica: Qual o lugar do podcast?.....	46
1.5 Possibilidades do Podcast para a divulgação histórica.....	52
CAPÍTULO 2: ROTA IVAÍ: UM ROTEIRO TURÍSTICO E HISTÓRICO	55
2.1 A proposta do Roteiro.....	58
2.2 As cidades envolvidas e o seu perfil.....	93
2.3 Potencialidades da Rota Ivaí - Etapa Fênix.....	97
2.4 Rota Ivaí e a questão da memória histórica: um estudo a partir de Michael Frisch.....	102
CAPÍTULO 3: PODCAST: “CAMINHOS DO IVAÍ”	108
3.1 A proposta do programa.....	109
3.1.1 Identidade visual do podcast.....	112
3.2 O eixo do programa.....	116
3.2.1 O episódio piloto - As raízes do projeto Rota Ivaí: Piloto.....	117
3.2.2 O primeiro episódio - Vestígios arqueológicos de um caminho: Claudia Inês Parellada #1.....	120
3.2.3 O segundo episódio - A construção de um caminho: Erneldo Schallenberger e Leandro de Araújo Crestani #2.....	123
3.2.4 O terceiro episódio - As origens de um caminho: Lúcio Tadeu Mota #3.....	128
3.2.5 O quarto episódio - As crenças de um caminho: Jurandir Coronado Aguilar #4.....	132
3.3 O saldo dos programas e sua relação com a Rota Ivaí.....	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	141

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa se concentra em dois eixos majoritários: *podcast*¹ e história pública. A pesquisa partiu de uma pretensa relação interdisciplinar, já que a área de formação da pesquisadora concentra-se na *Comunicação Social: Jornalismo* e houve o interesse de trazer para o campo da História Pública suas proximidades e usos de suas ferramentas. Abordamos primeiramente uma introdução histórica do *podcast* e, posteriormente, especificamos nossa perspectiva dentro da História Pública. O *podcast* tem sua origem na tecnologia de distribuição de conteúdo de áudio pela internet. A palavra “*podcast*” é uma combinação de “iPod” (dispositivo da empresa Apple para reprodução de áudio) e “broadcast” (transmissão de rádio ou TV, em tradução livre). O termo foi cunhado em 2004 por Ben Hammersley, jornalista do jornal britânico *The Guardian*, como uma forma de descrever a distribuição de arquivos de áudio por *Really Simple Syndication* (RSS – Distribuição Realmente Simples, em tradução livre) para dispositivos portáteis como o *iPod*. Na matéria, o jornalista indaga sobre como chamar o fenômeno do novo ‘boom’ no rádio amador: ‘blog de áudio, mídia de guerrilha, *podcasting*?’. A última opção foi a eleita pelo público para o fenômeno que se iniciava no século XXI. Desde então, o *podcast* se tornou uma mídia popular para o compartilhamento de informações, entretenimento, notícias e muitos outros tipos de conteúdo (HAMMERSLEY, 2004).

No mesmo ano, o brasileiro Danilo Medeiros criou o primeiro *podcast* brasileiro, intitulado *Digital Minds*. Trata-se principalmente de temas relacionados ao empreendedorismo digital e ao marketing digital. Em cada episódio, são abordados tópicos como estratégias de vendas on-line, criação de conteúdo para redes sociais, desenvolvimento de negócios na internet, entre outros assuntos relevantes para quem busca empreender ou se atualizar no mundo digital. Além disso, o programa conta com a participação de convidados que compartilham as suas experiências e conhecimentos na área (CORNÉLIO, 2017).

A primeira década do *podcast* no Brasil, além de uma escalada na produção de novos programas, foi marcada por alguns eventos, tais como: a Conferência Brasileira de *Podcast*

¹ *Podcast* é um conteúdo em áudio disponibilizado por meio de um arquivo ou *streaming* (COUTO; MARTINO, 2018; VIANA, 2020).

(PodCon Brasil), em 2005, e, em 2006, a fundação da Assembleia Geral de Constituição da Associação Brasileira de *Podcasters* (AbPod) (ABPOD, 2023). No decorrer de 2006, relataram-se, mundo a fora, o fenômeno de *podfade*, a queda da primeira geração dos *podcasts*, devido ao despreparo na lida com o fenômeno novo, além da falta de estabilidade para manter o ritmo das gravações adiante da crescente demanda por audiência. A segunda onda de *podcasts* escolhe o público jovem como alvo, com temáticas de humor e cultura pop, formando uma geração que mantém viva a produção de *podcasts* até a atualidade, entre os quais podemos citar: Nerdcast, Rapaduracast e Monacast (LUIZ; ASSIS, 2010; FREIRE, 2015; NASCIMENTO DA SILVA, 2022).

Em 2009, tem-se a segunda² pesquisa realizada pela AbPod, intitulada *PodPesquisa 2009*. Nela verificou-se uma expansão do número de respostas válidas, de 436, na primeira edição, para 2.487, na segunda edição. O tempo de coleta foi de 10 de julho a 31 de agosto de 2009. Nas respostas, verificamos que: a maioria dos ouvintes (36,87%) utilizava o *iTunes* para descoberta de *Podcasts*; se ouve uma média de 5 *podcasts* regularmente por ouvinte; 56,69% relataram dedicar um grau de atenção dividida ao ouvir *podcasts*; há uma média de 7 horas semanalmente dedicadas para se ouvir os programas; 81% dos ouvintes selecionam temáticas de humor nos *podcasts*, ao passo que ciências, negócios e educação ficam em torno de 12% a - 9%; 45% dos ouvintes estimam que o tempo de duração ideal de um *podcast* seria de 60 minutos; 85% responderam que a frequência de um *podcast* deveria ser semanal; dos temas pouco explorados, os entrevistados veem a saúde, a educação, os negócios, a religião e as ciências como temas pouco explorados; 88,22% do público ouvinte é do sexo masculino e 53,68% têm entre 21 a 30 anos, sendo 56,13% do público universitário e 42,06% empregado; a grande maioria dos ouvintes 36,07% são do estado de São Paulo e 5,63% do estado do Paraná. (ABPOD, 2009).

A última *PodPesquisa* a avaliar ocorreu em 2019, recebendo 16.713 respostas válidas por meio de formulário digital no período entre outubro de 2019 a dezembro de 2019. O perfil do ouvinte de *podcast* brasileiro foi medido por essa pesquisa, cujas conclusões são: a Região Sudeste se mantém com a maioria dos respondentes - majoritariamente do estado de São Paulo -, e nota-se o crescimento da participação cearense em comparação às pesquisas passadas. Com relação ao gênero, o ouvinte é predominantemente masculino, apesar do

² Não tratamos da primeira *PodPesquisa* de 2008 porque seu acesso não está disponível no site da AbPod. Disponível em: <https://pesquisa.abpod.com.br/sm/SurveySummary.html>. Acesso em: 19 mar. 2023.

aumento da participação de mulheres na pesquisa - 11% de mulheres no intervalo de um ano de pesquisa. A média de idade do ouvinte passou a ser de 28 anos. Dos ouvintes, 63% são casados, 30% com ensino superior incompleto, 31% com o ensino superior completo e 19% com a pós-graduação completa. No tocante ao tempo que se ouve *podcasts*, mais de 64% fazem isso há 5 anos e mais de 50% das mulheres ouvem há 2 anos. A maioria dos ouvintes faz descobertas de programas novos por indicações de *podcasters* e amigos. Cerca de 44% dos ouvintes utilizam do *spotify* para ouvir os seus *podcasts*, sendo que o *podcast addict* e o *google podcasts* ocupam a segunda e terceira posições, respectivamente. Cultura pop, Humor e comédia continuam sendo as preferências dos ouvintes (64,9%); o tema de História é selecionado por 47,6% dos entrevistados, ao passo que Viagens e Destinos por apenas 13,3% dos ouvintes (ABPOD, 2020).

Tabela 1: Interesses e preferências da audiência, comparação 2019-2018

Valores	2019		2018		Comparação	
	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%
RESPOSTAS TOTAIS	16713	100%	22993	100%	-6280	100%
Autoajuda	1264	7,6%	1021	4,4%	243	3,1%
Automotivo	361	2,2%	390	1,7%	-29	0,5%
Carreiras	2977	17,8%	4095	17,8%	-1118	0%
Ciências	8734	52,3%	9924	43,2%	-1190	9,1%
Cultura Pop	10840	64,9%	11891	51,7%	-1051	13,1%
Economia e Educação Financeira	3552	21,3%	4422	19,2%	-870	2%
Educação Infantil	308	1,8%	481	2,1%	-173	-0,2%
Feminismo	3114	18,6%	2445	10,6%	669	8%
Filosofia	3359	20,1%	4003	17,4%	-644	2,7%
Games	5973	35,7%	8614	37,5%	-2641	-1,7%
Gastronomia	959	5,7%	3243	14,1%	-2284	-8,4%
História	7961	47,6%	9968	43,4%	-2007	4,3%

HQs	4124	24,7%	5928	25,8%	-1804	-1,1%
Humor e comédia	8878	53,1%	12320	53,6%	-3442	-0,5%
Investimentos	1778	10,6%	3339	14,5%	-1561	-3,9%
Línguas e idioma	3000	18%	4502	19,6%	-1502	-1,6%
Livros	3865	23,1%	4556	19,8%	-691	3,3%
Luta e Consciência Negra	1387	8,3%	1367	5,9%	20	2,4%
Maternidade e Paternidade	834	5%	901	3,9%	-67	1,1%
Medicina	714	4,3%	852	3,7%	-138	0,6%
Moda e Beleza	642	3,8%	345	1,5%	297	2,3%
Música	3159	18,9%	4475	19,5%	-1316	-0,6%
Notícias	5354	32%	6796	29,6%	-1442	2,5%
Nutrição	309	1,8%	760	3,3%	-451	-1,5%
Política	7128	42,6%	7942	34,5%	-814	8,1%
Psicologia	2349	14,1%	3050	13,3%	-701	0,8%
Sexualidade	2431	14,5%	2265	9,9%	166	4,7%
Tecnologia	6090	36,4%	9699	42,2%	-3609	-5,7%
TV e Filmes	7093	42,4%	12224	53,2%	-5131	-10,7%
Viagens e destinos	2217	13,3%	2608	11,3%	-391	1,9%

Fonte: ABPOD (2020).

É importante frisar que, em 2009, o tema de História não computava uma categoria à parte na pesquisa, sendo subsumida entre as categorias de Educação e Ciência. Na Tabela 1, observamos o aumento de 4,2% entre 2018 e 2019. Todavia, se comparada à categoria de Ciência de 2009 (12,67%), o interesse em história aumentou em 34,93% em 11 anos. Além disso, História se tornou a 4ª temática mais demandada pelo público geral de *podcast*. Portanto, trata-se de um tema de impacto inevitável e impreterível para a divulgação histórica, aspecto- que conceituamos a seguir.

O crescimento do *podcast*, em 11 anos de existência, é perceptível. Mas há um outro fator determinante nesse período que estimulou a demanda de consumo de *podcast*. Após 2019, o mundo tem sido marcado por um fenômeno histórico calamitoso e perigoso: a pandemia da covid-19. Essa é uma doença infecciosa causada pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2), identificada pela primeira vez em Wuhan, na China, em dezembro de 2019. A doença se espalhou rapidamente pelo mundo, sendo declarada uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020. Os principais sintomas incluem febre, tosse, falta de ar, fadiga e perda de paladar ou olfato, mas a enfermidade pode variar em gravidade, de casos leves até situações mais graves que podem causar a morte. Para controlar a propagação do vírus, foram adotadas medidas como o distanciamento social, uso de máscaras, restrições de viagem e isolamento social. A pandemia causou grande impacto na saúde pública, na economia e na sociedade em geral (LANA, *et al.*, 2020).

Por conta do distanciamento social, o uso de tecnologias para comunicação, entretenimento e distração, foi altamente demandado. Nos últimos anos, o consumo de *podcasts* tem apresentado um crescimento significativo no Brasil. De acordo com o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), houve um aumento no consumo de *podcasts*, após a pandemia, em mais de 132%. Atualmente, mais de 41 milhões de brasileiros ouvem regularmente programas de áudio, em comparação com 17 milhões em 2019 (JANONE, 2022).

Essa elevação na consumação de *podcasts* pode ser atribuída a uma série de fatores, incluindo o fácil acesso à internet e ao surgimento de novas plataformas de *streaming* de áudio. Além disso, a produção de conteúdo em áudio tem se popularizado entre criadores de conteúdo, possibilitando a diversificação e a ampliação do público ouvinte. A versatilidade do formato de *podcast*, que permite a produção de conteúdo sobre diferentes temas e em diferentes formatos, também tem contribuído para a sua popularidade entre os consumidores de mídia.

Dada a apresentação histórica do surgimento e do impacto do *podcast* no mundo e a crescente demanda do conteúdo de história nas novas mídias, nesta dissertação de mestrado investigamos a criação de um *podcast*, intitulado *Caminhos do Ivaí*, cujo foco é divulgar a *Rota Ivaí*, um projeto coletivo que visa a contribuir para o desenvolvimento turístico, histórico e regional do interior paranaense. Por meio do formato de entrevistas, o *podcast* buscou disseminar as pautas que permeia a região, bem como as potencialidades históricas e culturais,

para uma audiência ampliada, tendo em vista que essas narrativas abordadas, em sua maioria, não despertam o interesse do mercado turístico e da comunicação, pois não contêm os recursos necessários para dialogar com um grande público e, por fim, acabam não ganhando visibilidade pela grande mídia.

O recorte que fizemos da História Pública trouxe a perspectiva da compreensão e da produção do conhecimento histórico desenvolvido dentro e fora das universidades. Para ilustrar tal perspectiva, Thomas Cauvin (2020, p. 20) compara a História Pública a uma árvore do conhecimento dividida em quatro partes: raízes, tronco, galhos e folhas. Apesar de serem partes distintas, todas compõem um mesmo sistema: uma árvore. A História se definiu tradicionalmente na lida rigorosa e crítica com as fontes primárias, elemento que forma o tronco dessa árvore. Todavia, a História Pública não engloba apenas o tronco, mas todas as quatro partes. As raízes são a criação e a conservação das fontes, o tronco corresponde à análise e à interpretação das fontes, os galhos compreendem a difusão dessas interpretações – local onde o *podcast* se encontra – e, por sua vez, as folhas são os usos múltiplos e públicos dessas interpretações. De acordo com Cauvin (2020), o *podcast*, por ser um galho da História Pública, relaciona as interpretações históricas (tronco) das fontes históricas (raízes) com os usos (folhas) da História Pública, sendo exemplos dessas a política, a reconciliação, o empoderamento, a justiça social, o marketing, a educação, a identidade, a diversão e o turismo – ressalta-se essa última folha. A perspectiva de História Pública que este trabalho pretendeu se debruçar é como o *podcast* (galho) pode auxiliar no processo de divulgação histórica e turística (folha) de uma região histórica (tronco) do Paraná: Vila Rica do Espírito Santo e suas fontes históricas (raízes).

Para tanto, fundamentamos este trabalho em três conceitos basilares: *podcast*, divulgação histórica e divulgação turística. Apesar de um fenômeno multifacetado e de difícil definição, os pesquisadores tendem a concordar, de forma geral, que o *podcast* é um conteúdo em áudio disponibilizado em um arquivo ou *streaming*, por meio de um *feed* RSS ; trata-se de um agregador que alimenta *softwares* e usuários com novos dados, em nosso caso, novos episódios de um *podcast* (COUTO; MARTINO, 2018; VIANA, 2020). A divulgação histórica, fundamentada em Cauvin (2020, p. 22), diz que, mesmo a História Tradicional, sempre teve um público, ainda que fosse um nicho de poucos especialistas. A História Pública fomenta uma difusão desse público para além desse nicho, almejando grandes audiências, não somente acadêmicas, por meio dos galhos, utilizando-se da metáfora da árvore já explicada.

Esses galhos, como ferramentas de comunicação, podem ser o rádio, livros, exposições, revistas especializadas, *tours*, ficção, *comics* e os meios digitais nos quais o *podcast* se encontra. Por fim, na visão do historiador José Newton Coelho Meneses, atribuir a um espaço à característica de “turístico” é promover uma construção cultural. Nesse processo, coisas e costumes de tempos diferentes e pessoas que não são da realidade do turista recebem sentido e significado (MENESES, 2004, p. 104). Por meio da temporalidade, temos a aproximação de dois campos do conhecimento: o turismo e a história.

Esta dissertação se justifica por investigar a relação da divulgação histórica por meio do *podcast* para uma rota de turismo histórico de uma região no Centro-Oeste do Paraná, abordando o ineditismo desse tema na literatura acadêmica. Considerando a relevância da disseminação do conhecimento histórico para a sociedade, é fundamental entendermos o papel que as novas mídias desempenham nesse processo, especialmente no que se refere aos conteúdos transmidiáticos³. Diante do crescente interesse do público por meio do consumo de *podcasts*, esta pesquisa visou a explorar o potencial desse formato para a História Pública e seu papel na construção da consciência histórica. Dessa forma, este estudo se torna relevante para preencher uma lacuna na literatura acadêmica e contribuir para o avanço do conhecimento sobre a divulgação histórica em meio às novas mídias.

Nesta pesquisa, consideramos que, no exercício de sua função social, a mídia torna-se responsável, mesmo que desavisadamente, pela construção simbólica da identidade de indivíduos e de grupos. Por meio de notícias expostas sobre determinado fato, os meios de comunicação acabam exercendo muito mais que a sua função; deixam marcas, por vezes mesmo ideológicas, nos receptores. Essa derivação comunicativa, intencional ou não, revela de maneira formal o sentido pelo qual a mídia pode ser considerada o “quinto poder”. Muitas vezes, o espaço desse poderio é utilizado para conduzir as informações em benefício próprio ou para elidir aspectos informativos no intuito de favorecer certos grupos de interesse. Para além das dificuldades intrínsecas ao ofício comunicativo, esses desvios dão margem para o questionamento da objetividade na mídia, revelando, por vezes, meios de comunicação hegemônicos que reforçam as relações de poder entre os mais diversos atores sociais. Em

³“A narrativa transmídia refere-se a uma nova estética que surgiu em resposta à convergência das mídias – uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento. A narrativa transmídia é a arte da criação de um universo. Para viver uma experiência plena num universo ficcional, os consumidores devem assumir o papel de caçadores e coletores, perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais, comparando suas observações com as de outros fãs, em grupos de discussão on-line, e colaborando para assegurar que todos os que investiram tempo e energia tenham uma experiência de entretenimento mais rica” (JENKINS, 2008, p. 47).

tempos de pós-verdade – expressão usada para designar a circunstância em que fatos objetivos parecem menos capazes de influenciar a construção da opinião pública do que apelos à emoção e às crenças pessoais –, uma discussão plural, com diferentes pontos de vista sobre um assunto relevante, nunca foi tão importante para a formação crítica de uma sociedade (SENLLE, 2017).

Debater esses espaços midiáticos, considerando as suas funções sociais e o contexto da opinião pública para estimular uma sociedade capaz do ponto de vista da autonomia da reflexão, é, nesses termos, fundamental. O fato, entretanto, é que o jornalismo, por exemplo, enfrenta uma crise provocada pelo paradoxo de ter o interesse público como objetivo, ou seja, um jornalismo voltado à cidadania, porém, sendo uma engrenagem em um sistema empresarial, com a necessidade de gerar melhores resultados financeiros, um produto com o foco no mercado.

Haja vista que novas práticas sociais vão surgindo, indagamos neste estudo: o espaço público é cada vez mais um espaço midiático e permeado por interesses mercadológicos? Caso a questão seja confirmada, um *podcast* pode ser um meio de divulgação e de impulsionamento de uma rota turística histórica? O objetivo com esta dissertação é analisar e produzir um *podcast* que pode ser utilizado como ferramenta de divulgação histórica, tendo como base a História Pública. Em um possível processo de mediação proposto por um *podcast*, é presumível identificar as contribuições do conteúdo ou a formato para engajar a Rota junto ao público? A partir dessa reflexão, percebemos que as narrativas e os discursos não estão apenas em disputa, mas também se entrelaçam e convergem. A nossa hipótese, dessa forma, é que o *podcast* pode contribuir para a divulgação histórica de uma rota turística. Foram indicados caminhos, por meio de um *podcast* (*Caminhos do Ivaí*) vinculado a um site (*Rota Ivaí*), para comunicar o público sobre a Rota de divulgação histórica e turística. Detalhamos essas ferramentas mais adiante.

É fato que o *podcast* aproxima o criador de seu público; com isso, outras áreas de saber podem utilizar desta ferramenta para cumprir com o seu objetivo. Esse é o caso da História Pública que vem ganhando cada vez mais espaço nos últimos anos, impulsionada pelo surgimento de novas tecnologias e mídias que permitem uma maior aproximação entre os produtores de conteúdo e o público em geral. Nesse sentido, o *podcast* tem se destacado como uma ferramenta de comunicação eficaz que permite a criação de um diálogo direto entre os historiadores e o seu público. Essa nova realidade traz consigo desafios e oportunidades para a

historiografia. Com as novas mídias, o papel da história tem se transformado, deixando de ser uma pauta restrita aos círculos acadêmicos e se tornando mais acessível ao grande público. Essa transformação implica a adoção de novas linguagens e narrativas que possam dialogar com a sociedade de maneira eficaz. Nesse contexto, a pesquisa no campo da história tem se beneficiado da utilização do *podcast* como uma ferramenta de comunicação e de divulgação.

Com episódios que tratam de temas diversos, os *podcasts* de história têm a capacidade de levar conhecimento e reflexão para um público amplo e diverso. Além disso, os programas contam com a presença de convidados especializados, que compartilham um olhar diferenciado sobre os temas tratados. Assim, o *podcast* tem o potencial de transformar o papel da história na sociedade, ao aproximar os historiadores do público e fomentar uma cultura de debate e de reflexão sobre o passado e o presente. Com isso, a História Pública pode se consolidar como uma perspectiva relevante e impactante, capaz de influenciar a forma como a sociedade se relaciona com o seu passado.

Com base nisso, foi elaborado e desenvolvido na Universidade Estadual do Paraná (Unespar), sob a coordenação do Prof. Dr. Fábio André Hahn, o projeto de investigação colaborativo denominado *Rota Ivaí*. O objetivo dessa pesquisa multidisciplinar é analisar as possibilidades de uma rota turística histórica no desenvolvimento de pequenos municípios na mesorregião Centro-Ocidental do Paraná. O turismo histórico, ou o turismo de experiência, se caracteriza como uma forma de associar lazer e conhecimento histórico de um determinado local, uma relação entre indivíduos, espaço e tempo.

A proposta da *Rota Ivaí* centra-se na investigação acerca das potencialidades do turismo histórico nos municípios de Fênix, de Quinta do Sol, de Engenheiro Beltrão, de Campo Mourão, de Barbosa Ferraz e de Corumbataí do Sul. O projeto atua de forma abrangente, como um “guarda-chuva”, de modo a agregar múltiplas áreas de investigação e fases de pesquisa. No presente caso, todas as pesquisas associadas ainda estão vinculadas à primeira etapa do projeto, denominada *Etapa Fênix*. Dentre as investigações em questão, merecem destaque: (i) esta pesquisa de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História Pública (PPGHP) da Unespar, cuja proposta investigação é investigar as potencialidades do *podcast* como ferramenta de divulgação histórica da *Rota*, produzindo uma programação de *podcasts* com especialistas no tema voltada ao grande público, procurando nas novas mídias um caminho potencializador para o desenvolvimento de um roteiro turístico histórico acessível e fundamentado, o qual é mais bem aprofundado no

decorrer deste estudo; (ii) a pesquisa desenvolvida por Ellen Karen Velasco Silva, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória) da Unespar, com o intuito de integrar a rota turística na produção de material didático-pedagógico a ser aplicado no ensino de História com estudantes do Ensino Fundamental II, além de compreender se é possível aprender História a partir de um roteiro turístico; e (iii) a pesquisa desenvolvida por Lucas Toshitaka Yatsugafu, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Unespar, que se dedica a investigar os indicativos e as potencialidades para o desenvolvimento de municípios periféricos a partir da perspectiva interdisciplinar da criação da *Rota Ivaí*.

Nesta dissertação, em particular, por meio do *podcast*, entrevistamos pesquisadores especialistas sobre a história regional do Paraná, a fim de abordarmos temas como: a importância dos rios para o Paraná; as riquezas dos pontos turísticos, como é o caso da Igreja da Serra⁴; as curiosidades que abrigam os parques percorridos pela *Rota*; a importância do museu como representação do processo de colonização na região; e outras temáticas possíveis de serem pautadas pelo *podcast*. A proposta da *Rota Ivaí* é servir de ferramenta para o fomento do turismo histórico na região. Para tal propósito, é necessário compreender o que Nagabe (2019) pontua sobre os produtos turísticos. Para a autora, o turismo é uma atividade complexa, com várias interdependências e subordinações que impactam o desenvolvimento econômico, político e cultural dos territórios em que é realizado.

Considerando as intenções já apontadas, com este projeto, almejamos construir alguns mecanismos que possam aproximar essas pesquisas de uma maior audiência, por meio de canais de divulgação, como um perfil no *Spotify*, uma página no *Facebook* e um perfil no *Instagram*. É fundamental, contudo, observar a capacidade de democratização e abrangência das plataformas digitais, no intuito de superar as barreiras de uma pesquisa acadêmica cujo único foco é atingir apenas o público acadêmico.

Posto isso, é possível analisar que essa interação coletiva entre os produtores de conteúdo (historiadores e jornalistas) e seus consumidores pode ser vista como uma nova forma de poder midiático em um âmbito no qual novas e antigas mídias se chocam, se

⁴ A edificação religiosa, também conhecida como Capela Santo Inácio de Loyola, foi construída pela via histórica do Caminho de Peabiru, que percorria o território brasileiro desde o litoral até o Peru. A tradição oral sustenta que “caçadores de tesouros” escavavam o solo da capela, uma vez que acreditavam que os jesuítas teriam enterrado ouro em suas imediações. Informações disponíveis em: <https://www.viajeparana.com/Fenix>. Acesso em: 7 abr. 2023.

agregam e se reinventam. Em vista disso, o diálogo entre o público e o produto se transforma; não se trata apenas do público migrando para um ambiente que oferece várias formas de consumo de histórias e informações. A própria audiência desenvolve a autonomia de procurar e de se optar por uma forma de comunicação. Alguns escolhem os *podcasts* de formatos de entrevista e mais sérios, outros preferem conversas descontraídas em meio a um foco determinado, ou ainda programas que utilizem todo rigor e estrutura acadêmica, similar a apresentações de congressos de pesquisa.

A partir desse breve contexto, constatamos as potencialidades desta dissertação e de seu produto em formato *podcast* para auxiliar a divulgação histórica⁵ da rota turística supracitada. Com as novas possibilidades midiáticas atreladas às propostas de História Pública, como a *Rota Ivaí*, deparamo-nos com um espaço propício às demandas públicas, um formato que se caracteriza como um amplo campo de divulgação científica, além de se desenvolver de forma independente como um propulsor das narrativas históricas de pouco acesso pelo grande público.

Para apresentar os resultados desta investigação, dividimos em três capítulos. No primeiro capítulo, abordamos a relação entre *podcast* e História Pública. O escopo foi fundamentar o conceito de *podcast* como uma ferramenta importante para a História Pública, uma vez que aproxima os criadores de conteúdo do público em geral, permitindo a divulgação de conhecimento histórico de forma acessível e atrativa. Por se tratar de narrativas transmidiáticas, o *podcast* se apresenta como uma plataforma que possibilita a construção de histórias interativas e multifacetadas, atraindo um público cada vez mais amplo e diverso. Para isso, discorreremos sobre o estado da arte das pesquisas sobre *podcast*, tratando da sua origem e da dificuldade de sua definição, por se tratar de um fenômeno em constante transformação. As pesquisas em questão têm demonstrado um crescimento significativo, com a emergência de novas abordagens e metodologias para a análise do fenômeno.

Em meio à análise de dados, indagamo-nos: Como o *podcast* tem sido utilizado pelas pesquisas em questão. Qual a sua relação com as demais áreas da comunicação, com a História e com a História Pública? Sob qual ótica os pesquisadores descrevem o fenômeno do *podcast*? Essa ferramenta é utilizada majoritariamente para qual fim? Divulgação histórica? Didático-avaliativa? Ou uma tecnologia de transmissão de dados? O *podcast* certamente

⁵ Para Cauvin (2020), a divulgação histórica é um sistema de múltiplos galhos na árvore de conhecimento que é a História Pública: *tours* (rotas e visitas) e *podcast* são exemplos desses galhos para fazer com que os conhecimentos históricos sejam alcançados e direcionados para um grande público.

oferece inúmeras possibilidades para o pesquisador e para a História Pública, como a criação de novos formatos de narrativas históricas, a construção de diálogos mais amplos e inclusivos com o público e a promoção da reflexão crítica sobre o papel da história na sociedade contemporânea. Esse é um passo fundamental para que possamos tratar do objetivo deste trabalho: a divulgação da *Rota Ivaí*.

Em nosso segundo capítulo, descrevemos o que se constitui a *Rota Ivaí*, que é um roteiro turístico e histórico que tem como objetivo explorar a região de Vila Rica del Espiritu Santo, uma região peculiar para o estado do Paraná por trazer resquícios de uma base militar feita por espanhóis. Para a construção desse roteiro, o capítulo apresenta o roteiro turístico e de divulgação histórica da região, bem como seus atrativos para constituição de um guia turístico e histórico das cidades de Barbosa Ferraz, de Corumbataí do Sul, de Quinta do Sol, de Engenheiro Beltrão, de Campo Mourão e de Fênix. Todavia, nossa ênfase é a *Etapa Fênix*. Cada uma dessas cidades tem seu próprio perfil e história, o que enriquece ainda mais o roteiro. A potencialidade da *Rota Ivaí* está justamente em explorar essa diversidade e riqueza cultural, oferecendo aos turistas uma experiência única e enriquecedora. Além disso, a *Rota* também contribui para a valorização do patrimônio histórico e cultural das cidades envolvidas, promovendo o desenvolvimento econômico da região.

O terceiro capítulo foi dedicado à apresentação do *podcast Caminhos do Ivaí* como forma de divulgação turística e histórica da *Rota* e da região. O produto prático desta pesquisa consiste na promoção e na divulgação da história com suas particularidades, com o objetivo de reforçar a importância do espaço público e dos projetos e práticas de História Pública, incluindo seus debates epistemológicos como elementos essenciais para a construção da consciência histórica. Para isso, foram pensados cinco episódios para o *podcast*, sendo o primeiro deles um episódio piloto. Os demais quatro episódios foram entrevistas com pesquisadores da área: Claudia Parellada, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Jurandir Coronado Aguilar, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Lúcio Tadeu Mota, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Erneldo Schallenberger, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e Leandro de Araújo Crestani, da Faculdade Assis Gurgacz (FAG).

CAPÍTULO 1

PODCAST E COMO A QUESTÃO É PENSADA NA HISTÓRIA

Este capítulo tem como objetivo geral fundamentar dois aspectos: o que é *podcast* e como ele pode auxiliar no processo de divulgação histórica. Na primeira seção, de maneira específica, buscaremos responder a estas perguntas: O que é História Pública? Como o processo de divulgação histórica se configura como um dos galhos da História Pública (CAUVIN, 2020)? Este trabalho constitui-se como um galho de divulgação histórica, não como o todo da árvore do conhecimento que se propõe a história pública. Na segunda seção deste capítulo, exploramos a definição de *podcast* e a sua relação transmidiática, isto é, como é possível pensar o *podcast* em uma relação causal com as mídias tradicionais, contudo, há uma mudança drástica na sua forma de atuação o que o coloca como uma ferramenta transmidiática. Na terceira seção, analisamos conceitual e teoricamente o estado da arte a respeito da pesquisa em *podcast* no meio acadêmico. A pergunta fundamental nessa etapa é: O que é *podcast*? Estabelecemos um critério metodológico de investigação nas ferramentas de pesquisa, buscando as bibliografias de maior relevância segundo o algoritmo. O resultado que se encontra nas principais bibliografias é a dificuldade em definir e conceituar *podcast* como um fenômeno fechado, haja vista a possibilidade de constante autocriação que o fenômeno apresenta e os pesquisadores relatam. Na quarta seção deste capítulo, traçamos uma investigação com o intuito de relacionar como se estabeleceram as pesquisas envolvendo *podcast* e seus usos no campo da História. Demonstramos que a maioria dos artigos, dissertações e teses investigadas delineiam o *podcast* equiparando a uma ferramenta didática e avaliativa para o professor utilizar no decorrer da disciplina, além de existirem poucas pesquisas em História Pública. Esse contexto nos auxilia a justificar a outra potência dessa ferramenta, em contraste com a bibliografia vigente que foi utilizada, como um instrumento de divulgação histórica para além da sala de aula. Nosso propósito é utilizar a ferramenta para divulgação de um roteiro turístico e histórico. Por fim, a última seção deste capítulo trata de mostrar quais são os *podcasts* que se preocupam na realização da divulgação histórica, seus modos, jeitos e formas de realizar uma divulgação histórica, ainda que, em sua maioria, não tenham se tornado objeto da maioria dos pesquisadores das áreas de História, História Pública, Comunicação Social e Turismo.

1.1 História Pública e Divulgação Histórica

A História Pública, consolidada como um dos pilares de reflexão desta pesquisa, corrobora na construção e nas representações discursivas sobre a realidade. Para Juniele Rabêlo de Almeida e Sônia Meneses (2018), é necessário compreendermos o viés midiático de interpretação, além de entendermos “a dimensão ética do trabalho do historiador e suas possibilidades de produção de uma História Pública, a partir das leituras e acontecimentos históricos hoje - e no hoje de outros tempos”.

Outra autora que analisa a necessidade de entendermos os impactos das novas demandas históricas por meio da História Pública é Jill Liddington (2011), que pondera que vivemos o momento das múltiplas produções culturais que fazem uso do passado para emitir seus enredos. Essa prática da História Pública se estabelece a partir das representações de passado difundidas para uma ampla audiência com o auxílio de museus e patrimônios tidos como históricos, assim como produtos culturais de massa, a exemplo de livros, filmes, jogos eletrônicos e *podcasts*, mas sobretudo por meio de como adquirimos nosso senso de passado, por intermédio de memórias, paisagens, de arquivos, fotografias e, claro, como esses passados são apresentados publicamente.

O propósito da investigação é entender a História Pública como algo “para” o público; isto é, de que forma essa audiência reage e lida com o conteúdo apresentado pelo *podcast*. A História Pública como um campo de trabalho, cujo público é o centro de suas preocupações, reflete a discussão levantada por Ricardo Santhiago, que aponta para a possibilidade de produzir história voltada para o grande público, que não seja necessariamente acadêmico, mas também é possível produzir história em conjunto com o público, atendendo a demandas e compreendendo a história feita pelo próprio público. Essas variações e modalidades tornam o campo da História Pública mais complexo e controverso, estimulando debates acerca do assunto. A multiplicidade também se faz presente no que diz respeito à própria história, cujos marcos clássicos são importantes, mas estão sujeitos a revisões cada vez mais frequentes (SANTHIAGO, 2014).

Assim, busca-se solucionar o que Marcelo Téó define como "desequilíbrios narrativos:"

Há atualmente vários “desequilíbrios narrativos”, em que as pessoas sofrem com a ausência de narrativas que lhes provoquem identificação. O grande desafio para os profissionais de ciências humanas é a construção de uma narrativa mais inclusiva no

que diz respeito às linguagens e à sua recepção fora dos muros da universidade (TÉO, 2018, p. 362).

A intenção desta pesquisa é trabalhar com uma ampliação de audiências para a *Rota Ivaí*, fomentando a divulgação da história que de certa forma já foi objeto de análise de pesquisadores, historiadores e jornalistas. Ampliar a divulgação de pesquisa é fundamental, pois, como bem pontua, Carvalho e Teixeira (2019a, p. 10), “são ainda poucos os historiadores que têm se dedicado a divulgar o resultado de seu próprio trabalho para o grande público.” A partir disso, entendemos a necessidade de se repensar a forma como se produz e se divulga a história, aqui como recorte a que envolve a *Rota Ivaí*, no estado do Paraná.

Para construir essa reflexão teórica, é necessário primeiramente ponderar que a prática da divulgação histórica vai além da ideia de apenas alcançar amplas audiências, sendo essencial, cada vez mais, pensar em alternativas de se escrever a história junto aos mais diversos públicos. Nesta perspectiva, Manfredi Scanagatta (*apud* BONALDO) ressalta a importância da busca por novas formas de comunicação e da relação com a *Public History*, “livre para mover-se com auxílio das novas mídias, novas tecnologias”. Para ele, é necessário dialogar mesmo com os públicos que não valorizam a história.

Posto isso, existe uma certa expectativa em pensar a utilização do *podcast* como objeto de estudo e ferramenta de ampliação em benefício de uma abertura do conhecimento acadêmico e histórico para maiores audiências, ou pelo menos a tentativa de criar um diálogo mais acessível a um número maior de interlocutores na sociedade. Levando em conta que vivemos um momento de grandes transformações sociais, é urgente refletir sobre o discurso histórico e pensar em formas de adequá-lo a essas novas realidades. De acordo com Portelli (2016), uma possibilidade para abordar o significado e o impacto das questões históricas sobre a experiência pessoal são as práticas de História Oral e História Pública, as quais, por meio do caráter público da história, são capazes de gerar processos dialógicos entre os mais diversos saberes.

Analisar de que forma o diálogo deve se estabelecer traz à tona a necessidade de discutir as possibilidades de “autoridade compartilhada”. Por meio do formato de mídia que o *podcast* disponibiliza, é possível democratizar o acesso a esses conteúdos devido ao amplo alcance que a internet concede, além de oferecer opções de interatividade que colocam os ouvintes em uma posição de receptores ativos, emergindo possíveis alternativas para as

reflexões levantadas por Serge Noiret ao dialogar sobre o impacto da História Digital no ofício do historiador:

O alcance das mudanças do ofício de historiador por intermédio do digital é de tal ordem que devemos nos perguntar qual será o impacto da história digital sobre as formas tradicionais de narração do passado, e se, ainda com maior profundidade, não devemos rever nossa própria relação com tempos passados e seu declínio em nosso presente, com a memória e com a história. Interrogar-se sobre a presença pública da história permite que nos defrontemos com essas questões cruciais (NOIRET, 2015, p. 34).

Ao refletirmos sobre História Pública Digital, os usos do passado no espaço público e a utilização da mídia *podcast* como forma de promover um diálogo mais amplo, entendemos que a intenção, ao nos beneficiarmos da ferramenta, é colaborar coletivamente na construção de uma História Pública, além de compartilhar e negociar a autoridade com os mais diversos públicos e, ao mesmo tempo, promover para além da academia o trabalho desenvolvido por outros sujeitos. A pesquisadora Anita Lucchesi reflete que é necessário olhar para o uso das tecnologias de forma aprofundada e não apenas de forma superficial. Para a autora, “ao pensarmos em tecnologias, em qualquer tempo, implica uma reflexão sobre cultura, pois o conjunto de conhecimentos que se organizam em torno dessas tecnologias não se limita ao universo dos dispositivos eletrônicos e às diversas máquinas que derivam desses estudos. (LUCCHESI, 2014, p. 46). Na problemática dessa pesquisadora, os avanços tecnológicos influenciam hábitos, moldam os comportamentos, a forma que consumimos e nos relacionamos e, por consequência, o modo como a história é escrita. Dessa maneira, é evidente que a apropriação das tecnologias, inclusive no uso da prática historiográfica, não se faz de maneira superficial.

É interessante pensar que a popularização de narrativas históricas e até mesmo da divulgação científica possam se dar por meio da criação de materiais que permitam transportar uma linguagem comunicacional própria para outras de maior alcance. Deve haver uma preocupação paradoxal para que o meio possa dialogar com a sociedade de forma direta, acessível, horizontal, mas sem perder seu caráter científico e histórico. Ao discutirmos sobre os espaços que a história é produzida, entendemos, por meio de uma série de discussões, que esse âmbito não é mais exclusivo da academia.

Nessas interconexões, para Lucchesi (2014), “à base de todas as ciências, naturais ou humanas, está a informação. O que tem sido observado por diversos estudiosos é que na Era Digital a humanidade tem lidado diferente com a informação, de modo geral, não apenas no

âmbito acadêmico”. Nesse segmento de formação de pensamento, a mídia é apenas um entre diversos grupos de referência, aos quais um indivíduo recorre como fundamento para formar suas opiniões. Claramente o peso de cada grupo de referência tende a variar de acordo com a realidade individual. A autora ainda afirma:

Se, contudo, pensarmos na produção de conhecimento científico no seio das várias comunidades acadêmicas, a situação não é tão diferente. O efeito Google de acesso imediato a informações tópicas, por exemplo, é sentido lá e cá. Obviamente o Google não sintetiza as transformações em andamento, mas constitui um dramático exemplo de como a sociedade tem se informado. Estamos falando do surgimento de redes de informação, da sociedade da informação, baseada na aplicação de novas tecnologias na produção, troca, processamento e divulgação das mesmas (LUCCHESI, 2014, p. 47).

Nessa circularidade, ao discutirmos as narrativas históricas que acabam ganhando destaque por parte da grande mídia, vale ressaltar o que escreveu Jürgen Habermas, em 1960, no livro *O Espaço Público – Arqueologia da Publicidade como dimensão constitutiva da sociedade*, que constitui suas teses sobre a racionalização. O autor expôs o declínio do chamado espaço público. Por ser um ambiente de mediação entre o Estado e a sociedade, esse espaço permitia a discussão pública dos grandes temas em um dialogismo entre a força da razão e a riqueza da troca de argumentos entre indivíduos, em um confronto de ideias e de opiniões esclarecidas (MATTELART, 2000).

De acordo com Habermas, com o desenvolvimento de leis de mercado, a sua intrusão na esfera de produção cultural, inclusive do jornalismo, colocou no lugar dessa argumentação, desse princípio de publicidade e dessa comunicação pública, formas de comunicação cada vez mais inspiradas em um modelo comercial de “fabricação de opinião” (HABERMAS, 1962 *apud* Mattelart, 2000, p. 82). Em outras palavras, ao invés de contribuir com elementos que ajudem na construção da opinião pública, a mídia passou a vender opiniões prontas como mercadorias acabadas. Não por acaso, o próprio Habermas (1962), conforme cita Mattelart (2000), disse que isso equivaleria a uma espécie de “refeudalização” da sociedade, em que as mentes das pessoas seriam novamente colonizadas, mas agora pelas opiniões fabricadas. Retirou-se da sociedade a possibilidade de construir uma opinião pública fundamentada não nas emoções, tradições e crenças (como ocorreria ainda agora, na era da pós-verdade), mas na informação plural, nos argumentos fundamentais e na razão. Nesse cenário, conforme Habermas alertava, o cidadão passava a se tornar um consumidor de

comportamento meramente emocional e aclamatório, e a comunicação pública dissolvia-se em atitudes estereotipadas, de recepção isolada.

Outro frankfurtiano, Herbert Marcuse, denunciou em sua obra sobre a racionalidade técnica e as novas formas da dominação política em tempos de indústria cultural: sob a aparência de um mundo cada vez mais modelado pela tecnologia e pela ciência, consolidava-se a irracionalidade de um modelo de organização da sociedade que subjuga o indivíduo em vez de libertá-lo. Para o autor, essa racionalidade técnica reduziu o discurso e o pensamento a uma única dimensão, promovendo um acordo entre a coisa e a função, entre a realidade e a aparência (MATTELART, 2000). Nos termos dos pesquisadores da Escola de Frankfurt, seria possível a comunicação resgatar seu papel de herdeiro dos espaços públicos de debate dos grandes temas sociais e históricos?

No contexto do conceito de indústria cultural, verificado na ótica dos pesquisadores da Escola de Frankfurt, vale destacar Marcuse (1973), que já denunciava, nos anos de 1960, a importância das técnicas e das tecnologias como nova forma ideológica de dominação. Para ele, um mundo cada vez mais modelado e remodelado pelas tecnologias e pela ciência incorre em uma certa irracionalidade, uma razão instrumental que subjuga o indivíduo, pois, o que era para ser apenas a instrumentalização das coisas, instrumentalizou o homem, que passa a ter atitudes meramente reativas, acríicas, como uma máquina, por exemplo. De acordo com o teórico, ao criar uma dimensão técnica como única, esse mundo tecnológico anulava o espaço do pensamento crítico na medida em que subjuga o indivíduo, dominado por uma racionalidade técnica.

Tal racionalidade técnica mencionada pelos teóricos de Frankfurt pode ser aqui estabelecida como uma possível explicação para a crise comunicacional e o declínio do espaço público, historicamente, com o avanço das tecnologias. Jornalistas, pesquisadores e historiadores precisaram se adaptar às novas técnicas e foram por elas remodelados. E deixando de lado a função social e clássica – na medida em que são subjugados pelo pensamento hegemônico do capital –, afastaram-se do público, cada vez mais considerado apenas como consumidor ou fonte.

Em vista disso, refletimos nesta dissertação sobre como produtos midiáticos contribuem na construção de uma opinião pública. Quando esses se ocupam mais em responder àquelas quatro primeiras perguntas do *lide* (O quê? Quem? Quando? Onde?), em atenção às necessidades mercadológicas do negócio de comunicação, finda por negligenciar

as duas últimas perguntas (Como? Por quê?). Essas são fundamentais para o aprofundamento do tema, e a sua ausência acaba por contribuir para subjugar o indivíduo, submetendo-o a uma opinião fabricada, em vez de libertá-lo, de promover sua autonomia do pensamento, oferecendo informações completas e aprofundadas. Até porque convém não nos esquecermos de que acesso à informação completa e plural é um direito do cidadão⁶.

A intenção deste trabalho, ao apresentar um *podcast* de divulgação da *Rota Ivaí*, é contribuir para um possível impacto na maneira como a história é consumida, além de fomentar um segmento de turismo que envolve as narrativas históricas de uma perspectiva periférica da região que a *Rota* se consolida. Essas narrativas desfrutam de um local de reflexões e debates, criando um espaço que não se beneficia da neutralidade, mas que busca apresentar pontos de vista diversos e demandas sociais que, com o decorrer dos anos, foram inviabilizados pelos valores midiáticos, evidenciando a possibilidade de mediações junto aos mais diversos públicos. Isso é salientado por Benkler, ao enfatizar a emergência de uma esfera pública interligada:

A possibilidade de se comunicar efetivamente na esfera pública permite que as pessoas deixem de ser leitoras passivas e ouvintes e passem a ser oradoras em potencial, partes de uma conversa [...] A rede permite que todos os cidadãos mudem sua relação com a esfera pública. Eles não precisam mais ser consumidores e espectadores passivos. Eles podem se tornar criadores e sujeitos primários. Neste sentido, a internet democratiza (BENKLER, 2006, p. 213).

Com isso, ao discutirmos os valores midiáticos e os critérios que levam um acontecimento a se tornar uma notícia na esfera pública, recordamos o que já foi analisado por Lippmann (2008), de que o papel fundamental da mídia não é vender a opinião pré-fabricada, mas sim apresentar todas as informações com pluralidade e dados, para que o público consiga formar sua própria opinião de forma racional. Nesse segmento de formação de pensamento, a mídia é apenas um entre diversos grupos de referência aos quais um indivíduo recorre como fundamento para formar as suas opiniões. O peso de cada grupo de referência claramente tende a variar de acordo com a realidade individual.

A escolha pelo desenvolvimento e análise de audiência de um *podcast* como objeto de investigação no programa de História Pública se dá levando em consideração o cenário que

⁶ Ver Lei de Acesso à Informação (LAI), nº 12.527, de 18 de novembro de 2011, implementada na Administração Pública Federal no ano de 2012, a partir do Decreto nº 7.724, de 16 de maio de 2012. Disponível em:

https://www.gov.br/acessoainformacao/pt-br/central-de-conteudo/publicacoes/arquivos/aplicacao_lai_2edicao.pdf
f Acesso em: 7 abr. 2022.

vivemos, segundo Jenkins (2008), um ambiente convergente, no qual existe toda uma “cultura de convergência”, resultado da colisão de velhas e novas mídias, “onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2008, p. 29). Ao falar de convergência, o autor se refere ao

[...] fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2008, p. 29).

Seguindo a linha de pensamento do autor, convergência é uma palavra que define as transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais. O jornalismo está inserido nessas mudanças, já que participa ativamente desse novo cenário midiático. Nesse novo ambiente, “os consumidores são incentivados a procurar por novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos” (JENKINS, 2008, p. 30). Foi nessa cultura de convergência que os consumidores deixaram de apresentar comportamento passivo com relação aos meios de comunicação e iniciaram o processo mais participativo na construção das mídias, interagindo e até mesmo trabalhando em conjunto com os produtores (JENKINS, 2008). Para o teórico, “a convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros” (JENKINS, 2008, p. 30), e não por meio de aparelhos tecnológicos, por mais avançado que esses sejam.

Tendo em vista que essa mudança afeta o comportamento, também interfere nos mercados midiáticos, nas produções dos saberes e na forma que as narrativas históricas serão apresentadas. É importante ressaltar que o autor não exclui o avanço tecnológico desse processo, já que as novas tecnologias midiáticas permitiram “que o mesmo conteúdo fluísse por vários canais diferentes e assumisse formas distintas no ponto de recepção” (JENKINS, 2008, p. 38). O pesquisador reconhece que estamos em uma era de transição midiática que impacta a relação entre públicos, produtores e conteúdos midiáticos, remodelando toda a cultura popular e, conseqüentemente, os processos de produção.

Ao discutirmos sobre os espaços que a história é produzida, entendemos, por meio de uma série de discussões, que esse âmbito não é mais exclusivo da academia. Com o avanço tecnológico, as esferas digitais revolucionaram os meios de produção e de circulação das narrativas sobre o passado. De acordo com Rosenzweig (2011), temos, por um lado, a escassez de material, dado o caráter efêmero dos websites; por outro, ao contrário, a

abundância de fontes disponíveis na rede. Tudo isso exige que se pense na verdadeira transição de paradigmas que vivenciamos, de uma era de escassez para uma era de abundância. Assim, o desígnio desse projeto é abranger as potencialidades da internet para a prática historiográfica.

Dentre as possibilidades existentes, o formato de mídia *podcast* é o que melhor se enquadra nas intencionalidades do projeto. Segundo Foschini e Taddei (2006), *podcast* é um meio rápido de disseminar sons pela internet. Esse neologismo foi criado a partir da junção de duas palavras: o prefixo “*pod*”, proveniente do termo iPod, tocador de arquivos digitais de áudio fabricado pela empresa Apple Computer, com o sufixo “*casting*”, que é derivado de *broadcasting*, que significa transmissão, em inglês. No *podcast*, há uma tendência do indivíduo ser livre para consumir o conteúdo quando, onde e no dispositivo que desejar. O ouvinte deixa de ser refém da imposição das grades de programação dos formatos de mídias tradicionais. Ouvir um *podcast* não é mais como ouvir uma rádio onde se diz “o que será que está passando?”, mas se torna uma ferramenta criativa onde se diz “vou ouvir o que eu quero,” devido à sua principal característica: um conteúdo *on demand*.

Ao direcionar a reflexão para a História Pública, é possível observar o que Ludmilla Jordanova juntamente com a Royal Historical Society sugerem como prática: usar uma ampla rede de profissionais de elite, com alto rigor técnico e com diálogos estabelecidos e sincronizados junto às produtoras de produtos culturais de massa (como TV, Rádio, Cinema e Jogos), com o intuito de se alcançar um público mais amplo⁷.

Por meio de algumas perguntas, Jordanova estabelece como mudar o modo como a história importa e as maneiras pelas quais faz isso, considerando que a história existe em muitas formas e está por toda a parte. Para a autora, a reflexão norteadora deveria partir de como mais pessoas podem ser motivadas a dar atenção às complexidades da história e quais seriam os mecanismos de comunicação e de debate que poderiam ser desenvolvidos para que a primeira premissa fosse respondida. Nessa discussão, evidenciamos que também é papel do historiador público estabelecer parcerias com jornalistas, *web-designers*, bibliotecários, ao ponto de respeitar cada área de atuação, reforçando a preocupação de não fazer do espaço público apenas uma distorção.

⁷ JORDANOVA, Ludmilla. How history matters now. History & Policy. London 2008. Disponível em: <<https://www.historyandpolicy.org/policy-papers/papers/how-history-matters-now>>. Acesso em: 1 set. 2022.

Juliana Sayuri e Viviane Borges (2019), ambas autoras do artigo *O historiador e a mídia: diálogos e disputas na arena da história pública*, discorrem que, dentro do que foi proposto por Ricardo Santhiago, a dimensão da História para os públicos se refere ao modo como esses se apropriam das obras, de suas narrativas e das temáticas históricas, inserindo novamente esses significados no tempo presente. Para as autoras, é necessário considerar como os produtores das obras embebidas com temáticas históricas articulam as linguagens para compreensão das narrativas pelos públicos.

Sayuri e Borges (2019) ponderam, ainda, que é do trato da História para o público que o historiador mantenha um site – ou qualquer outra plataforma digital – como forma de disseminar as suas pesquisas. No entanto, é importante ressaltar a diferença entre o trato comunicativo e de fontes, se comparado a um jornalista, que também atua nas vias digitais. Não é a proposta das autoras, por outro lado, se ater a essas diferenças, mas sim propor estratégias de colaboração. Para elas, o primeiro fundamento da História Pública é compreender como existem diversos tipos de usos sobre o passado que estão associados a múltiplas mídias, como é o caso do cinema, das séries de TV, dos *podcasts*, dos jogos, das redes sociais e dos documentários que concentram grandes públicos de consumidores.

Ricardo Santhiago (2016) sustenta que é possível conceituar a História Pública como um grande “guarda-chuva conceitual”, bem como colocar a audiência no centro dos debates sobre a prática. Em sua compreensão, a História Pública engloba perspectivas epistemológicas que envolvem os usos do passado, da memória e as demandas sociais resultantes dessas questões. O que torna esse campo particularmente inovador é a reflexão sobre a interseção de agentes envolvidos na promoção desse tipo de conhecimento histórico e as oportunidades de preencher lacunas em discussões acadêmicas e/ou públicas.

Para esse processo, é preciso considerar a história em um sentido amplo e forte, como uma ciência formal que demanda habilidades especializadas, expertise e conhecimento, incluindo um entendimento crítico de fontes materiais e uma familiaridade com uma variedade ampla de maneiras com as quais evidências podem ser interpretadas, já que a história deve envolver um público ampliado de formas seletivas. O historiador público seria, na compreensão de Liddington (2011), aquele responsável por centralizar e mediar o debate sobre o passado e as práticas históricas junto dos seus amplos públicos, mas com o dever de manter o alto rigor técnico no trato do passado. É, desse modo, no entrelaçamento entre as apropriações de história, de memória e de convergência das mídias junto dos seus públicos

que se percebe a necessidade de os historiadores públicos assumirem um lugar na prática para a consolidação de um debate público que já se encontra difundido nas academias.

É vital, por fim, considerar que a História Pública se faz a partir de como e não sobre o que ela é, construindo para o público e na companhia do público, observando ainda as múltiplas emergências de representações sobre o passado e a necessidade de historiadores se tornarem mediadores entre o passado e seus públicos.

1.2 Podcast e o cenário das narrativas transmidiáticas

As tecnologias aparecem sempre como parceiras da comunicação, quando observamos as suas fases históricas: o papel, a prensa, a eletricidade, as ondas eletromagnéticas, o satélite, a internet, as redes sociais. Ao mesmo tempo em que esses parceiros permitiram avanços na qualidade ou no alcance de uma comunicação de massa, pressionaram – e alguns ainda pressionam – e impuseram novos desafios, como o de uma realidade cada vez mais transmidiática.

Um exemplo dessa convergência de novas mídias é o *podcast* como produto sonoro. Parecia futurístico imaginar, ao longo do desenvolvimento tecnológico da história da comunicação, uma mídia radiofônica, no formato dos programas de rádio, sendo produzida, transmitida e publicizada em meio digital, sem qualquer tipo de submissão das grandes estruturas de transmissão de sinal que as rádios tradicionais tanto dependiam. Todo esse avanço comunicacional foi possível devido à convergência de mídia que, além de uma mudança tecnológica, proporcionou uma transformação cultural, ao considerar que o fluxo de conteúdo que perpassa os suportes e os espaços midiáticos contribuíram para que os consumidores adotassem um comportamento de sujeitos participativos.

Criado a partir do rádio no processo de convergência, o formato *podcast* já passou por muitas atualizações em seus estilos, formas de consumo e plataformas de ancoragem. Atualmente, vários programas de reprodução de áudio já produzem *podcasts* originais e distribuem programas de grandes veículos de comunicação, além de produtores independentes. De acordo com a PodPesquisa⁸ de 2019 e 2020, o *Spotify* é a plataforma de

⁸ Disponível em:

<<https://drive.google.com/file/d/1JkPcMpGRbe6uYVwNVRKDXsY9vLeCXFvn/view?usp=sharing>>. Acesso em: 15 set. 2022.

*streaming*⁹ mais usada para o consumo de *podcasts*. Além disso, boa parte dos materiais ancorados na plataforma corresponde a produções independentes, ou seja, não segue uma linha editorial. Por isso, o impacto pode se dar de diferentes formas na audiência, já que os produtores não têm o compromisso com a informação repassada ao público, ignorando, muitas vezes, a checagem e a averiguação dos assuntos discutidos. Dessa forma, são repercutidas opiniões baseadas em assuntos falsos, achismos e sensacionalistas.

Apesar disso, os internautas continuam consumindo *podcasts*, e a maneira com ocorre a absorção desses conteúdos ainda está sendo compreendida pelos produtores de materiais pela sociedade. De certa forma, essa percepção do comportamento dos consumidores é muito afetada pelo grande número de *podcasts* produzidos na atualidade. De acordo com um estudo da *State of the Podcast Universe* da *Voxnest*, o número de materiais radiofônicos inéditos ancorados em plataformas de áudio cresceu 103% somente em 2020¹⁰.

Diante dessa nova forma de consumir e da grande demanda, os fornecedores dos conteúdos também passaram por uma adequação. Com a grande competitividade do mercado e a seletividade dos consumidores, os produtores precisaram se arriscar mais em seus materiais para conquistar os internautas e, para isso, tiveram que entender mais sobre o público de seus conteúdos. Todas essas alterações causadas pela convergência são especificadas da seguinte maneira:

A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. [...] A convergência refere-se a um processo, e não a um ponto final (JENKINS, 2008, p. 43).

Para se encaixarem nesse novo formato, algumas mídias foram readaptadas e reconfiguradas, sendo o rádio tradicional a principal delas (VIANA; PERNISA JÚNIOR, 2020). A partir dessas mudanças, programas de *podcast* também começaram a ocupar um espaço nas narrativas transmidiáticas, aspecto assim explicado por Jenkins:

⁹ Serviços que possibilitam a transmissão de conteúdos pela internet, sem a necessidade de o usuário fazer *download* para ter acesso ao conteúdo.

¹⁰ Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/producao-de-podcasts-no-brasil-cresce-durante-a-pandemia.7025d9c72eed3c2d8e639197fbffd56ahvaps6cj.html>. Acesso em: 22 set. 2022.

A narrativa transmídia refere-se a uma nova estética que surgiu em resposta à convergência das mídias – uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento. A narrativa transmídia é a arte da criação de um universo. Para viver uma experiência plena num universo ficcional, os consumidores devem assumir o papel de caçadores e coletores, perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais, comparando suas observações com as de outros fãs, em grupos de discussão on-line, e colaborando para assegurar que todos os que investiram tempo e energia tenham uma experiência de entretenimento mais rica (JENKINS, 2008, p. 47).

Mesmo que o conceito, inicialmente, tenha sido aplicado a histórias ficcionais, muitos produtores de conteúdo em áudio perceberam que seus trabalhos se encaixavam nessa definição. Com o avanço das mídias sociais, os *podcasts* ganharam ainda mais força, apresentando um crescimento evidente em novas publicações. Segundo Barbosa e Moreira (2015), o formato de transmissão de áudio teve início em 2004, quando o ex-*Video Joke* Adam Curry e o programador Dave Winer criaram um *software* capaz de anexar arquivos de áudio pela internet. O nome *podcast* surgiu, por sua vez, a partir da pioneira do gênero: a Apple.

Como já ressaltado, o termo *podcast* foi criado por meio da junção do termo *iPod*, que se refere ao aparelho comum na época para escutar músicas e materiais sonoros, com a palavra *broadcast*, que significa transmissão. A convergência dessas palavras se transformou em *podcast*, definido como a expressão “transmissão para iPod” (ABUD; ISHIKAWA; GONZAGA, 2019). Ainda nos primórdios do formato, os *podcasts* não faziam muito sucesso entre os consumidores de conteúdos em áudio, como salientam Abud, Ishilawa e Gonzaga:

Antes do surgimento do Google *Podcasts* e da distribuição em plataformas de áudio como Spotify e Deezer, havia uma parcela de potenciais ouvintes que não buscavam a mídia por acreditarem que era preciso assinar para receber os episódios e, conseqüentemente, pagar por isso (ABUD; ISHIKAWA; GONZAGA, 2019, p. 14).

Atualmente, com o domínio dos celulares e o desuso dos iPods, a Apple perdeu espaço para o *Spotify* (plataforma de áudio mais usada no mundo, conforme pesquisa da MIDiA Research, que analisou os dados do segundo trimestre de 2021) e está iniciando as suas primeiras produções originais. Apesar de já ter se popularizado, o produto radiofônico ancorado na internet tem diferentes explicações. Para Pablo de Assis,

O *podcast* já recebeu diversas definições, umas mais precisas, outras menos. Ele já foi chamado de uma “espécie de rádio pela internet”, ou ainda “uma forma de fazer download de arquivos de áudio”. Porém, por mais que aqueles que nunca ouviram

falar do que é um *podcast* consigam ter uma imagem do que seria isso, essas definições não dão conta dessa nova mídia. O *podcast* pode ser definido brevemente como um arquivo de mídia, tradicionalmente um arquivo de formato de áudio, transmitido via *podcasting*. E *podcasting* pode ser definido como uma forma de transmitir arquivos digitais, através da internet, utilizando a tecnologia feed RSS e um agregador (ASSIS, 2014, p. 29-30 *apud* GABRICH; COSTA, 2018, p. 48).

Como indicado pelo autor, o *podcast* conta com diversas definições referentes à linguagem sonora disposta em formatos de arquivo na internet. Esse gênero, porém, também é caracterizado por seguir um formato híbrido, como apontado por Viana e Pernisa Júnior:

[...] o *podcast* assume um formato híbrido por ser criado e compartilhado através de plataformas digitais. Isso significa que, mesmo tendo o áudio como mídia principal, sendo ele autônomo e considerado formato radiofônico, o *podcasting* lança mão de outras ferramentas multimídia na composição de sua narrativa (2020, p. 2).

Isso quer dizer que os *podcasts*, além de serem produzidos em formato radiofônico, ainda estão presentes em vários meios, como redes sociais e sites, estando ancorados materiais complementares ou extras que contribuem para a construção da narrativa. Tal prática pode ser definida como transmídia e segue uma ideia de rádio expandido, já que não se limita ao produto radiofônico, como explica Kischinhevsky:

O rádio expandido, remediado pelos meios digitais, pode oferecer não apenas seus elementos sonoros tradicionais – voz, música, efeitos –, mas também imagens, vídeos, gráficos, links para blogs e toda uma arquitetura de interação (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 133 *apud* VIANA; PERNISA JÚNIOR, 2020, p. 5).

Diante de tudo o que foi apresentado, e se ponderarmos que *podcasts* não são ouvidos "por acaso", ou seja, não são consumidos espontaneamente (ASSIS, 2014, p. 39 *apud* GABRICH; COSTA, 2018, p. 49), a discussão levantada por esta dissertação se mostra ainda mais importante para compreendermos de que maneira o formato *podcast* pode se tornar uma ferramenta de divulgação histórica e impulsionadora das potencialidades regionais. Por mais que os *podcasts* já existam há mais de 15 anos, esse ainda é um campo de pesquisa e de aprofundamento teórico muito recente para a comunicação, haja vista que não faz muito tempo que simpósios, pesquisas de mestrado e doutorado passaram a abordar essas audiências, seus impactos e a adaptação do campo da História a esses novos formatos.

1.3 Pesquisas sobre podcast

Em virtude do formato de mídia que o *podcast* se caracteriza, a sua popularização aconteceu de maneira mais tardia nas práticas de uso da internet no Brasil. Conseqüentemente, é notável que as pesquisas sobre os usos e as práticas da ferramenta podem ser consideradas relativamente recentes.

Ao elaborarmos esta pesquisa, realizamos uma busca na plataforma *Google Acadêmico* com o intuito de reunir artigos científicos que tratam sobre a área. Na procura, utilizamos a palavra-chave ‘Estado da Arte *Podcast*’ e a seleção foi ordenada por *relevância* do algoritmo do *Google*. A Tabela 2 alista os oito artigos mais bem ordenados por relevância:

Tabela 2: Ordem de Relevância de pesquisas no Google Acadêmico

AUTORES E ANO DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO	TEMA	UNIVERSIDADE
BOTTENTUIT JUNIOR; COUTINHO, 2007	Podcast em Educação: Um contributo para o Estado da Arte	Podcast e Educação	Universidade do Minho - Braga - Portugal
VIANA, 2020	Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora	Podcast e Mídia - levantamento bibliográfico	Universidade Federal de Juiz de Fora - Minas Gerais - Brasil
COUTINHO; LISBÔA, 2011	Perspectivando modelos de formação de professores que integram as TIC nas práticas letivas: um contributo para o estado da arte	Podcast e Educação	Universidade do Minho - Braga - Portugal
BONIXE, 2010	A rádio informativa portuguesa na internet: O estado da arte	Podcast e Mídia - levantamento bibliográfico	Escola Superior de Educação de Portalegre - Portugal
ISOTANI; BITTENCOURT; MIZOGUCHI; COSTA, 2009	Estado da Arte em Web Semântica e Web 2.0: Potencialidades e Tendências da Nova Geração de Ambientes de Ensino na Internet	Podcast e Educação	Instituto de Pesquisa Científica e Industrial - Osaka - Japão Universidade Federal do Alagoas, Maceió - Brasil
CUÑADO; APARECIDA; RIBEIRO; CREMONEZ, 2022	Podcast: um recurso para formação executiva, a ser explorada por empresas brasileiras	Podcast e Educação (Empresarial)	Universidade europeia do Atlântico - Cantábria - Espanha
SOUSA, 2021	Comunicação de Ciência	Podcast e Saúde	Universidade do Porto -

	na área da Saúde por meios Audiovisuais Digitais		Portugal
COUTO;MARTINO, 2018	Dimensões da pesquisa sobre podcast: trilhas conceituais e metodológicas de teses e dissertações de PPGComs (2006-2017)	Podcast e Mídia - levantamento bibliográfico	Faculdade Cásper Líbero - São Paulo - Brasil

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Dos artigos selecionados por ordem de relevância pelo algoritmo, percebemos que há três artigos de universidades brasileiras contra cinco de universidades estrangeiras (quatro portuguesas e uma espanhola). Apesar da riqueza que a pluralidade cultural e internacional pode fornecer a esta pesquisa, nosso objeto trata do contexto brasileiro. Portanto, restringimo-nos à bibliografia sobre *podcast* na América Latina e no Brasil, sobretudo. Das bibliografias brasileiras apontadas, optamos pelos trabalhos de Ana Luiza S. Couto e Luís Mauro Sá Martino (2018) e de Luana Viana (2020), por serem mais recentes e se encaixarem nas discussões sobre *podcast* e mídia com levantamento bibliográfico, e o estudo de Isotani *et al.* (2009), que aborda a relação de *podcast* e educação.

Acerca das pesquisas em *stricto sensu* mestrado e doutorado, consultamos o *Catálogo de Teses e Dissertações*, na plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando a palavra-chave '*podcast*', em publicações mais recentes (2018). Conforme a Tabela 3, encontramos 10 dissertações de mestrado, seis em programas de mestrado profissional e quatro em programas de mestrado acadêmico.

Tabela 3: Pesquisas sobre *Podcast*, em 2018, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

TÍTULO	DIVULGAÇÃO	TEMA	PROGRAMA
Podcasts no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa: o trabalho com a variação linguística na era digital	Não autorizada	Podcast e Educação	Formação de Professores (Universidade Estadual da Paraíba)
Podcast e a relação ensino aprendizagem na odontologia	Não autorizada	Podcast e Educação	Odontologia (Faculdade Ilapeo)
“A nova era de ouro do rádio?: Historicidades,	Autorizada	Podcast e estudos Culturais (Hoggart,	Comunicação e Cultura Contemporâneas

tecnicidades e sensibilidades de podcasts brasileiros”		Williams, Thompson, Hall)	(Universidade Federal da Bahia)
Proposta de repositório digital para armazenamento de podcasts educativos	Não autorizada	Podcast e Educação	Educação Profissional e Tecnológica (Universidade Federal de Santa Maria)
Para além de uma dúvida razoável: Serial e a busca da verdade	Autorizada	Podcast e Serial - Estudo de Caso	Comunicação Social (Universidade Federal de Minas Gerais)
EducaPod: uma ferramenta de mobile-learning com tecnologia assistiva para pessoas com deficiência visual	Autorizada	Podcast e Educação	Tecnologia e Gestão em Educação a Distância (Universidade Federal Rural de Pernambuco)
Implementação do Podcast como ferramenta de ensino e orientação aos profissionais da área Odontológica	Não autorizada	Podcast e Educação	Odontologia (Faculdade Ilapeo)
Podcasts de Storytelling: A produção de narrativas históricas digitais para o ensino de história	Autorizada	Podcast e Educação	Ensino de História (Universidade federal de Santa Catarina)
Podcast Café Brasil: um estudo como subsídio ao professor de Língua Portuguesa	Autorizada	Podcast e Educação	Linguística Aplicada (Universidade de Taubaté)
O Podcast e a leitura oralizada como recurso para o envolvimento de alunos do ensino médio nas aulas de literatura	Autorizada	Podcast e Educação	Ensino de Línguas (Fundação Universidade Federal do Pampa)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Ao observar as dissertações divulgadas, verificamos que 80% dos trabalhos tratam da relação do *podcast* e seu vínculo com a educação nas diversas áreas: língua portuguesa, literatura, história e até odontologia. Há dois trabalhos que se distinguem por sua metodologia em revisão bibliográfica temática, para além do tema de *podcast*, estabelecendo relações com a Escola de Birmingham de Estudos Culturais, por meio de autores Richard Hoggart, Raymond Williams, Edward Palmer Thompson e Stuart Hall. O estudo de Paula Janay de Oliveira (2018) recorreu aos estudos culturais para dissociar a separação entre alta e baixa

cultura, além de compreender a teoria da comunicação e as suas práticas comunicativas a partir do viés desse campo teórico. A pesquisa de Diogo Rocha (2018), por sua vez, traçou um Estudo de Caso sobre o *podcast Serial*, que conta uma história de um caso real de assassinato. Para além desses dois casos específicos, as dissertações tratam sobre a prática do *podcast* como instrumento de ensino em sua diversidade de casos.

Os programas de pós-graduação no Brasil contribuíram para a realização de uma parcela significativa das pesquisas realizadas nesse âmbito. Por exemplo, a dissertação de Daniel Carvalho Pereira, intitulada *Espaços públicos, saberes públicos: um podcast como espaço de ensino de história*, propôs a produção de um *podcast* como ferramenta para auxiliar o ensino de História, fomentando por intermédio de um grupo de historiadores, e, em sincronia com o público, debates sobre os espaços públicos e midiáticos, trazendo à tona o papel da História Pública no âmbito dessa discussão.

Em um rápido levantamento, constatamos que boa parte das pesquisas desenvolvidas aborda o uso do *podcast* como uma ferramenta pedagógica para o campo do ensino de História. O que podemos notar é que não há bibliografia produzida com temas específicos de *podcast* e História Pública ou *podcast* e divulgação histórica. Em vista desses aspectos, reforçamos e justificamos a relevância de nossa pesquisa.

1.3.1 Sobre o conceito de *podcast* e sua pesquisa

Para os pesquisadores Ana Luiza S. Couto e Luís Mauro Sá Martino (2018), o *podcast* é um fenômeno diverso e, em vista disso, não é fácil o conceituar academicamente. A tarefa de circunscrição do *podcast* como objeto de pesquisa é sempre um desafio para o pesquisador, especialmente por se tratar de um fenômeno relativamente novo (no Brasil, surgiu em 2004). Mesmo com 18 anos de tempo de pesquisa, o estudo crítico ainda não conseguiu o definir em categorias sólidas e estruturadas.

Couto e Martino (2018) pesquisaram um total de 14 dissertações e teses de doutorado, entre 2006 e 2017, com o intuito de criar uma base de dados bibliográficos acerca do tema. Além disso, tomaram como temática os caminhos teóricos, as metodologias, as bibliografias e a diversidade de definições sobre o que é *podcast*. Os autores comentam a não especificidade de uma área para tratar de *podcasts*. Apesar da tendência de vincular o tema ao campo da Comunicação, o tema disputa espaço e abordagens com as áreas de Educação e Letras e de Linguística, principalmente. (COUTO; MARTINO, 2018). Nesta dissertação, por

outro lado, é nosso escopo demonstrar uma abordagem dentro da área de História Pública, com sua metodologia própria de abordagem.

Com relação à definição de *podcast*, a literatura não consegue especificar os seus limites. Apesar do prefixo *-pod* originar-se do produto da Apple, o iPod, Obici (2006) especifica e define que não se trata apenas de uma mídia sonora, mas que deve estar vinculada a um *feed* RSS, um agregador que alimenta *softwares* e usuários com novos dados, no caso, novos episódios de um *podcast*. Além dessa definição, há autores que traçam paralelos similares:

Definindo o podcast como um produto do ambiente virtual, Medeiros (2007, p.81) identifica três dimensões: “o Modelo Metáfora de um programa de rádio, o Modelo Editado da grade de programação e o Modelo Registro” Por sua vez, Cury (2016, p. 12) define, em nota de rodapé, “podcasting” como “Forma de publicação de arquivos de mídia digital (áudio, vídeo, foto, etc.) por meio da internet, que permite aos usuários acompanhar a sua atualização”. Carvalho (2013, p.1), trabalhando a partir de Primo (2005), indica o podcast como “programas sonoros que podem ser buscados na Internet” e “que normalmente vinculam-se a um blog, espaço onde se tem acesso a conteúdo em diversas linguagens e onde pode ocorrer a interação entre os participantes do processo” (COUTO; MARTINO, 2018, p. 62).

Observamos que esses autores, sobretudo Cury (2016) e Carvalho (2013), apresentam definições que são dependentes do vínculo com o agregador RSS. O acompanhamento das atualizações só possíveis é possível por conta da alimentação feita entre aquele que agrega e o receptor. Do mesmo modo, o vínculo com *blog* ou outros *sites* na internet necessita do mesmo recurso. Sobre a definição feita por Medeiros (2007), ela se subdivide em três conceitos: a) Metáfora; b) Editado; e c) Registro. O primeiro se dá pela forma metafórica com o rádio, contando com locutor, blocos musicais, notícias, vinhetas e outros. O modelo foi idealizado com Adam Curry para um programa personalizado que correspondesse aos gostos privados do apresentador (FIORI, 2022)¹¹. Algo específico do conceito de *podcast* ‘Metáfora’ é a personalização dos temas, diferenciando-se dos programas tradicionais com temas que visam a uma grande audiência.

O segundo conceito, segundo Medeiros (2007), tem sua definição da expressão ‘Editado da Grade’, cujas origens remontam à iniciativa das rádios institucionais para oferecer aos seus ouvintes o recurso de baixar um programa específico da grade e ouvi-lo *on demand* ou quando quisesse. O objetivo primário era de possibilitar uma reprise do programa àquele

¹¹ FIORI, W. A história do Podcast. **Jornal Tribuna**. Disponível em: <<https://jornaltribuna.com.br/2022/10/a-historia-do-podcast/>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

ouvinte que perdesse uma edição por conta de um compromisso. Nesse caso, o programa é gravado ao vivo e depois editado, com cortes das melhores partes da grade de programação¹². Os cortes são oferecidos para *download*, todavia, não estão vinculados com agregador, o que não os torna tecnicamente um *podcast*, visto que estão ausentes do vínculo técnico com o RSS, conforme afirma Medeiros (2007). O autor define *podcast* com base em seu formato, não exclusivamente pelo vínculo ao agregador. Para ele, o fenômeno do *podcast* se caracteriza por não ter fluxo de transmissão contínuo e por conter alguns elementos radiofônicos, mas são classificados como não radiofônicos¹³. Por isso, denomina o modelo ‘Editado’ de *podcast*, algo que parece se distanciar da versão apresentada por Cury (2016) e Carvalho (2013), visto que ‘acompanhar’ os episódios e disponibilizá-los em sites, blogs e portais poderia não ser feito exclusivamente por agregador RSS.

O último modelo apresentado por Medeiros (2007) é o ‘Registro’. Registra-se um *audioblog*, que é vinculado a um RSS para disponibilização em plataformas de *podcast*. O registro pode ser de temas variados e conteúdos diversificados. A diferença com os demais modelos é que o registro tem uma estrutura completamente desvinculada da rádio tradicional, não pretende ser uma metáfora, nem mesmo uma edição de um programa de rádio tradicional ao vivo. A sua autonomia e criatividade sonora são registradas e divulgadas.

Outra pesquisadora que lida com as bibliografias contemporâneas acerca de *podcast* é Luana Viana (2020); ela delinea como os estudos relacionados ao rádio e à mídia sonora contemplam as questões referentes ao *podcast*. Para tanto, elenca artigos publicados nos anais dos principais eventos de comunicação do país que apresentam a palavra *podcast* no título. No total, a autora localizou 34 trabalhos distribuídos entre os seguintes eventos nacionais: Alcar, Compós, Intercom e SBPJor, no recorte entre 2004 e 2019. Os resultados apontaram para a consolidação dos temas relacionados ao *podcast* nos estudos de rádio e mídia sonora, além de evidenciar que esse formato apropria várias formas anteriores de expressão sonora em uma pluralidade de configurações, desafiando a delimitação em uma única definição.

Em acréscimo ao estado conceitual do termo *podcast*, a pesquisadora, conjuntamente com Vicente (2018), argumenta que o fundo conceitual do termo deve se referir a programas

¹² Um fenômeno similar pode ser observado na tendência dos modelos de cortes de *podcast*, distinto do ‘Editado da Grade’, que seria um programa de rádio que passa a ser cortado e se torna um *podcast*. Os cortes de *podcast* tornaram-se tendência em 2021 (AQUINO, 2021).

¹³ Para a distinção entre elementos radiofônicos e não radiofônicos, sugerimos a leitura deste texto: MAFRA; VIANA; SOUZA. Linguagem Radiofônica: o sistema de comunicação aplicado na divulgação científica no rádio. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Caxias do Sul, RS - 2 a 6 de setembro de 2010.

isolados, não sendo necessária uma grade de programação. Ademais, a relação com a audiência se dá por meio da periodicidade do programa, podendo ser diário até mensal. Além disso, o *podcast* contemporâneo possui uma tendência de afastar-se da linguagem radiofônica e produzir uma prática cultural autêntica.

De acordo com Viana (2020), na maioria das pesquisas sobre o tema, a tendência metodológica são estudos de caso e revisão bibliográfica. Reforçamos, dessa maneira, que, nesta dissertação, no capítulo conceitual, recorreremos à mesma metodologia. No estudo de Viana (2020), das 34 obras analisadas, doze eram revisões bibliográficas e quatro estudos de caso. A autora alerta, em tom hipotético, que essas “são as ferramentas metodológicas usadas mais frequentemente, talvez pelo caráter embrionário do *podcast* e pela escassez/ausência de métodos exclusivos” (VIANA, 2020, p. 6) Ainda que minoritárias no campo metodológico, outras pesquisas realizaram análise de conteúdo, pesquisa exploratória, crítica de processo, netnografia, ‘teoria ator-rede’ e análise descritiva.

Apesar da dificuldade conceitual já explanada e a ausência de uma metodologia padrão e tradicional desse fenômeno relativamente novo para as pesquisas acadêmicas, é fundamental investigarmos sobre quais características definem essa mídia em seu devir. Ainda que uma análise como essa se assimile ao estado da arte conceitual, isso é profícuo para investigar as diferenças e as peculiaridades que os pesquisadores registram acerca do *podcast*.

Com relação ao conceito e à tipificação da audiência, trata-se de um elemento ausente na maioria dos trabalhos, revelando-se, assim, uma característica de não distinção ou definitório do *podcast*. Por outro lado, o conceito de autonomia se mostra conceitual e de importância para a caracterização da peculiaridade do *podcast* nos trabalhos observados. A autonomia se caracteriza pela independência do ouvinte poder acessar o conteúdo, por meio do *download*, e ouvi-lo quando desejar, repetir a sua reprodução conforme a sua vontade, alterar a velocidade da reprodução do áudio confortável seu gosto; portanto, não se limita a uma programação externa, como a do rádio tradicional (CARVALHO, 2013).

Além da autonomia, outros temas frequentes nos trabalhos acadêmicos para auxiliar na definição de *podcast* são a descentralização, a horizontalização e a assíncronização (VIANA, 2020). Esses elementos têm características em comum: o fato de não estarem centralizados na mídia tradicional, permitem o acesso a uma ampla comunidade de ouvintes conforme o interesse e a demanda (acesso horizontal) e poderá possibilidade de ouvir, pausar,

repetir, acelerar e voltar o programa, ações que só são possíveis devido à assincronia na qual o programa é disponibilizado para *download* ou *streaming*.

Acerca dos elementos para disponibilização do *podcast*, Luana Viana (2020) aponta para elementos que historicamente foram empecilhos: uma internet de baixa qualidade em termos de velocidade e conectividade que impediam baixar e acessar o *streaming* com uma boa qualidade; e dispositivos de difícil acesso para a população, com baixa memória ou dificuldades de conexões e estabelecimento de banda contínua. Essas dificuldades foram superadas com o avanço tecnológico da internet e dos celulares.

A pesquisa de Melo (2020) também corrobora quanto às dificuldades do uso das plataformas. A pesquisadora destaca a internet como a base para essa construção, sendo que as redes precárias dificultam o uso das ferramentas. Além disso, é necessário um letramento digital para que os usuários saibam utilizar as de modo adequado as ferramentas. Por fim, o grande desafio do *podcast* na atualidade é a disseminação de um conhecimento livre na internet, fato que elevou a desconfiança de sua veracidade; assim, não é algo fácil para o *podcast* contemporâneo mostrar a sua veracidade e demonstrar fontes seguras como fundamento de sua pesquisa. Essa é uma demanda que não está mais apenas nos programas com fins educativos e acadêmicos; em meio à popularização das chamadas “*fake news*”, os criadores de conteúdos passaram a se preocupar cada vez mais em divulgar fontes seguras em seus programas.

Após vasta investigação bibliográfica, Couto e Martino (2018) concluem que é complexo estabelecer uma elucidação precisa do conceito de “*podcast*”. É plausível, para os autores, vislumbrar um certo distanciamento com relação ao meio radiofônico: o *podcast* não se configura como um mero “rádio digital”, mas sim uma modalidade que se constitui por meio de práticas colaborativas em múltiplas plataformas, as quais se pautam, predominantemente, mas não necessariamente, na estreita relação com a produção sonora. Do ponto de vista conceitual, a noção de “*podcast*” parece ser construída em torno de um núcleo relacionado à produção de conteúdo sonoro em ambiente digital, contudo, sem uma especificação completa das características que permitam distinguir *podcasts* de outras formas de produção e circulação de comunicação. Se a dimensão sonora parece ser predominante, é válido ressaltar que conceitos como “produção colaborativa” e “mobilidade” também estão associados a essa questão.

Apesar da definição e vínculo com RSS, comum em muitos dos estudos apresentados até aqui, essa ainda está em disputa ao passo que outras pesquisas apresentam conceitos divergentes dessa possibilidade. As sugestões de Couto e Martino (2018) são de uma definição aberta e ainda em construção e que o fenômeno deve continuar a ser observado para que se mantenha em curso a tarefa conceitual de delimitação. Em complemento a essa definição, Luana Viana (2020, p. 14) justifica que a dificuldade encontrada na delimitação do conceito de *podcast* se dá pela “hibridização que compõe esse formato é característica dos meios digitais e suas constantes transformações reforçadas pela cultura da convergência, o que nos revela a um objeto plural [...] o que resultam em uma gama de produções com olhares diversos e plurais para o *podcast*”. Verificamos, portanto, que a lida com áreas de cibercultura, mídias digitais, rádio e mídias sonoras possibilita o fenômeno multifacetado que é o *podcast*. Alia-se essa riqueza fenomênica à escassez de metodologias próprias para abarcar o objeto em questão.

Como passar do tempo, as bibliografias mais recentes apresentaram metodologias de pesquisa mais precisas e informativas dentro do campo científico. Dada a contextualização das pesquisas acerca do conceito de *podcast* e sua comparação com o rádio dentro da área de comunicação, afinamos o nosso escopo de pesquisa para tratarmos da relação entre *podcast* e História, a fim de encontrarmos o caminho para a História Pública e sua vinculação com a temática.

1.4 Pesquisas acerca de divulgação histórica: Qual o lugar do podcast?

Conforme as reflexões tecidas na seção anterior (vide Tabela 2), damos continuidade à investigação acerca da relação do *podcast* e seu uso como ferramenta de divulgação histórica. Ressaltamos a escassez de estudos que relacionam o *podcast* com a divulgação. Majoritariamente, a divulgação histórica tem sido utilizada como forma de instrumento didático para utilização em sala de aula. Mas poderia essa importante ferramenta ser utilizada de uma outra forma? Qual o lugar do *podcast* em meio às pesquisas de História?

Em *História Pública e Divulgação de História*, Bruno Leal de Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira (2019a) abordam uma temática importante no campo da História, que é a relação entre os historiadores, os museus, as mídias e a sociedade. A obra é uma coletânea de artigos sobre as diferentes formas de apresentação da História ao público, incluindo a sua difusão em espaços públicos, como museus, exposições e eventos culturais, bem como a sua

divulgação por meio de mídias digitais e sociais. Para a nossa pesquisa, utilizamos dois casos emblemáticos retratados em dois artigos: a) o trabalho de Icles Rodrigues (2019), intitulado *História no YouTube: Relato de experiência e possibilidade para o futuro*; b) o artigo de Bruno Leal Pastor de Carvalho (2019b), denominado *Café História: Divulgação científica de História na internet*.

Carvalho (2019b) relata que, no decorrer dos últimos anos, as redes sociais *on-line* surgiram como um fenômeno histórico significativo. Seu artigo discute a importância das redes sociais para o campo da História Pública e explora como os historiadores públicos podem utilizá-las em seus projetos. Além disso, o trabalho apresenta um exemplo de sucesso de História Pública em redes sociais: o *Café História*, que atualmente tem um grande alcance no Brasil e em outros países do mundo.

Rodrigues (2019), por sua vez, relata a sua experiência com o canal *YouTube* e a sua origem escrevendo um *blog* desde a sua graduação em História. O autor relata a sua experiência ao criar e gerir o canal de História *Leitura Obriga HISTÓRIA*, no *YouTube*, e discute as possibilidades e os desafios dessa plataforma apresenta para a produção e a disseminação de conteúdos históricos. Além disso, o autor sugere estratégias para a produção de vídeos educacionais de qualidade sobre História no *YouTube*, bem como o papel do historiador na era digital. O canal também teve contribuição de Luanna Jalles, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Mariane Pisani, da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Todavia, o canal atualmente se encontra inativo e o projeto de Icles Rodrigues passou a ser mantido pelo *Apoia.se* e é dedicado ao *podcast História FM*.

Em 17 de abril de 2020, o *podcast Historiador explica, historiadora explica* – um projeto da Associação Nacional de História (ANPUH) – publicou seu 31º episódio com o Prof. Icles Rodrigues, do canal *Leitura Obriga HISTÓRIA*, no qual discute os significados de “História Pública”. Nele, Icles Rodrigues (2020) se coloca como alguém que tem trabalhado na área da História Pública desde 2009 com o seu *blog*, de 2015 com o *YouTube* e 2019 com o *podcast História FM*. A sua perspectiva é mais prática do que teórica, pois só foi ouvir falar de História Pública em 2016, depois de já estar fazendo isso há algum tempo. Em 2019, começou um projeto para divulgar o que é produzido nos departamentos de História ao redor do Brasil, sem menosprezar os projetos já feitos pelos museus. O professor e divulgador aponta alguns motivos para os departamentos estarem em movimento para divulgação de história, sobretudo os constantes ataques do Governo Federal e do Ministério da Educação da

época que criticam a própria educação brasileira, especialmente os cursos de humanas. Para se perceber a necessidade e a urgência da divulgação histórica, os empregos tiveram que ser ameaçados para se começar a levar o tema a sério.

Rodrigues (2020) divide a divulgação de história em duas categorias: (a) passiva e (b) ativa. O que isso quer dizer? A divulgação histórica passiva é um projeto que costuma disponibilizar ao público informações históricas, por outro lado, o público deve chegar passivamente até esse material; não há nenhuma estratégia de divulgação para atrair a atenção do público-alvo. Por exemplo, um pesquisador produz um material sobre escravizados na cidade de Joinville - SC na última década da escravidão e o disponibiliza em um *blog*, deixando-o publicamente divulgado. Nesse caso, é preciso que o público se interesse, vá em busca de informação e, por acaso, encontre o site do pesquisador para o ler. Apenas fazer uma postagem na internet não necessariamente se caracteriza um trabalho de divulgação.

Antes de explorarmos a segunda categoria de divulgação histórica, a (b) ativa, é necessário pensarmos no público-alvo contemporâneo. O público recebe inúmeras informações de pessoas diferentes diariamente. Em meio a essas informações, o pesquisador em prática da História Pública precisa disputar esse espaço com o público, conforme argumenta o prof. Icles Rodrigues (2020). Apenas um site, um projeto e um *post* não consiste ainda em uma divulgação ativa, pois não há um engajamento direto com o público, o qual precisa sentir que o pesquisador está lhe dando algo. Só se faz História Pública como divulgação histórica quando se pensa ativamente em estratégias de divulgação. Isso é um projeto de história pública ativa, que requer ponderar como a mensagem chegaria a um público amplo e como aumentar os números de visualização do site, da audiência e do público. É preciso encontrar um nicho e fazer o melhor trabalho possível para conseguir o máximo de pessoas nele. Ao falar-se de divulgação de história, estamos preocupados com o que o público pensa do nosso trabalho, por isso, é fundamental mobilizar estratégias de interação para o público, nem muito erudição, nem uma simplificação vexatória.

Um fenômeno que comumente acontece, como adverte Rodrigues (2020), é um grupo de acadêmicos se reunir e tentar fazer a divulgação de maneira bem-humorada e não vexatória. O problema, contudo, está na recepção dessas pessoas com algumas posturas que se apresentam na universidade. Os divulgadores acabam sendo tratados com desprezo pelos acadêmicos, cuja atividade seria uma vulgarização do conhecimento. É preciso, entretanto, atentar-se em quais projetos são vulgares e quais tornam o conhecimento acessível, haja vista

que são propostas claramente distintas. Rodrigues (2020) também se recusa a tratar toda acessibilidade de conhecimento como vulgarização. A divulgação é fundamental para que a universidade permaneça em seus fundamentos, sobretudo de pesquisa. Isso não significa menosprezar os trabalhos de divulgação, mas de amplificar a potencialidade dos debates teóricos em História Pública, pensando-se em estratégias para que o conteúdo possa atingir públicos variados (RODRIGUES, 2020). Na fala de Rodrigues (2020), verificamos que seu trabalho conseguiu atingir mais pessoas a partir de 2015, com a plataforma *YouTube*, e em 2019, com o *podcast História FM*. Todavia, essa publicação é posterior ao artigo referido de 2019, quando seu objeto maior era o canal do YouTube e o seu *podcast* ainda estava iniciando. O caso de Carvalho (2019) é com um blog e suas atividades de divulgação histórica.

Nesse contexto, indagamos: em que espaço e que campo está o *podcast* como instrumento de divulgação histórica? Ao realizarmos a pesquisa bibliográfica quantitativa e qualitativa por artigos, com base no critério de impacto e relevância do *Google Acadêmico* (Tabela 2), e por dissertações e teses no Catálogo da CAPES (Tabela 3), constatamos que a maior parte dos trabalhos que incluem História e *podcast* pensa a ferramenta como instrumento didático-pedagógico, sendo muitos estudos impulsionados pela pandemia da covid-19. Todavia, quando articulamos as palavras-chave *podcast*, História Pública e turismo histórico, não obtivemos nenhum resultado. Isso reforça a justificativa e inovação desta pesquisa, assim como o projeto *Rota Ivaí* no processo de divulgação histórica. Com relação ao *podcast* como ferramenta de divulgação, de educação e de avaliação, a seguir, descrevemos algumas bibliografias atuais selecionadas pelo algoritmo de relevância do *Google Acadêmico*.

Os pesquisadores Arruda, Sodré e Cardoso Filho (2021) utilizaram o *podcast* como ferramenta para dar continuidade a um projeto de extensão universitária. *Vozes da História - contar, ouvir, refletir* é um projeto de extensão desenvolvido na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) por uma equipe de docentes e discentes dos cursos de licenciatura em História e em Letras. Durante o período de quarentena, como forma de dar continuidade ao funcionamento do projeto, foi criado o *podcast Vozes na Pandemia*, que publicou 30 episódios entre maio e agosto de 2020. O artigo em questão apresenta um relatório parcial do que foi executado, com ênfase no processo de criação do *podcast*,

abordando a sua concepção, o processo de produção, as entrevistas realizadas, a edição e a publicação dos episódios.

Silva (2019), por sua vez, recorreu ao *podcast* como uma dinâmica avaliativa para a disciplina de História; ou seja, trata-se de uma ferramenta didático-avaliativa para o docente, partindo-se e da proposta do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TDICs) na referida disciplina. Propôs-se uma dinâmica avaliativa baseada na produção de narrativas digitais em formato de *podcast*. Diante disso, o estudo analisou como a produção de narrativas digitais em mídia *podcast* pode favorecer a dinâmica avaliativa na disciplina de História, no ensino superior. Para tanto, foi utilizada uma abordagem qualitativa de estudo de caso descritivo, baseada em uma intervenção realizada em uma disciplina de História da Educação no Brasil, ministrada em uma turma do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). As narrativas digitais foram introduzidas como instrumento avaliativo, e os alunos participaram de uma oficina sobre a produção de *podcasts*. Com base na intervenção, analisou-se como a produção de narrativas digitais em mídia *podcast* pode favorecer uma dinâmica avaliativa na disciplina de História da Educação no Brasil. Silva (2019) conclui que a produção de narrativas digitais em mídia *podcast* favorece positivamente o desenvolvimento de uma dinâmica avaliativa no campo da História, atendendo às dimensões do modelo PrACT (praticabilidade, consistência, autenticidade e transparência), além de permitir que os alunos construam uma representação narrativa acerca do contexto histórico abordado em sala de aula, favorecendo, desse molde, o desenvolvimento da competência de narratividade digital.

Freire (2017), a seu turno, abordou a história do *podcast* como ferramenta educacional. O intuito foi oferecer uma visão de maior amplitude sobre a história do *podcast*, desde a sua concepção inicial até os acontecimentos que ocasionaram sua efetivação técnica e apropriação educativa. A metodologia utilizada pelo pesquisador foi precedida pela apresentação da atualidade do *podcast* e pela revisão de estudos educativos que versam sobre a história dessa tecnologia. Ao final, foram aclaradas as etapas do desenvolvimento do *podcast* e proveram a natureza educativa dessa tecnologia.

Outros professores que discutiram acerca do *podcast* e das suas interfaces com a educação são Kozlik Silva, Medeiros Guadagnini e Santinello (2021). Em sua pesquisa, caracterizaram a população brasileira que ouve *podcasts*, investigando as suas possibilidades educacionais. A metodologia adotada foi a pesquisa documental e os resultados indicaram

que, de forma geral, os ouvintes de *podcasts* pertencem a grandes comunidades virtuais, predominantemente do sexo masculino e que frequentam o Ensino Superior, além de ouvirem *podcasts* há mais de quatro anos. Os pesquisadores verificaram um aumento do interesse dessa população por temas relacionados à educação, à história e à política.

Oliveira e Costa (2021) utilizaram-se do *podcast* para pensar a construção do conhecimento histórico em uma escola estadual no Rio Grande do Norte. Esse foi mais um caso de extensão universitária em parceria com a escola estadual que visou à construção e à divulgação do conhecimento histórico, assim como foi iniciado e pensado no contexto pandêmico. O objetivo foi discutir o impacto das ferramentas digitais no ensino de História e apresentar o *podcast* como meio de produção de conhecimento histórico junto a estudantes da Escola Estadual Jerônimo Rosado, em Mossoró - RN. O projeto *Podcasts: uma História que a escola conta* esteve vinculado à Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com o escopo de desenvolver a autonomia dos estudantes no uso de fontes históricas e na produção de conteúdo original adaptado aos meios contemporâneos de comunicação. Nesse contexto, o *podcast* é percebido como uma ferramenta adequada para inserir a História dentro e fora da escola e desenvolver sujeitos críticos e participantes na produção de conhecimento histórico na sociedade. O trabalho partiu do contexto de expansão dos recursos digitais em sala de aula decorrente da pandemia de covid-19 e da necessidade de repensar novos caminhos para o ensino de História.

Em 2020, logo no início da pandemia da covid-19, foi publicada uma coletânea de textos que refletem sobre o ensino de História p. Organizada por Bueno e Neto (2020), a obra enfatiza como o ensino de História pode ser mediado pelas novas mídias, tecnologias educacionais, jogos e cinema. O *podcast* também é visualizado como uma ferramenta didática para o ensino histórico. Bueno e Neto (2020) refletem sobre a aguda confrontação de ensinar uma nova geração já conectada às novas tecnologias no âmbito de instituições de ensino multissecular. Muitos dos textos incluídos no livro discutem essa nova realidade, explorando as mais diversas possibilidades do ensino de História, incluindo filmes, quadrinhos, arqueologia, museus, realidades virtuais e extensão. Em muitas escolas brasileiras, os celulares são incorporados ao cotidiano letivo, e as aulas têm seguimento em canais do *YouTube* ou em plataformas virtuais. Os organizadores acreditam que a educação à distância

terá um papel importantíssimo a desempenhar, especialmente quando há a necessidade de restringir o convívio social.

Como resultado de sua pesquisa no Programa ProfHistória, Raone Ferreira de Souza (2017), em artigo publicado na Revista Transversos, aborda a relação entre o *podcast* e o ensino de História. O objetivo do seu estudo foi examinar a construção do conhecimento histórico por meio das TICs, com foco no *podcast*, sugerindo possíveis contribuições para o ensino dessa disciplina. Souza (2017) argumenta que a escola é um espaço híbrido que surge em meio ao processo de globalização como um lugar de convergência de diversas mídias da cibercultura, assim, professores e alunos podem mobilizar saberes para além dos espaços formais de ensino ao escolherem a temporalidade do tempo presente. A convergência das mídias digitais na escola cria potencialidades para a produção de narrativas históricas originais protagonizadas por professores e alunos para os espaços públicos. Reconhecendo essa potencial articulação entre o espaço digital e escolar, a pesquisa em pauta propôs o desenvolvimento de uma oficina de *podcast* para ser utilizada por professores de História na Educação Básica.

Dadas as concepções da bibliografia entre 2017 e 2021 acerca de *podcast* e História, constatamos que o grande vínculo desses dois elementos consiste em refletir a ferramenta como elemento didático de divulgação histórica, sobretudo para os estudantes. Muitas das pesquisas publicadas entre 2020 e 2021 foram impulsionadas pela pandemia e o enigma de se encontrar meios para dar continuidade ao ensino no período de atividades remotas. Todavia, o *podcast* e a História Pública podem alçar caminhos e públicos mais amplos. Nesse sentido, direcionando-se para a conclusão deste capítulo, na próxima seção, pensamos o *podcast* como ferramenta de História Pública para a realização de uma rota de turismo histórico no estado do Paraná, objetivo final desta dissertação.

1.5 Possibilidades do *Podcast* para a divulgação histórica

Há ainda poucos *podcasts* dedicados à divulgação de conteúdos científicos que, de alguma forma, estejam ligados à área da História ou, ainda de maneira mais tímida, ao campo da História Pública. Destacamos alguns louváveis exemplos de *podcasts* que se dedicam de

alguma forma a exponenciar a divulgação histórica: *História Pirata*¹⁴, *História FM*¹⁵ e uma ênfase ao projeto *Fronteiras no Tempo*¹⁶, criado pelos historiadores Cesar Agenor (UNICENTRO) e Marcelo Silva (UFTM), sendo um dos *podcasts* mais antigos na área de História no Brasil. Segundo seus realizadores, a intenção do projeto é aproximar o público que gosta de História com a maneira como o conhecimento histórico é pensado e construído, isso tudo de forma descontraída, como um bom bate-papo. Embora essa seja uma iniciativa da universidade e de seus membros, não quer dizer que não existam outras isoladas, para além dos muros universitários, que tratem da divulgação histórica.

São vários os fatores convergentes para essa mudança na produção do saber histórico, como os exemplos já citados: o desenvolvimento tecnológico e as muitas mudanças culturais e sociais. Os avanços tecnológicos e a convergência midiática têm permitido uma portabilidade cada vez maior dos dispositivos de conexão, como *smartphones*, *tablets* e *notebooks*, que são cada vez menores, mais leves e com maior capacidade de *hardware*, ampliando a facilidade de acesso à internet. Além disso, apesar de algumas barreiras geográficas e de infraestrutura de certas regiões do país, a própria conexão tem se tornado mais rápida, contribuindo para o acesso e a troca de informações que moldam nossas relações sociais, culturais e a maneira com que pensamos e consumimos temas como a História.

Ao pensarmos o *podcast* como uma possibilidade de ampliação do fazer no campo da História Pública, entendemos que, durante muito tempo, o conhecimento histórico se restringiu apenas à escrita acadêmica. Conseqüentemente, a linguagem acadêmica foi frequentemente vista como inacessível e é, em grande parte, responsável pela distância entre grande público e o conhecimento produzido nas universidades. O termo “acadêmico”, para muitas pessoas, é comumente associado a algo difícil de se entender ou até mesmo entediante.

¹⁴ Nesse *podcast*, o título e os episódios criam um clima descontraído e atraente. Os ouvintes são convidados a explorar profundamente uma característica importante do conhecimento histórico: a imprevisibilidade. Os apresentadores são Daniel Gomes Carvalho, professor da Universidade de Brasília (UnB), e Rafinha, graduado em História pela Universidade de Campinas (Unicamp) e mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). A maioria dos episódios conta com a participação de pesquisadores convidados e aborda uma ampla gama de períodos históricos. Além disso, os apresentadores discutem tópicos que são relevantes para a profissão de historiador e para o trabalho de pesquisa histórica contemporâneo.

Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/2G6ahjQVUjZod8LsfPYVRq>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

¹⁵ O *podcast* é apresentado por Icles Rodrigues, graduado e mestre em História pela UFSC, além de ser um desdobramento do canal *Leitura Obrigatória*, no *YouTube*. Os temas abordados são diversos e abrangem desde a Antiguidade até o presente, com episódios lançados quinzenalmente, sempre com a presença de um pesquisador especializado. O apresentador se esforça para tornar as discussões acessíveis e cuidadosas. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/4d1lnERMnFpGTdJiu403pg>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

¹⁶ Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/7aTAzC7gfRfHfEp9o6XSHz>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

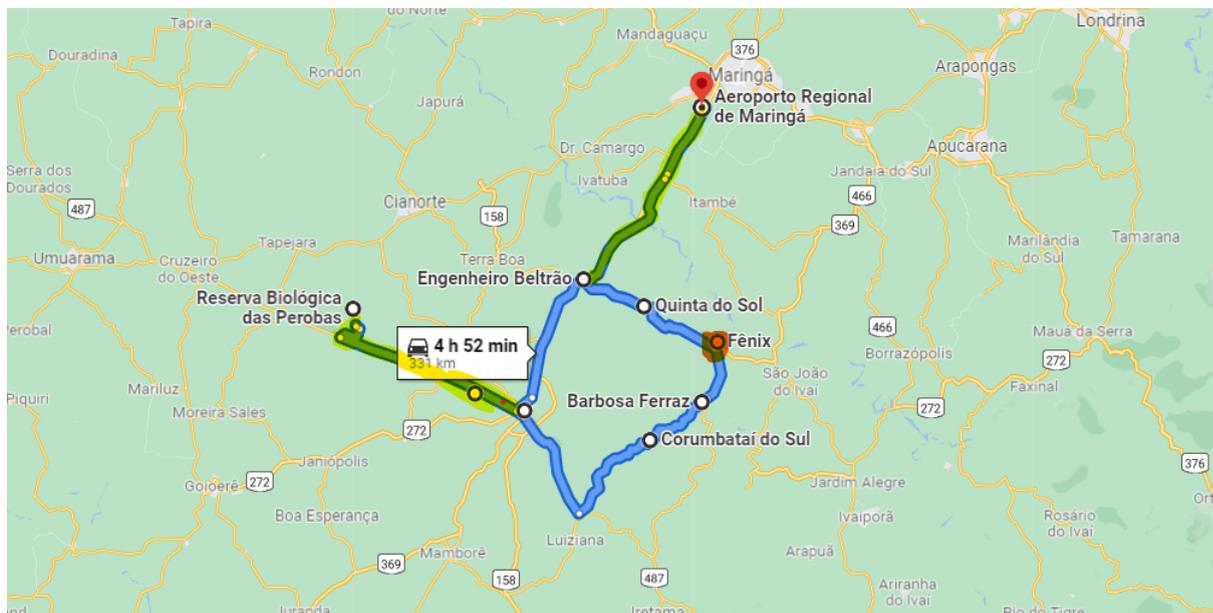
A partir dessa contextualização, compreendemos a importância de pensar em um projeto de História Pública que se conecte com as propostas da divulgação histórica e da História Digital, possibilitando discussões e reflexões sobre as novas realidades. A *Rota Ivaí* tem, em sua essência, a divulgação histórica e a promoção do turismo histórico, dialogando com questões atuais para a área. Nesse projeto, o foco foi enfatizar o acesso à História fora dos espaços acadêmicos, destacando o conhecimento e a preservação da memória para além dos saberes de referência. Há muitas possibilidades ainda não exploradas por interferência dessa interdisciplinaridade. Contudo, devido à limitação de tempo e de disponibilidade de pesquisa dos integrantes da iniciativa, partimos para o estágio de compreensão do desenvolvimento da *Rota Ivaí*. A primeira etapa intitula-se Fênix. A partir de várias frentes de investigação, encontram-se em progresso a prototipação da *Rota*, o site que servirá como sua plataforma de estruturação e o *podcast*, produto prático desta pesquisa e que servirá como ferramenta propulsora de divulgação do projeto.

CAPÍTULO 2

ROTA IVAÍ: UM ROTEIRO TURÍSTICO E HISTÓRICO

Como procedimento metodológico desta investigação, vale lembrar que a História Pública cumpre um papel fundamental para áreas como o turismo histórico, haja vista que possibilita a valorização, a preservação e a difusão da memória coletiva de um lugar ou de uma região. É por meio dessa construção de narrativas críveis e coerentes que se fundamenta a construção da identidade cultural e da consciência histórica dos possíveis receptores. Por meio da divulgação histórica vinculada a iniciativas de comunicação e de tecnologia, é possível destacar as particularidades de cada local, ressaltando as suas riquezas históricas, arquitetônicas, culturais e naturais. Esse aspecto é fundamental para a criação e a promoção da imagem turística de uma região e para a captação de turistas que se interessam em conhecer os elementos históricos do local.

Em conformidade com a proposta desta pesquisa e as demais inseridas no projeto interdisciplinar *Rota Ivaí*, delimitou-se uma ação junto às comunidades da região: a construção de uma rota turística histórica e a identificação das potencialidades em uma história feita *para* o público. Para esse propósito, a *Rota Ivaí* é pensada e constituída pelos municípios de Engenheiro Beltrão, de Quinta do Sol, de Fênix, de Barbosa Ferraz e de Corumbataí do Sul, consoante à visualização cartográfica apresentada na Figura 1.

Figura 1: Rota Ivaí em azul

Fonte: Rota Ivaí (2023).

A proposição dessa rota turística tem como elemento central os resquícios de Vila Rica del Espiritu Santo, situada nas proximidades da área urbana do atual município de Fênix, Paraná. Vila Rica del Espiritu Santo foi fundada pelos espanhóis em 1570, sob o comando do capitão Ruy Diaz de Melgarejo, e caracterizou-se como um centro hispano-guarani. No entanto, em 1632, a cidade foi destruída por uma expedição conduzida por Antônio Raposo Tavares, um bandeirante paulista. Em 1955, o Parque Estadual de Vila Rica del Espiritu Santo foi criado com o objetivo de preservar a paisagem natural, o ecossistema e os vestígios arqueológicos de Vila Rica.

A região Oeste do estado do Paraná, anteriormente pertencente à Espanha, era denominada de Província del Guairá e tinha como capital Assunção. Nessa região, que fazia parte do Vice-reino do Peru e, a partir de 1593, ficou sob jurisdição do governo geral do Rio de La Plata, foram estabelecidas três cidades: Ontiveros, às margens do rio Paraná, em 1554; Ciudad Real, onde se localiza atualmente o município de Terra Roxa, em 1556; e, por fim, Vila Rica del Espiritu Santo, em 1570. Após um surto de varíola, essa última cidade foi transferida para a confluência dos rios Ivaí e Corumbataí em 1589 (PARELLADA, 2014).

Figura 2: Localização geográfica dos rios



Fonte: <http://janelaparaahistoria.unespar.edu.br/maparios.html>.

Os vestígios arqueológicos descobertos na cidade demonstram que a sua disposição urbana era semelhante à das cidades espanholas, seguindo o modelo xadrez, conforme previsto na Lei de 1573, de Felipe II, considerada como a primeira lei urbanística da Idade Moderna. Além disso, foram identificadas outras evidências da presença dos espanhóis e dos indígenas, como ruínas de casas e de uma igreja, artefatos de metais, vasilhames e telhas coloniais. Tais itens estão expostos tanto no Museu Paranaense como no Museu de Vila Rica. (PARELLADA, 2014, p. 2020).

No sentido de compreensão da proposta do roteiro, é importante salientar que a História Pública propicia um campo interdisciplinar, promovendo a participação ativa da sociedade na difusão de conhecimentos históricos, a fim de torná-los mais acessíveis e significativos para o público. Com esse respaldo, é possível refletir o que Mauad, Almeida e Santiago (2016) apontam sobre a democratização do conhecimento histórico. A ideia surge também da necessidade dos historiadores se inserirem profissionalmente em atividades além do meio acadêmico e do ensino formal. Essa abordagem sugere uma forma diferenciada de inserção do conhecimento histórico na sociedade, permitindo que os profissionais da área desempenhem funções diversas e próximas ao grande público, e um exemplo disso é o turismo histórico. No entanto, a academia tem sido negligente com relação a essa forma de

historiografia voltada para o público em geral, deixando-a à margem do que é ensinado estritamente nas universidades (ALBIERI, 2011).

Nesse processo, notamos a manutenção da memória cultural por meio do turismo histórico, fator que contribui para a identidade e autocompreensão de uma sociedade, bem como para a compreensão da história e evolução de seus valores e crenças. Para Nagabe (2019), o turismo envolve o consumo não mais *no* espaço, e sim *do* espaço, e acaba por movimentar pessoas, recursos financeiros e produtos, reproduzindo dinâmicas globalizadas em escala local, o que contribui para o desenvolvimento geográfico desigual. No entanto, para a autora, é importante lembrar que essas dinâmicas também são comuns em outras atividades econômicas contemporâneas, não sendo exclusividade do setor turístico. A divulgação histórica, ao tornar a narrativa passada acessível e significativa para o público, contribui para a reflexão e para o debate sobre as questões históricas, sociais e de preservação desse patrimônio.

2.1 A proposta do Roteiro

Como relatamos na introdução, esta dissertação está inserida em um projeto que almeja o desenvolvimento de um itinerário turístico que tenha como ponto de partida a cidade histórica de Vila Rica del Espiritu Santo (Fênix - PR) e agregue outros locais de referência identificados por meio do desenvolvimento da *Rota*. Destacamos dois aspectos de maior relevância para a realização deste projeto: a pesquisa das potencialidades históricas regionais para o turismo que envolvam fenômenos sociais, ambientais e econômicos; e a utilização de recursos tecnológicos, como sites, *podcasts*, aplicativos de rotas e placas de identificação com QR Code, para fornecer informações sobre os pontos de referência aos turistas, seguindo a definição de Destinos Turísticos inteligentes (DTIs).

Os DTIs se caracterizam como um conceito emergente na área do turismo que busca integrar as tecnologias digitais aos serviços oferecidos aos turistas, com o objetivo de proporcionar experiências mais personalizadas e eficientes. Conforme menciona Buhalis, Neuhofer e Ladkin (2015), os DTIs são uma abordagem baseada em tecnologia e dados que visam a melhorar a qualidade dos serviços turísticos, a sustentabilidade ambiental e o bem-estar dos residentes e dos visitantes. Nesse contexto, salientamos a importância da comunicação para o sucesso dos DTIs e o entrelaçamento desse conceito com esta pesquisa, haja vista que a comunicação é uma das chaves para a implementação bem-sucedida de um

destino inteligente. É por meio da comunicação que os turistas e moradores locais são informados sobre as tecnologias disponíveis e como utilizá-las para maximizar suas experiências. Além disso, uma comunicação eficiente também pode contribuir para a construção da imagem do destino e para a fidelização dos turistas.

Para que a comunicação nos DTIs seja eficaz, é necessário considerar as características do público-alvo e utilizar as tecnologias disponíveis de forma estratégica. Os DTIs devem adotar uma abordagem centrada no usuário para a comunicação, considerando as necessidades e as preferências dos turistas para oferecer-lhes informações personalizadas e relevantes. Além disso, o alinhamento com as novas tecnologias, a partir do uso de *chatbots*, inteligência artificial e realidade aumentada, pode ser útil para oferecer informações em tempo real e de forma mais interativa.

A compreensão do conceito de DTIs se dá por meio de destinos turísticos que utilizam tecnologias digitais para oferecer serviços turísticos mais eficientes e personalizados aos visitantes, bem como para melhorar a gestão do destino. Assim sendo, podemos refletir que os DTIs são definidos como uma plataforma urbana de turismo integrada às TICs. Essa plataforma interliga de forma dinâmica as entidades inerentes à atividade turística e às tecnologias de informação, de modo a coletar, a criar e a trocar informações que podem ser usadas para enriquecer as experiências de turismo, em tempo real (BRANDÃO; JOIA; TELES, 2016, p. 8).

Tais tecnologias incluem aplicativos móveis, sites, plataformas de reserva, sistemas de informação ao turista, sinalização digital, entre outros. O conceito de DTIs é baseado na ideia de que as tecnologias digitais podem ser usadas para melhorar a experiência dos turistas, aumentar a eficiência dos serviços turísticos e facilitar a gestão dos destinos, promovendo, desse modo, um possível desenvolvimento sustentável do turismo local.

Similarmente do que já foi apontado, os DTIs são caracterizados pela sua capacidade de integrar diferentes sistemas e tecnologias, como sistemas de transporte, hospedagem, atrações turísticas, entre outros, fornecendo uma experiência turística mais integrada e personalizada. Eles também são capazes de viabilizar informações em tempo real aos visitantes sobre eventos, atividades, condições climáticas e outros aspectos relevantes para a sua visita. Além disso, os DTIs podem melhorar a gestão do destino, permitindo que as autoridades locais monitorem o fluxo de turistas, identifiquem problemas e implementem soluções de forma mais eficiente.

dessa é uma abordagem inovadora para o turismo, haja vista que combina tecnologias digitais e boas práticas de gestão para melhorar a experiência dos turistas, para promover o desenvolvimento sustentável e para aumentar a competitividade dos destinos. Todavia, tal conceito emergente de DTIs como uma abordagem inovadora na gestão turística, articulada à aplicação de TDICs¹⁷ para aprimorar a experiência dos turistas sobre a construção do conhecimento histórico, a eficiência operacional dos destinos e a sustentabilidade socioeconômica e ambiental, ainda é uma realidade restrita a cidades com infraestruturas mais desenvolvidas e que possuem recursos financeiros e técnicos para investir em tecnologias e capacitação de recursos humanos, de planejamento estratégico e de cooperação público-privada. Esse cenário reflete uma desigualdade entre os destinos turísticos e pode comprometer a competitividade de lugares menos visibilizados que enfrentam dificuldades em se adaptar às demandas do turismo contemporâneo.

Em contrapartida, esses dois aspectos abordados no desenvolvimento da *Rota* e da pesquisa claramente contribuem para o desenvolvimento regional (econômico, educacional e social) e para o uso de tecnologias digitais de acesso público. O turismo histórico é uma área de grande apelo e crescimento na sociedade pós-pandemia, valorizando a mobilidade, o fluxo de pessoas e o conhecimento aliados ao lazer.

No que diz respeito às limitações na discussão científica, são poucas as investigações que abordam o tema do turismo histórico inteligente. Os principais estudos sobre a cidade de Vila Rica del Espiritu Santo são os de Ramón Idalecio Cardozo (1970), de Jurandir Coronado Aguilar (2002), de Cláudia Inês Parellada (2014), de Suelen Andrade Cardoso (2015) e de Vera Lúcia Dourado Vieira (2011), que se concentraram em diferentes aspectos da história e da cultura da região.

Cardozo (1970) contribuiu significativamente para a compreensão da província espanhola, ao estabelecer um roteiro completo do processo de ocupação e de colonização do Guairá. Aguilar (2002), por sua vez, analisou várias fontes, como cartas, mapas e ensaios históricos, concentrando-se na evangelização feita pelos jesuítas no início do século XVII na

¹⁷ O conceito de TDICs atrelado à História pode ser compreendido por meio do artigo *O ensino e seus públicos: as tecnologias digitais de informação e comunicação – TDICs na construção do saber histórico*, de Leandro de Araújo Crestani, que aborda o papel das TDICs na construção do saber histórico, especialmente no ensino de História. O autor discute como as TDICs podem ser usadas para democratizar o acesso ao conhecimento histórico, ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem e estimular a participação ativa dos sujeitos na construção do conhecimento. Ele defende que o uso dessas tecnologias pode contribuir para tornar o processo de ensino de História mais dinâmico, interativo e crítico, além de possibilitar uma maior interação entre os diversos públicos envolvidos no processo de conhecimento (CRESTANI, 2020).

região do Guairá. Ele contextualizou o período filipino da história da Espanha XVI-XVII e abordou o papel da Companhia de Jesus na região. Parellada (2014), em sua pesquisa de mestrado em Antropologia Social, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 1997, mapeou os vestígios arqueológicos de Vila Rica, refletindo a ocupação espanhola nos séculos XVI e XVII. O objetivo de Parellada foi desenvolver um sentimento de proteção do patrimônio arqueológico encontrado na área pela população local. Para isso, foram realizadas entrevistas com a população local e escavações arqueológicas. No total, foram entrevistadas 44 pessoas com idades entre 10 e 74 anos para avaliar a presença da cidade espanhola na memória coletiva da comunidade e suas representações.

A pesquisa de Suelen Cardoso, defendida em 2015 na Universidade Estadual de Maringá (UEM), investigou os motivos que originaram a fundação de Vila Rica e as estratégias de defesa utilizadas pelos guairenses. Com base em fontes primárias, como documentos expedidos de Assunção, manuscritos da coleção de Angelis dos séculos XVI e XIX, além de documentos da coleção *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá 1594-1640* e produção historiográfica, Cardoso reconstruiu todo esse contexto. Por sua vez, a pesquisa de Vera Lúcia Dourado Vieira (2011), que resultou em um artigo e uma unidade didática, foi desenvolvida no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) com o objetivo de desenvolver uma identidade local, destacando a importância do patrimônio histórico-cultural de Vila Rica del Espiritu Santo. De acordo com Fonseca (2003), é necessário que sejam formuladas e implementadas políticas com o propósito de enriquecer a relação da sociedade com seus bens culturais, sem perder de vista os valores que justificam a preservação.

Em termos temáticos, é notável a escassez de estudos sobre Vila Rica. No que se refere aos estudos sobre turismo histórico, destacamos as pesquisas de Carneiro Filho e Santos (2012), Ferreira e Costa (2010), Nogueira (2000), Boullón (2002) e Urry (2001). Entretanto, do ponto de vista da História, especialmente da História Pública, as iniciativas são raras, quase inexistentes. Um dos poucos estudos que encontramos dentro da proposta é o de Luís Fernando Beneduzi (2013), que examinou a conexão entre locais de memória e turismo histórico, mas com ênfase em rotas turísticas voltadas para o patrimônio histórico, enfatizando aspectos particulares, como características arquitetônicas e a capacidade de experimentar sensações distintas do passado. Essa proposta está em consonância com a perspectiva de Marc Augé (2004) sobre os processos de construção de identidade e como os fragmentos do

passado contribuem para uma dinâmica de reelaboração individual e coletiva, sendo uma forma de construir um processo de reconhecimento do passado.

Diante do exposto, fica evidente a escassez de pesquisas com as características da proposta do projeto *Rota Ivaí*. Assim, enfatizamos a novidade, a relevância e as contribuições tanto para o debate historiográfico quanto para as comunidades que integram essa *Rota*.

Como proposta de construção da *Rota Ivaí*, algumas ferramentas estão sendo desenvolvidas para auxiliar na elaboração e na divulgação do roteiro turístico. Uma delas é o site www.rotaivai.com.br, organizado com as abas e subdivisões que contém informações pertinentes sobre região e o projeto (algumas elas já estão disponíveis no site em construção). A opção pelo uso do site para a elaboração do roteiro é justificada pela crescente adoção de tecnologias nos últimos anos, bem como pelas oportunidades de integração de recursos adicionais na *Rota*, como é o caso das redes sociais e das plataformas de *streaming*, em especial para esta pesquisa o *Spotify*. Além disso, o projeto conta com uma conta na rede social *Instagram*, [@rotaivai](https://www.instagram.com/rotaivai), como forma de aproximação do público-alvo e publicização do projeto.

Inicialmente, o Instagram e o site se apresentam da seguinte maneira:

Figura 3 – www.instagram.com/rotaivai/- perfil



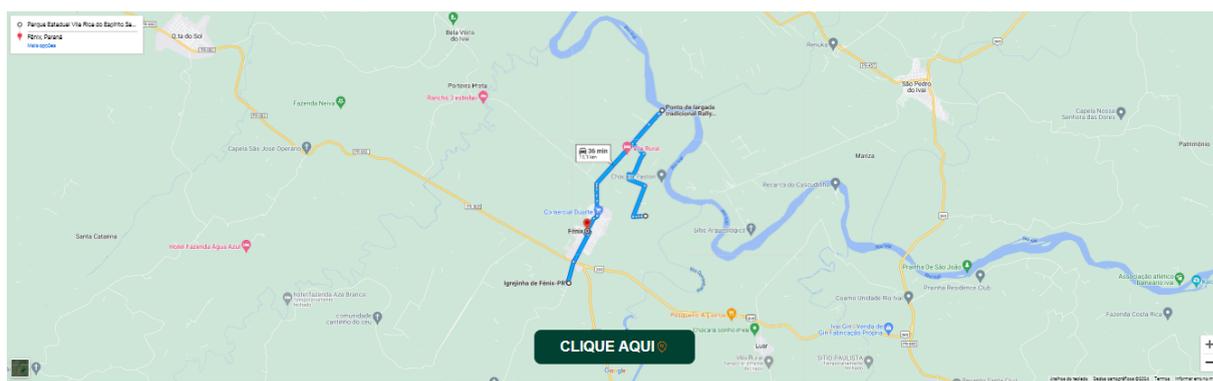
Fonte: Rota Ivaí (2023).

Figura 4 – www.rotaivai.com.br/inicio - parte superior



Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 5 – www.rotaivai.com.br - parte inferior



Fonte: Rota Ivaí (2024).

A parte inferior da página inicial apresenta uma proposta de itinerário para a etapa Fênix - PR da *Rota*, integrada ao *Google Maps*. No botão **CLIQUE AQUI**, o usuário será redirecionado para o aplicativo de mapas de seu *smartphone*. O trajeto sugerido segue as orientações detalhadas na aba "Itinerário".

Previamente, a estrutura do site foi pensada em fornecer três modalidades de roteiros: em grupo, individual e a de cicloturismo. As opções em grupo e individual serão prototipadas pela *Rota Ivaí*. Já a opção de cicloturismo surge como uma possibilidade de parceria com outros projetos e mobilizações turísticas locais.

Figura 6 – www.rotaivai.com.br/itinerario - parte 1



Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 7 – www.rotaivai.com.br/itinerario - parte 2



Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 8 – www.rotaivai.com.br/itinerario - parte 3



Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 9 – www.rotaivai.com.br/itinerario - parte 4



The screenshot shows a website interface with a dark green header. The header contains a logo on the left and a navigation menu with the following items: Início, Sobre Nós, Pontos Turísticos, Itinerário, Serviços, Eventos, and Podcast. The main content area has a white background and features a title in bold black text: "A estrada de acesso ao Parque Vila Rica do Espírito Santo e ao Museu é formada por paralelepípedos em boas condições". Below the title is a photograph of a dirt road lined with large, leafy trees, creating a canopy effect. Two green directional signs are visible on the sides of the road. Below the photo, there are two paragraphs of text in Portuguese. The first paragraph states that the road allows access by car, van, bus, on foot, bicycle, or motorcycle. The second paragraph notes that the access is not affected by bad weather, although a visit to the park and museum might not be ideal in such conditions.

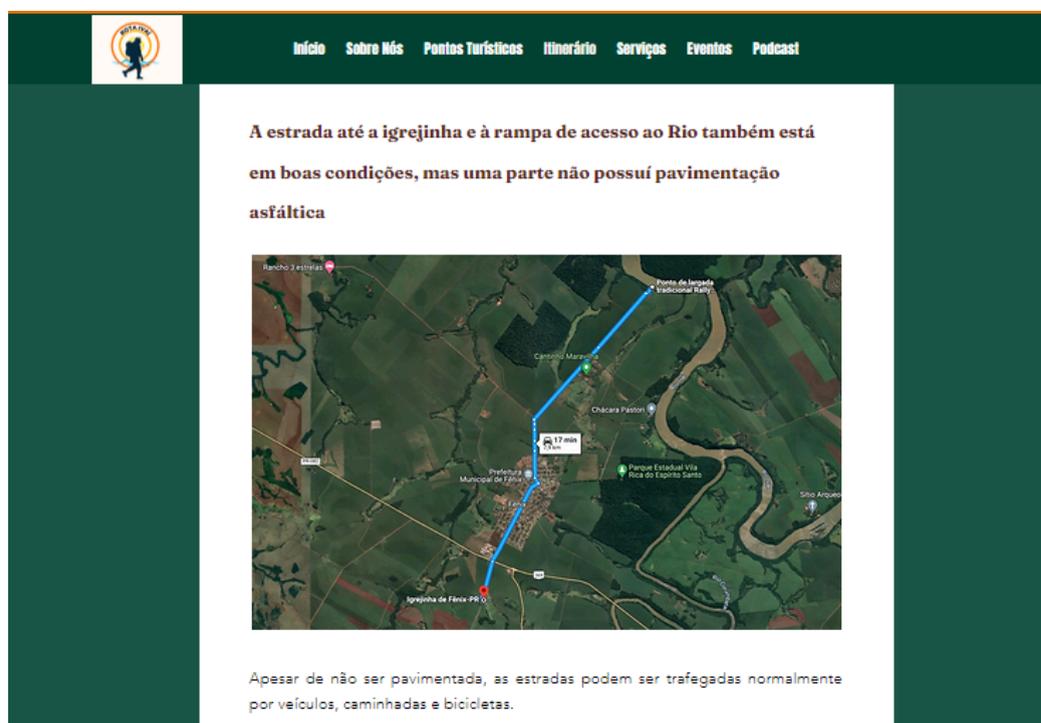
A estrada de acesso ao Parque Vila Rica do Espírito Santo e ao Museu é formada por paralelepípedos em boas condições

Permite o acesso por carro, vans, ônibus, a pé, bicicleta ou moto.

O acesso não se inviabiliza por conta de mau tempo, embora a visita ao parque e ao museu não seja proveitosa nesse caso.

Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 10 – www.rotaivai.com.br/itinerario - parte 5



The screenshot shows the same website interface as Figure 9. The main content area has a white background and features a title in bold black text: "A estrada até a igrejinha e à rampa de acesso ao Rio também está em boas condições, mas uma parte não possui pavimentação asfáltica". Below the title is a satellite map showing a blue route starting from a point labeled "Rancho 3 estradas", passing through "Campos Maravilha", "Chacara Pastor", and "Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo", and ending at "Igrejinha de Fênix-PR". Other landmarks on the map include "Prefeitura Municipal de Fênix", "Sítio Anjo", and "Ponto de parada tradicional Rally". Below the map, there are two paragraphs of text in Portuguese. The first paragraph states that despite not being paved, the roads can be traveled normally by vehicles, on foot, and by bicycle.

A estrada até a igrejinha e à rampa de acesso ao Rio também está em boas condições, mas uma parte não possui pavimentação asfáltica

Apesar de não ser pavimentada, as estradas podem ser trafegadas normalmente por veículos, caminhadas e bicicletas.

Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 11 – www.rotaivai.com.br/itinerario - parte 6



The screenshot shows a website interface with a dark green header. The header contains a logo on the left and a navigation menu with the following items: Início, Sobre Nós, Pontos Turísticos, Itinerário, Serviços, Eventos, and Podcast. The main content area is white and features the title 'Parque Vila Rica do Espírito Santo' at the top. Below the title is a photograph of a wooden walkway leading to a pond in a lush forest. Underneath the photo, there are three paragraphs of text:

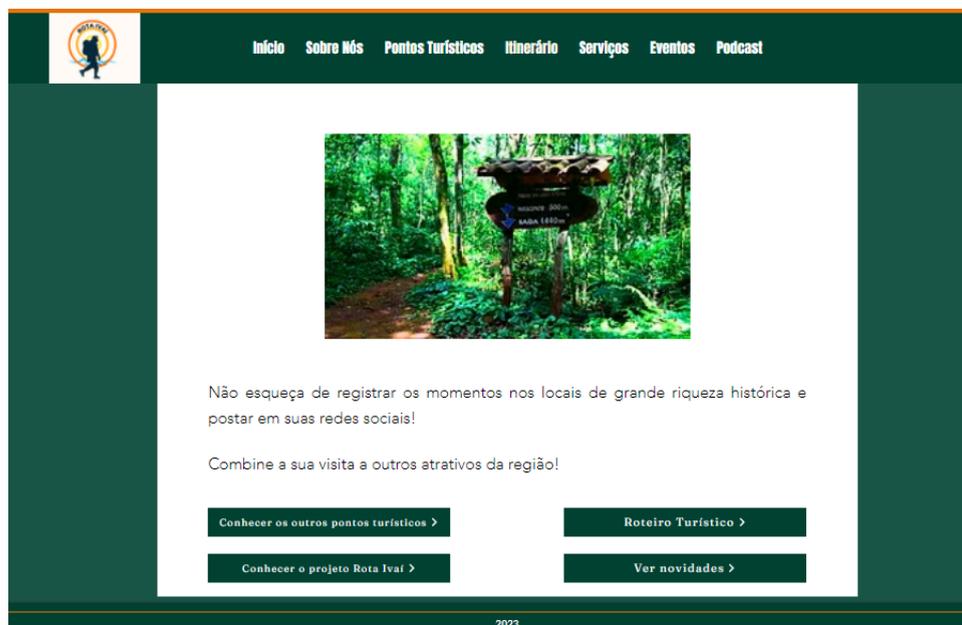
Após a visita ao Museu, os técnicos do Instituto Água e Terra conversam sobre a história do Parque e passam uma apresentação multimídia.

A trilha no interior do parque é realizada com guias. É leve e educativa.

No parque possui um espaço para organização de eventos e refeições coletivas, com mesas, cadeiras, lugares ao ar livre e banheiros.

Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 12 – www.rotaivai.com.br/itinerario - parte 7



The screenshot shows a website interface with a dark green header. The header contains a logo on the left and a navigation menu with the following items: Início, Sobre Nós, Pontos Turísticos, Itinerário, Serviços, Eventos, and Podcast. The main content area is white and features a photograph of a wooden signpost in a forest. Below the photo, there are two paragraphs of text:

Não esqueça de registrar os momentos nos locais de grande riqueza histórica e postar em suas redes sociais!

Combine a sua visita a outros atrativos da região!

At the bottom of the content area, there are four buttons arranged in a 2x2 grid:

- Conhecer os outros pontos turísticos >
- Roteiro Turístico >
- Conhecer o projeto Rota Ivaí >
- Ver novidades >

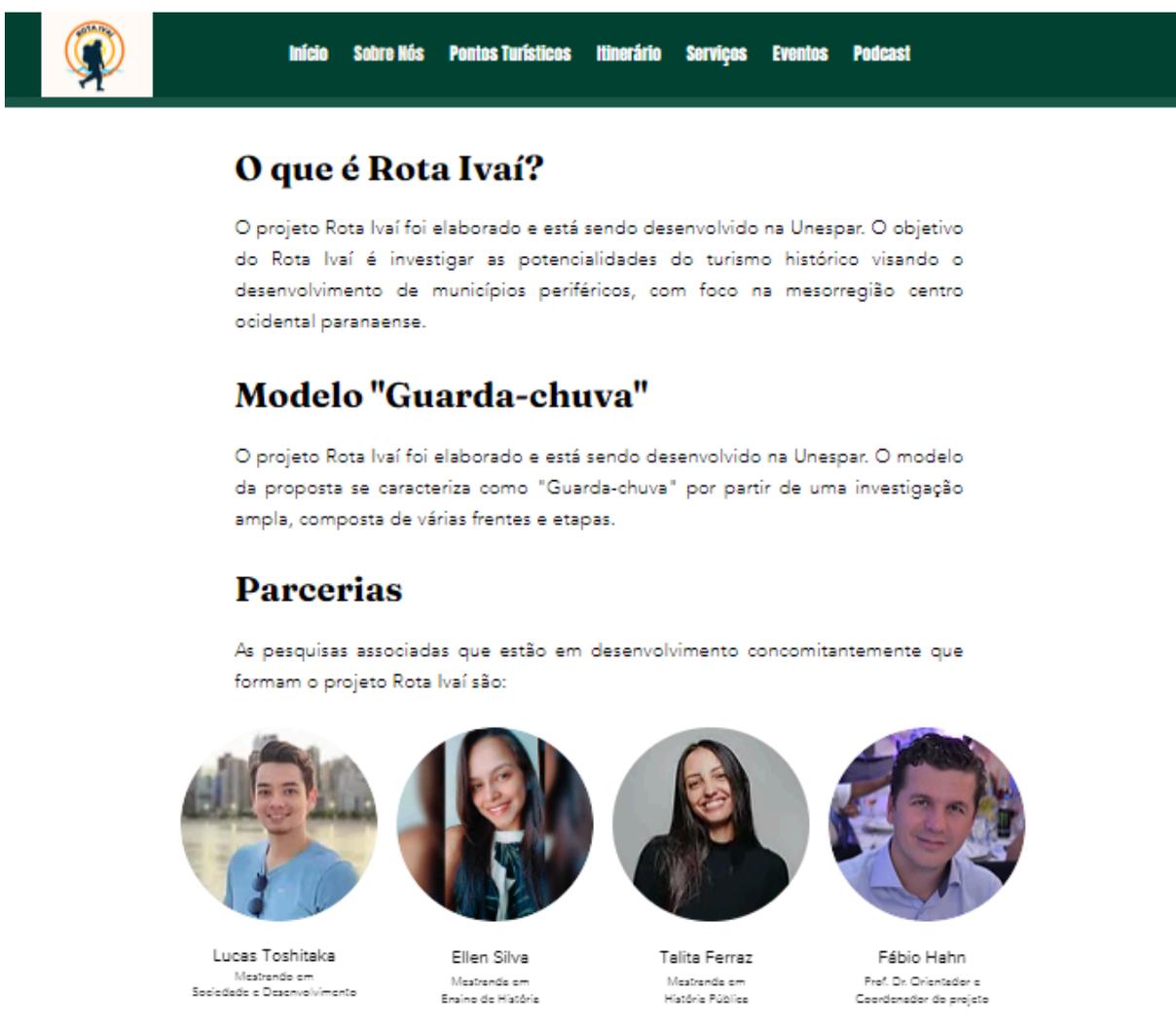
At the bottom of the page, there is a small copyright notice: 2023.

Fonte: Rota Ivaí (2024).

O itinerário recomendado tem uma duração de oito horas, incluindo uma pausa para o almoço. Vale ressaltar que o usuário é considerado um visitante, uma vez que não permanece mais de 24 horas no destino. Existem etapas a serem percorridas antes desse visitante se transformar em turista no município, assim como há um processo com intervenções necessárias para que Fênix - PR se torne um destino turístico e seus atrativos se transformem em produtos.

As opções disponíveis na página do projeto *Rota Ivaí* são organizadas em diferentes abas, com o intuito de fornecer informações relevantes aos usuários. A aba *Sobre nós* disponibiliza esclarecimentos sobre os integrantes do projeto, juntamente com as respectivas pesquisas em desenvolvimento.

Figura 13 – www.rotaivai.com.br/sobre



O que é Rota Ivaí?

O projeto Rota Ivaí foi elaborado e está sendo desenvolvido na Unespar. O objetivo do Rota Ivaí é investigar as potencialidades do turismo histórico visando o desenvolvimento de municípios periféricos, com foco na mesorregião centro ocidental paranaense.

Modelo "Guarda-chuva"

O projeto Rota Ivaí foi elaborado e está sendo desenvolvido na Unespar. O modelo da proposta se caracteriza como "Guarda-chuva" por partir de uma investigação ampla, composta de várias frentes e etapas.

Parcerias

As pesquisas associadas que estão em desenvolvimento concomitantemente que formam o projeto Rota Ivaí são:

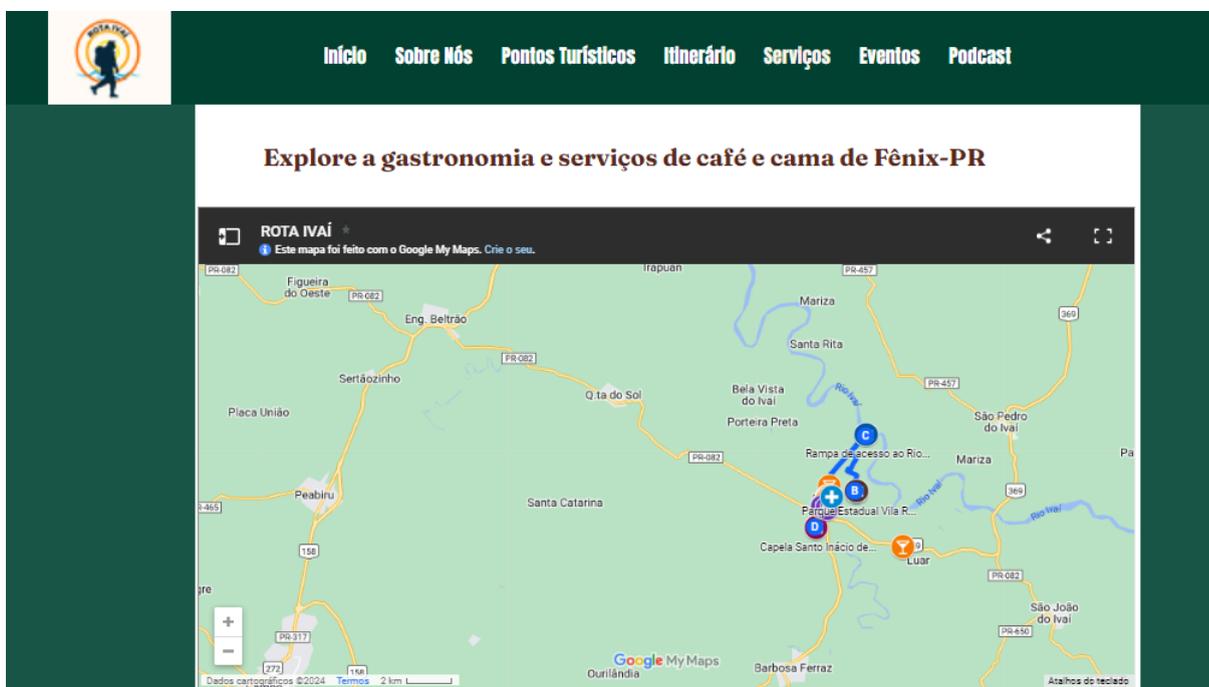
			
Lucas Toshitaka Mestrando em Sociedade e Desenvolvimento	Ellen Silva Mestrando em Ensino de História	Talite Ferraz Mestrando em História Pública	Fábio Hahn Prof. Dr. Orientador e Coordenador do projeto

Fonte: Rota Ivaí (2024).

O próprio mapa, na aba *Serviços*, contém informações sobre as opções de estabelecimentos que oferecem serviços de alimentação. Há a possibilidade de serem explorados os restaurantes que oferecem pratos típicos da culinária local e suas particularidades como elemento de atração turística. Na mesma aba, o usuário poderá encontrar um mapa incorporado diretamente ao site, hospedado no *Google Maps*, que é interativo e contém ícones distintos que identificam a *Rota* e os locais de alimentação, de hospedagem e as farmácias ao longo do percurso. A funcionalidade do *Google Maps* permite que os usuários abram e explorem o mapa, ajustando o zoom conforme necessário. Além disso, a plataforma exibe outros pontos de interesse presentes na extensa base de dados do *Google*.

A interface do *Google Maps* é amigável, amplamente reconhecida devido ao seu sistema de GPS, facilitando a navegação para os usuários, algo que torna a experiência de explorar a *Rota* e seus arredores mais intuitiva e acessível.

Figura 14 – www.rotaivai.com.br/sobre

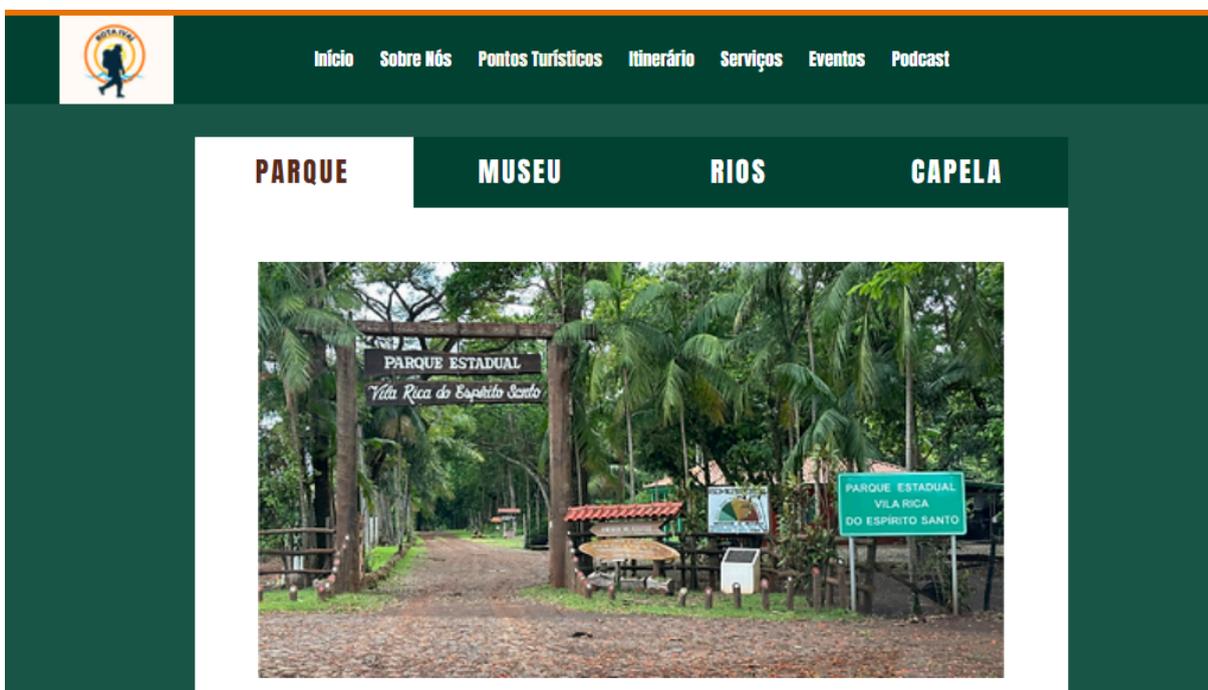


Fonte: Rota Ivaí (2024).

Na guia *Eventos*, o projeto poderá disponibilizar o calendário das festividades locais, como os aniversários das cidades e as suas festas de pratos típicos, as ecoaventuras no decorrer da *Rota*, a promoção de um outro evento que mobiliza a região, como a Rota da Fé¹⁸, as cavalgadas, o Rally fluvial, entre outros.

Como forma de complementação das informações destinadas ao conhecimento da *Rota* e da região, na parte superior do site, serão evidenciados os pontos turísticos da primeira etapa do projeto, *Etapa Fênix*, sendo eles: o parque, o museu, os rios e a capela. O visitante poderá encontrar tudo isso com a seguinte estrutura:

Figura 15 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 1



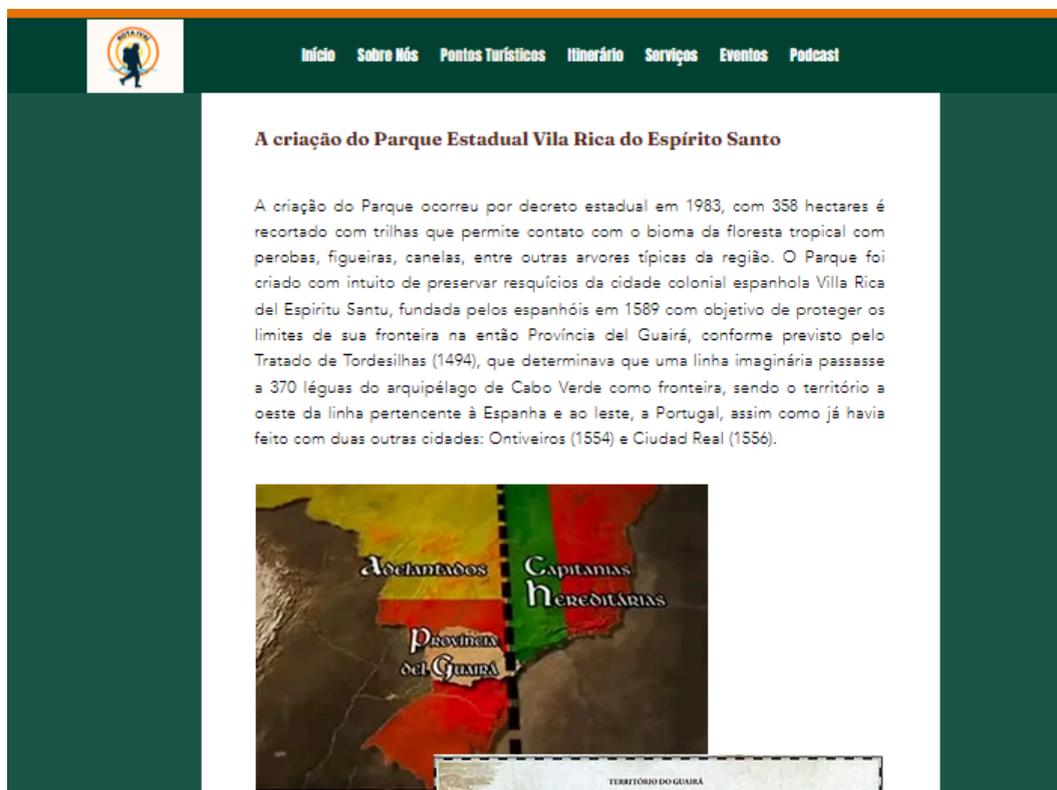
Fonte: Rota Ivaí (2024).

¹⁸ A *Rota da Fé* é um movimento inter-religioso caracterizado como uma romaria, com objetivo de visitar lugares sagrados, diferentes culturas, costumes locais, gastronomia das comunidades por onde passa e ter contato direto com a natureza. Esse movimento de romeiros acontece a cada dois meses, partindo da Catedral de São José, na cidade de Campo Mourão - PR, e visitando, no mínimo, dois municípios, passando por lugares sagrados, do rito católico, ucraniano e evangélico. A Rota passa em duas ou três cidades, movimentando centenas de pessoas direta e indiretamente, envolvendo apoio das prefeituras, empresas, entidades, instituições públicas e mistas e da Diocese e da Região de Campo Mourão. Disponível em: <https://rotasdafe.com.br/a-rota.html>. Acesso em: 19 mar. 2023.

Além dos atrativos da região, o projeto busca fomentar, por meio da História Pública, outra atração importante para a região, o parque Vila Rica del Espiritu Santo (Vila Rica do Espírito Santo). Como forma de ampliação dos futuros serviços prestados pelo site do projeto, poderá haver a possibilidade de um espaço denominado *Sugestões*, com leituras e textos científicos relevantes sobre a *Rota*, fotografias, informações sobre as festividades locais de Fênix e região, outros atrativos regionais, sendo um deles o conhecido *Caminho do Peabiru*:

Os Caminhos do Peabiru são um conjunto de trilhas criadas há mais de 3 mil anos, que ligam o Oceano Atlântico ao Pacífico, passando pelo Paraná até o Peru. A antiga rota foi utilizada pelos índios guaranis, kaingang e xetá, além dos incas, espanhóis, portugueses, jesuítas e aventureiros, desde o século XVI. O Paraná está resgatando esse trajeto para criar uma rede de trilhas com atrações carregadas de histórias, lendas, aventuras e belezas naturais. O projeto “Caminho do Peabiru” visa resgatar, proteger e fomentar o turismo e a cultura das cidades que circundam a rota histórica. As trilhas sinalizadas permitem que o turista se sinta como naqueles tempos, percorrendo paisagens impressionantes. Já são 86 cidades e 29 distritos paranaenses envolvidos. Os caminhos são ramificados e vão de Paranaguá a Peabiru (800 km passando por 30 municípios), de Peabiru a Foz do Iguaçu (450 km e 36 municípios) e de Peabiru a Guaíra com (300 km e 18 cidades) (CAMINHO DO PEABIRU, 2023).

Figura 16 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 2



Fonte: Rota Ivaí (2024).

As ruínas da fundação da Vila Rica atualmente estão inseridas no Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, situado ao Norte do município de Fênix, a cerca de 412 km da capital do estado, Curitiba. O limite Norte do Parque é o Rio Ivaí, e a Leste está o rio Corumbataí, afluente do Ivaí.

Figura 17 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 3

O governo espanhol e as reduções jesuíticas

O governo espanhol, para a conquista da Província del Guayrá, além do estabelecimento de cidades, implantou reduções jesuíticas com objetivo de cristianizar os nativos e ao mesmo tempo tentar apaziguar os conflitos e resistências, facilitando a presença dos colonos espanhóis nessas terras. Observem, no mapa, a quantidade de reduções jesuíticas e a localização de cada uma delas em comparação com Villa Rica.

CIDADES ESPANHOLAS E MISSÕES JESUÍTICAS DA PROVÍNCIA DEL GUAYRÁ
1554 a 1632

- ▲ Cidades espanholas
- ✚ Missões jesuíticas com índios Guayrá
- ✚ Missões jesuíticas com índios Jeju
- A localização de incerta

Fonte: Rota Ivaí (2024).

A região onde atualmente se localizam os municípios de Fênix - PR e Barbosa Ferraz - PR, na região da Comunidade dos Municípios da Região de Campo Mourão (COMCAM), foi originalmente habitada pelos indígenas botocudos. Com base no Tratado de Tordesilhas, uma linha imaginária foi estabelecida para dividir as terras descobertas, definindo que as terras a Leste seriam controladas pela Espanha e as terras a Oeste seriam controladas por Portugal.

Por estar localizada a Oeste da linha do Tratado de Tordesilhas, essa região pertencia à Coroa Espanhola, que estabeleceu os primeiros contatos com os indígenas que habitavam a região.

Em 1579, o capitão Ruy Dias Malgarejo fundou Vila Rica do Espírito Santo nas margens do rio Ivaí, próximo à foz do Corumbataí, pertencente à região do Guairá, explorada pelos espanhóis. A cidade recebeu esse nome em virtude da grande quantidade de cristais de rochas (ágatas) encontrados na localidade e ao fato de que os espanhóis julgavam serem pedras preciosas de valor imenso. Essa descoberta atraiu um grande número de escravistas indígenas e tornou-se um importante núcleo da região (WACHOWICZ, 1988, p. 26).

Figura 18 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 4



Fonte: Rota Ivaí (2024).

Os jesuítas exerceram o papel de educar e catequizar os indígenas, conseguindo aldear mais de cem mil deles nas reduções espalhadas pela região. Embora as reduções tivessem um grande desenvolvimento, em 1628, elas não foram capazes de impedir as investidas das

Bandeiras Paulistas lideradas por Antônio Raposo Tavares, que resultaram na destruição das reduções e na captura de milhares de indígenas para serem vendidos como escravos.

Figura 19 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 5



[Início](#) [Sobre Nós](#) [Pontos Turísticos](#) [Itinerário](#) [Serviços](#) [Eventos](#) [Podcast](#)

Para início da área urbana, foi construída uma Igreja com uma grande cruz ao lado e uma fortaleza. A parte urbana do povoado foi repartida entre os espanhóis, com solares (terrenos) para a construção de casas dentro da vila e terras para chácaras, efetivando, assim, a ocupação. Além disso, os espanhóis receberam índios para os trabalhos, tanto domésticos, quanto agrícolas. Para esse povoado, foi nomeado um alcaide (uma espécie de governador do povoado) e concedidos 24 arcabuceros (soldados). A principal atividade econômica de Villa Rica passou a ser a extração da erva-mate – moeda corrente no Guayrá.

As pesquisas e escavações arqueológicas sobre Villa Rica del Espiritu Santu revelaram características interessantes sobre a estrutura urbanística da cidade. Como vocês podem observar, na imagem que segue, um pouco do plano urbanístico de Villa Rica, que é resultado das pesquisas realizadas pela arqueóloga Claudia Parellada.

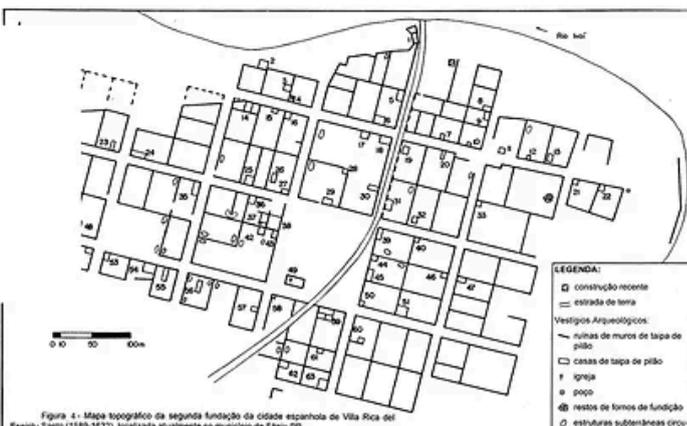


Figura 1 - Mapa topográfico da segunda fundação da cidade espanhola de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1532), localizada atualmente no município de Foz de Iguaçu.

Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 20 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 6



A estrutura das cidades coloniais espanholas do final do século XVI

Essa estrutura urbanística de Villa Rica segue o modelo das cidades coloniais espanholas do final do século XVI, baseadas na lei de Felipe II, em 1573. A área urbana da segunda fundação tinha cerca de 300.000 m². A estrutura urbana é marcada por quadras quase sempre de mesmo tamanho e ruas retas, ficando ao centro, a praça. Em torno da praça, os terrenos eram reservados à Igreja, edifícios reais e municipais, às lojas e casas de mercadores. As construções eram feitas em taipa de pilão e madeira, com coberturas de telhas do tipo colonial de encaixe, com largos beirais para proteção da taipa de pilão. Na sequência, uma imagem que representa a construção de um muro de taipa de pilão.

Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 21 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 7



Entre as construções de Villa Rica, algumas destacavam-se em alvenaria de pedra, acompanhadas de poços para captação de água e fornos para fundição de metais. As quadras de dimensões de 100x100, eram cercadas por muros de aproximadamente 1,80 de altura e 60 cm de largura. Dentro das quadras, havia as delimitações dos terrenos e as casas de taipa de pilão. Com base nas escavações arqueológicas, foram encontrados vestígios de 26 casas. Essas casas eram pequenas, com dimensões de 4x4m até 15x12m. A Igreja tinha dimensões de aproximadamente 27x15m e era dedicada a São João Batista. Ao lado da Igreja, havia um cemitério. Portanto, ao redor da praça, é provável que tenha existido também a cadeia pública, o Cabildo (prefeitura) e duas casas de religiosos. Ao redor da cidade, eram constituídas chácaras para produção de subsistência, com hortas e plantações de frutas (videiras e laranjais) com lotes de 650m x 6500m.

Fonte: Rota Ivaí (2024).

Todo o processo de produção e de aprimoramento do conteúdo do site e das redes sociais deve permanecer em constante atualização, acompanhando a materialização do projeto e as futuras pesquisas. Devido ao pouco tempo de prototipação que o grupo teve, alguns aspectos poderão servir como ganchos temáticos para aperfeiçoamento em futuros avanços da iniciativa.

Ao explorar o Parque, os visitantes são transportados para o cenário histórico da antiga cidade, mesmo que os vestígios da arquitetura e estrutura urbana não estejam mais visíveis. Essa imersão permite uma experiência sensorial única, em que é possível imaginar como era a vida naquela localidade. Embora a preservação física da arquitetura seja desafiadora, a natureza muitas vezes revela segredos do passado. Nas trilhas do Parque e em áreas próximas, a chance de encontrar peças e artefatos de época adiciona um toque de descoberta ao passeio. Cada objeto encontrado conta uma história, fornecendo aos visitantes uma ligação tangível com os eventos e pessoas que moldaram a história da região.

Essa experiência não apenas enriquece o entendimento histórico, mas também destaca a importância da preservação e pesquisa contínua. O Parque é tanto um espaço natural quanto um portal para o passado, e a cada visita novos fragmentos da história podem ser revelados, proporcionando uma jornada cativante pelas narrativas.

Figura 22 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 8



Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 23 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 9



A guerra entre espanhóis e bandeirantes paulistas

No entanto, ao contrário dos planos da coroa espanhola, a implantação das reduções jesuítas, além da aproximação com índios de tribos mais distantes de Villa Rica, acabou atraindo e abrigoando sob sua proteção índios fugidos da ação dos encomenderos villariquenhos. Esse fato resultou na diminuição de mão de obra dos colonos espanhóis para o trabalho de extração da erva-mate, o que gerou conflito com os jesuítas. O resultado desses embates entre colonos villariquenhos e jesuítas foi o enfraquecimento, tanto das reduções jesuíticas, que passaram a não mais receber armas e proteção dos espanhóis frente aos ataques de tribos indígenas hostis e das investidas dos bandeirantes paulistas no aprisionamento de indígenas,

Fonte: Rota Ivaí (2023).

Figura 24 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 10



Com o enfraquecimento do poder dos jesuítas e espanhóis, os bandeirantes paulistas perceberam que a Província del Guayrá era alvo fácil para captura de índios para serem utilizados como mão de obra escrava na agricultura paulista. Além disso, as condições eram favoráveis, inclusive para ampliação das fronteiras portuguesas e domínio de novos territórios.

Observem atentamente, no mapa que segue, a linha do Tratado de Tordesilhas, que dividia os domínios das coroas espanhola e portuguesa e os caminhos percorridos pelos bandeirantes, em especial pelas expedições de Raposo Tavares.

Fonte: Rota Ivaí (2024).

Com a queda da Vila Rica, os poucos espanhóis que sobraram foram obrigados a partir para o Paraguai. Milhares de indígenas foram mortos ou escravizados. Segundo Wachowicz,

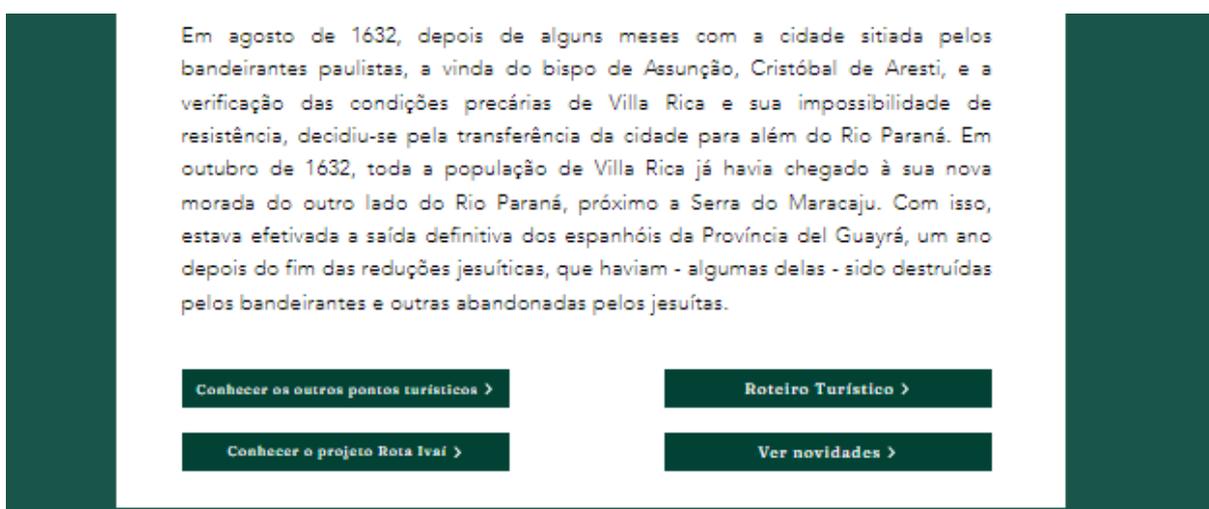
somente em combates, pereceram 15.000 indígenas nas lutas com os portugueses e cerca de 60.000 foram levados como escravos (WACHOWICZ, 1988, p. 35).

Figura 25 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 11



Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 26 – www.rotaivai.com.br/parquevilarica - parte 12



Fonte: Rota Ivaí (2024).

Por fim, os resquícios existentes do processo de colonização que atualmente se encontram no Museu de Vila Rica compõem a próxima aba do site, intitulada: “Museu”.

Figura 27 – www.rotaivai.com.br/museu - parte 1

Fonte: Rota Ivaí (2024).

Por meio de imagens das exposições permanentes, nessa aba, o site explora as potencialidades que o museu pode ter para o patrimônio material e imaterial da região, enfatizando-se o caráter construtivo e principalmente de preservação da memória cultural. Em continuidade com essa reflexão, é possível pensar que, por serem espaços públicos, educativos e conterem em seus acervos testemunhos materiais do passado, os museus são ferramentas potencializadoras para a História Pública. De acordo com Ricardo Santhiago, há três instâncias abrangidas pelo termo: a prática, a reflexão e o campo. Enquanto a prática e a reflexão da História Pública já estão estabelecidas, a novidade reside na formação desse campo, não como uma disciplina com métodos e objetos próprios, mas sim como um espaço interdisciplinar de diálogo com outros profissionais envolvidos na prática e reflexão da História (SANTHIAGO, 2016, p. 26).

A interdisciplinaridade tem um leque amplo de definição. O radical ‘disciplinaridade’ origina-se da base científica cartesiana, elemento que é retratado na obra *Regra para Direção*

do Espírito, a qual, para dar conta da *mathesis universalis* – a ciência geral capaz de descrever a totalidade em sua ordem causal –, era necessária ser dividida em disciplinas, em frações do conhecimento. O saber, ainda que disciplinarmente separado, não poderia perder seu elo com o princípio universal científico (DESCARTES, 2012). Esse primeiro movimento de reflexão disciplinar se desenvolveu e formou um espaço institucional e epistemológico no século XIX, coincidindo com o surgimento das Ciências Humanas e o debate sobre a epistemologia e o método entre Ciências Humanas e Ciências da Natureza. O preceito sobre o fundamento disciplinar é retomado pelo prof. Fábio Hahn (2020), em seu artigo *O Desafio da Interdisciplinaridade: Possibilidades de Leitura para um Jovem Pesquisador*. O autor adverte ao leitor que, apesar da raiz da palavra se encontrar em *-disciplinaridade*, é no prefixo *inter-* que se apontam as ideias fundamentais a que o sentido da palavra se refere. O prefixo se refere àquilo que está entre algo, expressa reciprocidade e relação. Entretanto, para o pesquisador, o principal sentido da expressão completa, *interdisciplinaridade*, é ultrapassar a equiparação e a comparação de uma disciplina com a outra para convergir e combiná-las.

Apesar dessa análise histórica e etimológica, a maneira como os autores se apropriam da interdisciplinaridade no Brasil se dá de maneira dicotômica. Hahn (2020) aponta como esse debate se dá no Brasil, sobretudo entre Hilton Japiassu (1976) e Ari Jants e Lucídio Bianchetti (1995). Japiassu (1976) justifica a interdisciplinaridade em um tríplice aspecto: a) contra a especialização e pulverização do saber; b) separação entre a universidade compartimentada e a dinâmica da sociedade; c) contrário às situações adquiridas que geram conformismo. Em síntese, o que Hahn (2020) expressa da posição de Japiassu é que são necessárias as trocas e a integração das disciplinas para formar um horizonte epistemológico como um todo unitário do conhecimento. Jants e Bianchetti (1995), por sua vez, contrapõem-se a ideia de uma “filosofia do sujeito” que procura de maneira a-histórica a completa dominação do objeto, de modo a realçar o fator do sujeito em uma relação de domínio com o objeto. Com a dominação do objeto, fecham-se as possibilidades interdisciplinares porque elas já estão todas subsumidas na rede de domínio sobre o objeto. Portanto, para esses últimos autores, enquanto houver a filosofia do sujeito como elemento crítico e de dominação histórica, as relações interdisciplinares ficam prejudicadas.

Mediante ao debate exposto por Hahn (2020) em seu artigo, a sua pretensão não é de o esgotá-lo ou o solucionar, mas sim auxiliar os leitores a se desenvolverem e compreenderem a complexidade do debate acerca do tema interdisciplinar. Para isso, o autor cita uma série de

livros e artigos que se tornam bibliografias fundamentais para adentrar e conhecer o tema com maior profundidade. Nas palavras do professor, “O debate está posto e, mesmo que siga uma lógica de um paradigma institucional, com seus parâmetros, não é mais possível negar a necessidade de expansão do diálogo, dos confrontos de ideias e das conquistas que resultam em reconhecimento de um espaço no meio acadêmico” (HAHN, 2020, p. 286).

Isto posto, podemos pensar a importância do tema para a *Rota Ivaí*, visto seu caráter necessário e interdisciplinar. Ainda que não pretendamos esgotar a discussão já iniciada e bem desenvolvida pelos pesquisadores, enfatizamos a necessidade de que esta dissertação se expanda os limites entre as disciplinas já listadas: História Pública, Turismo e Comunicação. Para tanto, a estrutura arbórea da História Pública se torna fundamental, tendo em vista a sua forma interdisciplinar essencial.

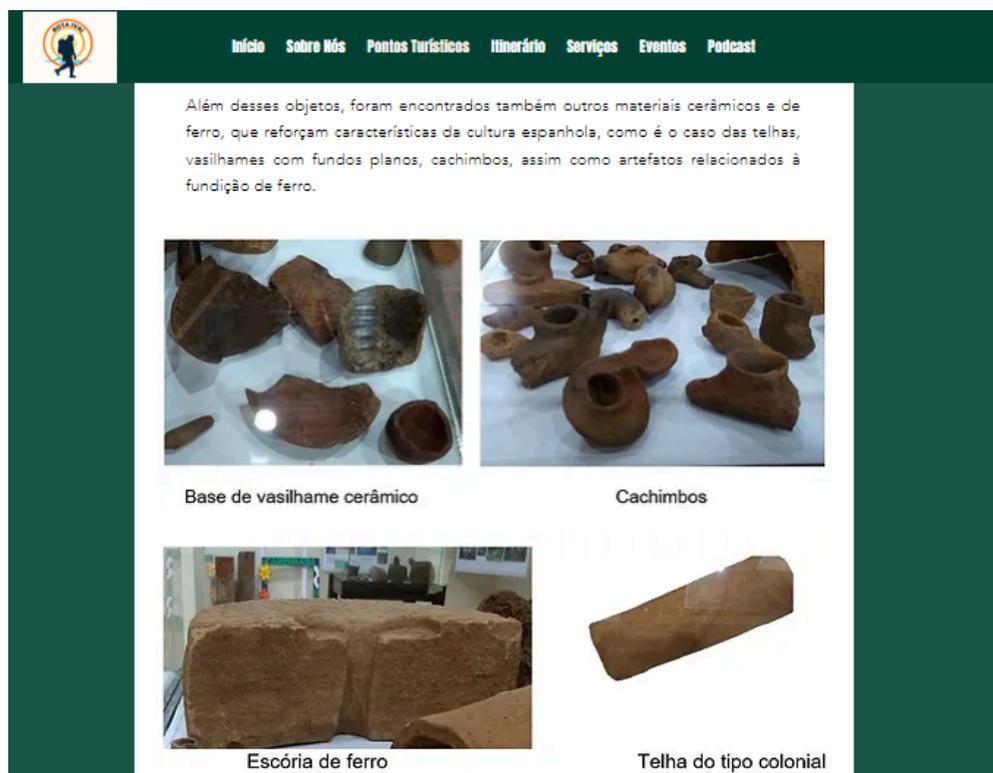
Feito esse aprofundamento nas temáticas interdisciplinares fundamentais para *Rota Ivaí*, passamos para mais algumas ilustrações que podem ser observadas e estudadas no Museu de Vila Rica.

Figura 28 – www.rotaivai.com.br/museu - parte 2



Fonte: Rota Ivaí (2024).

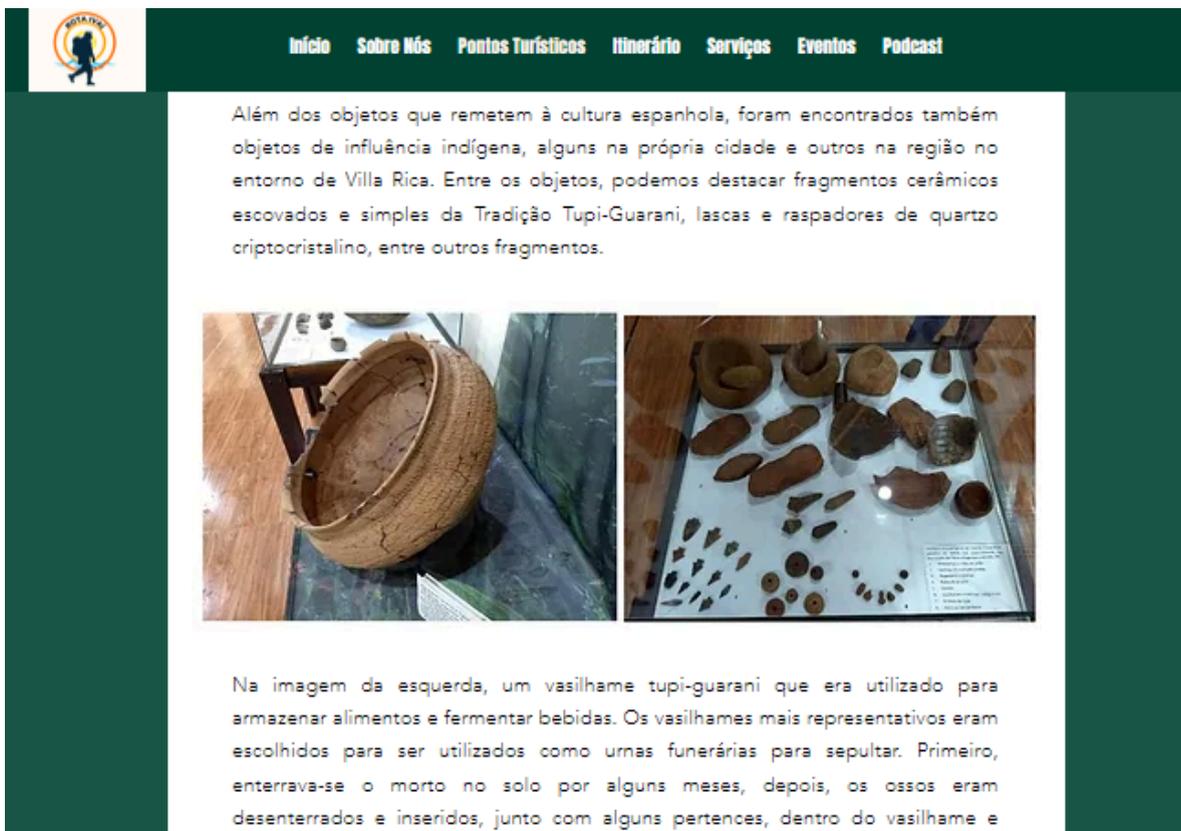
Figura 29 – www.rotaivai.com.br/museu - parte 3



Fonte: Rota Ivaí (2024).

Ao entrar em contato com os objetos expostos em um museu, é possível estimular uma reflexão crítica sobre os processos históricos que os produziram e os levaram a serem expostos, o que humaniza o conteúdo e aproxima o visitante da construção da história. Ir além das perguntas superficiais que se limitam a fatos isolados faz com que esse visitante estabeleça conexões entre os objetos, eventos e conceitos apresentados, compreendendo de modo mais amplo e contextualizado da História.

Figura 30 – www.rotaivai.com.br/museu - parte 4



Além dos objetos que remetem à cultura espanhola, foram encontrados também objetos de influência indígena, alguns na própria cidade e outros na região no entorno de Villa Rica. Entre os objetos, podemos destacar fragmentos cerâmicos escovados e simples da Tradição Tupi-Guarani, lascas e raspadores de quartzo criptocristalino, entre outros fragmentos.



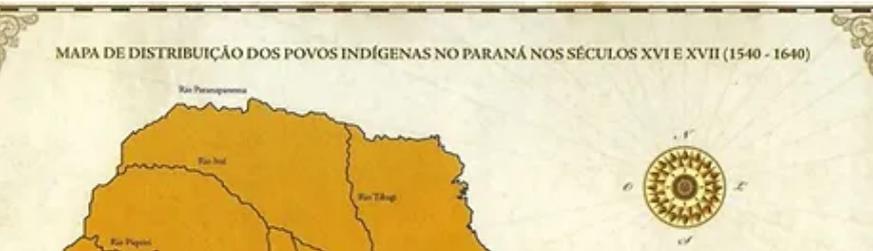
Na imagem da esquerda, um vasilhame tupi-guarani que era utilizado para armazenar alimentos e fermentar bebidas. Os vasilhames mais representativos eram escolhidos para ser utilizados como urnas funerárias para sepultar. Primeiro, enterrava-se o morto no solo por alguns meses, depois, os ossos eram desenterrados e inseridos, junto com alguns pertences, dentro do vasilhame e

Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 31 – www.rotaivai.com.br/museu - parte 5

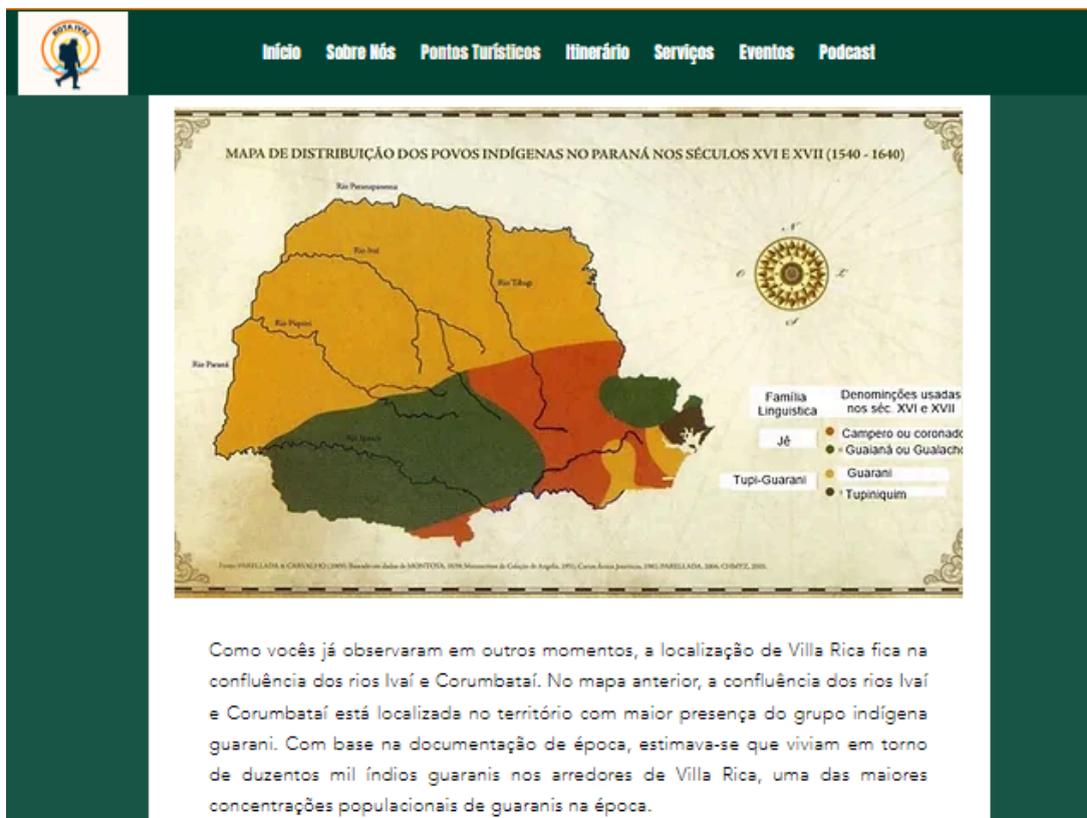


É importante ficar claro que, bem antes da presença do "homem branco" – tanto de espanhóis quanto de portugueses –, os índios já estavam presentes em todo o continente americano. Portanto, "descobrimento" é um termo relativo utilizado pelos portugueses e espanhóis, quando da sua chegada nessas terras. É essencial não esquecer: os índios já estavam aqui. No caso do Paraná, como vocês podem observar no mapa que segue, havia a presença de diferentes grupos indígenas.



Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 32 – www.rotaivai.com.br/museu - parte 6



Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 33 – www.rotaivai.com.br/museu - parte 7

Início Sobre Nós Pontos Turísticos Itinerário Serviços Eventos Podcast

A invasão do território indígena por parte dos espanhóis que alegavam estar protegendo suas fronteiras foi conflituosa. Nos documentos de época e nos estudos já realizados, estão presentes diferentes relações entre índios e espanhóis, mas, inicialmente, marcada pelo conflito e resistência. Apesar de os índios serem mais numerosos, o recurso das armas de fogo utilizadas pelos espanhóis acabou subjugando muitos grupos de índios guaranis. Esses índios guaranis foram explorados pelos espanhóis por meio de dois sistemas impostos: a encomienda e a mita. A encomienda foi um sistema criado pelos espanhóis e imposto aos indígenas durante o período colonial para o trabalho de extração da erva-mate, com objetivo de explorar o trabalho indígena de forma compulsória por um colono que teria direito enquanto visse. Vinte mil índios foram encomendados. Em troca, o colono era responsável pelo índio (sustentar e vestir) e deveria promover sua cristianização, sem nunca vendê-lo ou maltratá-lo. Na teoria, era um servo e não escravo, pois, segundo a legislação colonial espanhola, os yanáconas (índios submetidos) estavam subordinados às terras e não aos proprietários, daí o fato de não estarem à venda e, assim, não serem considerados escravos. Já a Mita era um sistema de trabalho forçado imposto e tinha como origem a ação dos reis incas, no Peru.

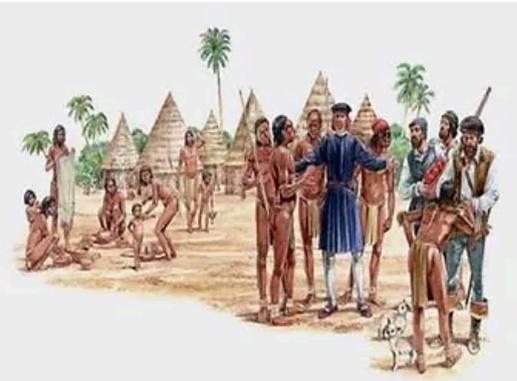
Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 34 – www.rotaivai.com.br/museu - parte 8

The screenshot shows a website interface with a dark green header. The header contains a logo on the left and a navigation menu with the following items: Início, Sobre Nós, Pontos Turísticos, Itinerário, Serviços, Eventos, and Podcast. Below the header, there is a main content area with two paragraphs of text. The first paragraph discusses land ownership and labor systems like Mita. The second paragraph describes the Spanish colonial labor system and its impact on indigenous people. Below the text is a central illustration of a colonial scene with a man on a horse and indigenous people. At the bottom of the content area, there are four dark green buttons with white text and right-pointing arrows: 'Conhecer os outros pontos turísticos >', 'Roteiro Turístico >', 'Conhecer o projeto Rota Ivaí >', and 'Ver novidades >'.

Substituíamos os terrenos e moos dos proprietários, com o fato de não estarem a venda e, assim, não serem considerados escravos. Já a Mita era um sistema de trabalho forçado imposto e tinha como origem a ação dos reis incas, no Peru.

Nesse sistema aplicado pelos espanhóis, uma parte dos índios era utilizada para o trabalho em uma jornada de quatro dias de trabalho semanal, permitindo que só fosse retirada a quarta parte dos indígenas encomendados, proibindo castigo aos índios e carregamento excessivo em seus trabalhos. Na prática, a realidade foi outra, a violência empregada pelos colonos espanhóis era naturalizada e de difícil controle por parte da coroa espanhola.



Conhecer os outros pontos turísticos >

Roteiro Turístico >

Conhecer o projeto Rota Ivaí >

Ver novidades >

Fonte: Rota Ivaí (2024).

O município de Fênix - PR é cortado por diversas bacias hidrográficas, áreas de drenagem das águas superficiais e subterrâneas que influenciam diretamente no clima, na fauna, na flora, no turismo e na economia da região. Em razão dessa importância, no desenvolvimento do site, optamos por dedicar uma aba exclusiva para *Rios*, compartilhando informações sobre as bacias hidrográficas de Fênix.

Figura 35 – www.rotaivai.com.br/rios - parte 1



Fonte: Rota Ivaí (2024).

As bacias hidrográficas de Fênix - PR são significativas para a região, uma vez que são responsáveis pelo abastecimento de água para diversos setores como a agricultura, a pecuária, a indústria e o turismo, os quais são pilares da produção econômica dos municípios que envolvem a *Rota*.

Figura 36 – www.rotaivai.com.br/rios - parte 2



Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 37 – <https://www.rotaivai.com.br/rios> – parte 3



[Início](#) [Sobre Nós](#) [Pontos Turísticos](#) [Itinerário](#) [Serviços](#) [Eventos](#) [Podcast](#)

Os rios Ivaí e Corumbataí foram determinantes para a fundação de Villa Rica no século XVI. Localização estratégica que permitia a ligação com o rio Paraná e, conseqüentemente, com outros rios que desaguam em seu leito e que se estendem pelos territórios do Paraguai e Argentina em um constante entrelaçar com outros rios até desaguar no mar.

Além da possibilidade de rápido deslocamento, os rios também eram fonte de alimentação em lugares inóspitos. A fundação de Villa Rica a margem do rio Ivaí era estratégica para defesa das fronteiras espanholas – definidas pelo Tratado de Tordesilhas – de possíveis investidas pelos portugueses.



Rio Ivaí, "Salto da Bulha", Expedição - Edmundo Mercer.

PHOTO ALEXANDRE LINDHEIMER

Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 38 – <https://www.rotaivai.com.br/rios> – parte 4

Expedições com objetivo de compreender e verificar o potencialidade de sua navegabilidade. Entre as principais expedições, destaca-se a realizada 1922 ao longo de todo o rio Ivaí e conduzida por Edmundo Alberto Mercer, acompanhado pelos engenheiros Carlos Coelho Jr., Otto Trumpezynski e o médico Oliveira Portes, revelando a inviabilidade da navegação contínua ao longo do rio Ivaí. A expedição foi registrada pelo fotógrafo curitibano Alexandre Linsmeyer.

Porto Tibiriçá, Vapor Guayra em que viajou a comissão. Expedição—Edmundo Mercer.

PHOTO ALEXANDRE LINSMEYER

Conhecer os outros pontos turísticos >

Roteiro Turístico >

Conhecer o projeto Rota Ivaí >

Ver novidades >

Fonte: Rota Ivaí (2024).

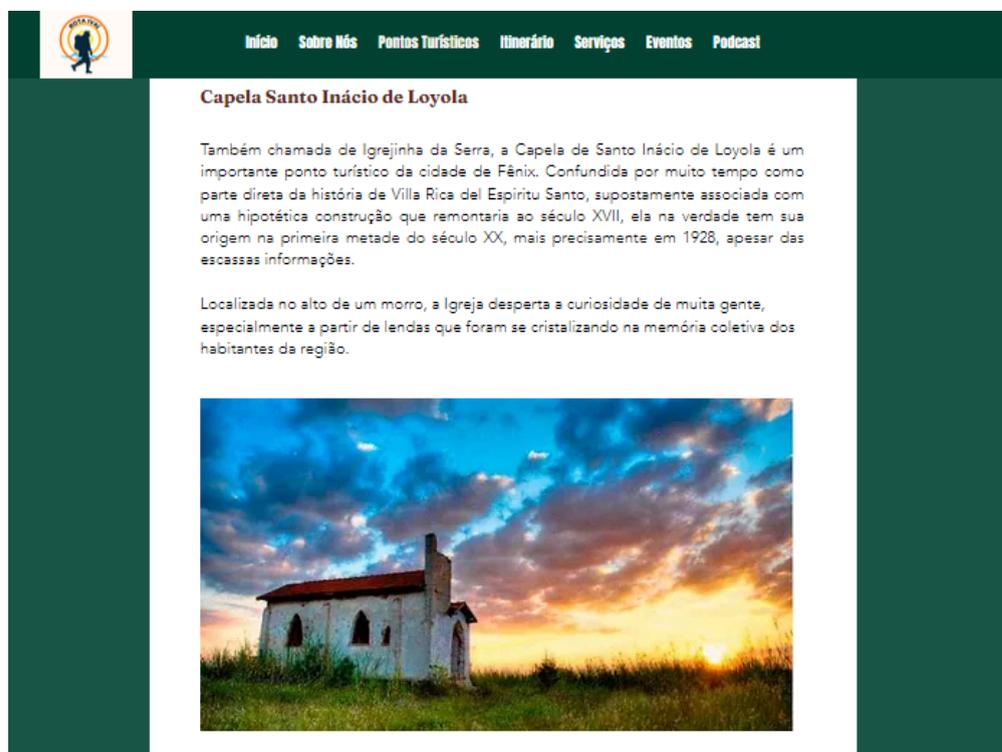
No site, também há uma aba destinada à Capela Santo Inácio de Loyola, pois essa construção é um marco histórico para o município de Fênix - PR e pode ser considerado um relevante ponto turístico da região. Fotos e textos buscam fomentar o turismo por meio da busca de experiências espirituais ou, ainda, por todo o misticismo que envolve a história do monumento.

Figura 39 – www.rotaivai.com.br/capela - parte 1



Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 40 – www.rotaivai.com.br/capela - parte 2



Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 41 – www.rotaivai.com.br/capela - parte 3



A lenda

A lenda que quase destruiu a capela está associada a Villa Rica, fato que atraiu muita gente em busca de riqueza. O nome de Villa Rica teria sido atribuído a primeira fundação da cidade em 1570, pois se imaginava que existia ouro em abundância na região, que aliás não é a mesma região do município de Fênix. Nesta cidade ocorreu uma refundação. Imaginando que a Capela estivesse associada a Villa Rica e a uma antiga lenda que perdurou séculos e de que poderia ter sido enterrado ouro pelos espanhóis na região antes da destruição da cidade pela invasão dos bandeirantes paulistas em 1632. A Capela supostamente poderia ter sido um local ideal, uma referência de localização, mas o que muita gente não sabia é que a capela não está associada a Villa Rica. A Capela foi construída em meados do século XX, quase três séculos depois da fundação de Villa Rica. No entanto, isso não impediu com que inúmeros invasores escavassem a Capela em busca de ouro, fato que quase levou a destruição do espaço sagrado.

Fonte: Rota Ivaí (2024).

Figura 42– <https://www.rotaivai.com.br/capelasantoinaciodeloyola> – parte 4



A busca pelo ouro

Com a procura de pessoas pela Capela por ser um espaço sagrado, mas também pela curiosidade e pelas lendas, a prefeitura realizou melhorias no seu entorno e um trabalho de “restauração”, do ponto de vista histórico equivocado, pois não levou em consideração as boas práticas da restauração, com a aplicação de materiais com intervenção inadequada. Mesmo assim, a Igrejinha continua sendo lugar de intensa visitação e referência para a Rota da Fé. A Capela, com uma cruz ao seu lado, conta com um altar e pequenos objetos, lembranças deixadas por peregrinos.

A lenda de ouro enterrado na Capela está associada, como já mencionamos anteriormente, a Villa Rica. Em 1896, José Cândido da Silva Muricy, político e militar paranaense, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, com um grupo de políticos paranaenses realizou uma “expedição a Villa Rica”, imaginando equivocadamente que pudesse ser uma redução jesuítica com tesouros enterrados. Partindo de Curitiba rumo ao atual município de Fênix se depararam com as ruínas de taipa e alguns fragmentos cerâmicos de Villa Rica. Apesar de várias escavações, logo o grupo se deparou com o fato de que nada encontrariam (MURICY, 1975). No entanto, expedições como essas alimentaram a sanha exploratória e o imaginário dos visitantes.

Conhecer os outros pontos turísticos >

Roteiro Turístico >

Conhecer o projeto Rota Ivaí >

Ver novidades >

Fonte: Rota Ivaí (2024).

A integração de tecnologias digitais na disseminação do conhecimento histórico tem se mostrado uma estratégia eficaz para alcançar amplos públicos. O *podcast Caminhos do Ivaí*, desenvolvido por esta pesquisa, representa um exemplo dessa integração. Em vista disso, criou-se uma aba específica no site dedicada ao *podcast*, destacando seu papel na divulgação histórica e no incentivo ao turismo na região de Vila Rica do Espírito Santo, localizada em Fênix - PR. A partir dessa iniciativa, nossa expectativa é que o formato possa transcender os “muros da universidade”, promovendo a interação entre a pesquisa acadêmica e o grande público.

Vale frisar que essa aproximação é essencial para a História Pública, tornando o conhecimento histórico acessível e engajador para aqueles fora da academia. Ao focalizar em temas locais e na construção de um roteiro turístico histórico, o projeto *Rota Ivaí* vai além da disseminação de conhecimento; ele visa à ativação da memória coletiva e ao fortalecimento da identidade regional. Ao refletirmos sobre esse papel da História Pública e a construção de uma autoridade compartilhada, Werle (2017, p. 446) salienta que:

A possibilidade de uma história pública, além de passar pela democratização do acesso à informação historicamente construída, se efetiva com a colaboração dos agentes sociais na construção das narrativas sobre o passado, no sentido de uma autoridade compartilhada, atravessando 'o abismo entre a torre de marfim e o mundo real'.

Figura 43 – <https://www.rotaivai.com.br/podcast-1> – parte 1



Fonte: Rota Ivaí (2024).

A criação de uma aba dedicada ao *podcast* no site do projeto amplia seu alcance e eficácia como recurso educativo e turístico. Ao oferecer acesso direto aos episódios e conteúdos relacionados, essa aba facilita a disseminação do conteúdo desenvolvido e reforça a região de Vila Rica do Espírito Santo como um destino de turismo histórico.

Figura 44 – <https://www.rotaivai.com.br/podcast-1> – parte 2

As creanças de um caminho: Jurandir Coronado Aguiar #4
25/02/2024 | 36 min | Última Episódio
No episódio final desta série, nossa conversa se volta para a história e o papel da Igreja no Paraná. Vamos explorar desde o surgimento das primeiras missões até o impacto profundo que tiveram em Vila Rica do Espírito Santo. Ao...

As origens de um caminho: Lúcio Tadeu Mota #3
24/02/2024 | 48 min
Quem são os povos indígenas da região sul do Brasil? Neste terceiro episódio, com um olhar especial sobre as comunidades que habitaram a região de Vila Rica do Espírito Santo, exploraremos os intrincados processos de...

A construção de um caminho: Ernelo Schallenberger e...
24/02/2024 | 47 min
"Quem são os paranaenses?" Junte-se a nós no segundo episódio, onde exploramos as nuances das identidades regionais, migrações e as fronteiras que moldaram nosso território regional. Em uma conversa enriquecedora,...

Vestígios arqueológicos de um caminho: Claudia Inês Parellad...
19/02/2024 | 44 min
Neste primeiro episódio, mergulhe na fascinante jornada arqueológica que revelou os vestígios da cidade colonial espanhola do século XVI, Vila Rica do Espírito Santo, agora abrigada no Parque Estadual de Vila Rica do Espírito...

As raízes do projeto Rota Ivaí: Piloto
19/02/2024 | 37 min

Fonte: Rota Ivaí (2024).

Após essa exposição sobre a disposição do site, podemos concluir esta seção afirmando que a proposta de uma plataforma digital permite uma interação mais rica e dinâmica com os conteúdos referentes à construção da *Rota Ivaí*. Por meio das abas supracitadas, o público poderá ter acesso a materiais complementares, fotografias históricas, mapas interativos dos locais mencionados, *podcasts* e links de interesse. Toda essa interatividade não apenas enriquece a experiência do usuário, mas também incentiva a participação ativa na construção coletiva do conhecimento histórico, promovendo uma conexão mais fundamentada com o passado da região. A *Rota* e o seus produtos de

divulgação estarão em constante atualização de acordo com o avanço de pesquisas futuras, conduzindo a criação de possíveis novas abas.

2.2 As cidades envolvidas e o seu perfil

A proposta da *Rota Ivaí* tem como recorte geográfico os municípios paranaenses de Barbosa Ferraz, de Corumbataí do Sul, de Quinta do Sol, de Engenheiro Beltrão e de Fênix. A criação de uma rota turística para esses municípios pode ser justificada por diversos fatores, sobretudo pelo grande potencial turístico da região, com a presença de belas paisagens naturais, como rios, cachoeiras e trilhas, além de uma rica história cultural e arquitetônica que, na maioria das vezes, passa por um processo de esquecimento por parte da grande mídia e dos indicadores de turismo no estado. Além disso, busca-se compreender como uma rota turística pode contribuir para o desenvolvimento econômico da região, se é possível que, nesse desencadeamento, haja geração de empregos e renda para a população local, viabilizando a manutenção futura do projeto e a estimulação para o desenvolvimento de novas empresas e empreendimentos turísticos, como pousadas, restaurantes e lojas de souvenirs, que podem atender tanto aos turistas quanto à população local.

Outro ponto importante é que a *Rota* pode contribuir para a preservação da história e da cultura dos municípios, ao incentivar a conservação do patrimônio histórico e cultural da região, bem como a adoção de práticas sustentáveis de turismo. Dessa forma, a *Rota* pode ajudar a promover o turismo de forma consciente e responsável, valorizando a identidade e as características únicas de cada município. A rota turística, portanto, pode ser considerada como um estímulo à promoção do turismo interno, valorizando-se as belezas e os atrativos da região que abrange os municípios, respeitando as suas características e particularidades.

A cidade de Barbosa Ferraz - PR se originou de um loteamento localizado no interior do município de Campo Mourão - PR, que foi criado por Joaquim Vicente de Castro, Engenheiro Civil e o primeiro prefeito de Londrina - PR. Por ter um solo fértil e terra avermelhada, conhecida como terra roxa, atraiu muitas pessoas, que compraram terrenos e se estabeleceram no local. Foi tamanha a procura que se tornou Distrito em 1955 e, poucos anos depois, em 25 de julho de 1960, por meio da Lei Estadual nº 4.245, de 25 de julho de 1960, sancionada pelo governador Moysés Willi Lupion de Tróia, foi elevado à categoria de município, com território desmembrado de Campo Mourão - PR. A instalação oficial ocorreu

no dia 15 de novembro de 1961, e o nome do município foi uma homenagem ao Major Antônio Barbosa Ferraz, paulista de Ribeirão Preto que desbravou os sertões a partir do Norte paranaense na década de 1920 (BARBOSA FERRAZ, 2023).

Jorge (2020) explica que a história de colonização desse município

[...] foi marcada pela política de concessão de terras devolutas em troca da prestação de serviços. Nesse sentido, na década de 1920 a área hoje equivalente ao município foi parte da concessão realizada em benefício de uma única pessoa como pagamento pela construção de uma estrada na região Sudeste do estado. Vinte anos depois, na década de 1940, esse território foi negociado com uma empresa colonizadora que passou a lotear e comercializar a terra. A iniciativa da empresa estava alinhada com as características naturais da região e com os interesses econômicos da época. Por essa razão, inicialmente foi a cafeicultura a atividade responsável por atrair os primeiros colonos (JORGE, 2020, p. 2).

Vale destacar que o café desempenhou um papel significativo nas economias nacional e estadual, além de ter sido responsável pela colonização da região Norte do Paraná. A partir da década de 1960, a cultura do café foi substituída pela da hortelã, que se tornou o principal motor econômico e impulsionou a ocupação do território. No entanto, o ciclo da hortelã em Barbosa Ferraz - PR terminou no início da década de 1970, devido à exaustão do solo resultante da exploração excessiva. Com uma influência local limitada, o município de Barbosa Ferraz - PR é considerado um centro periférico na região de Campo Mourão, no Paraná. A cidade é conhecida principalmente por seus esportes, atraindo a maioria dos visitantes em sua área de influência. Com uma população estimada em 11.287 mil habitantes, Barbosa Ferraz - PR é o 10º município mais populoso da região. O Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* da cidade é de cerca de R\$24.656,06, com a maior parte do valor adicionado vindo do setor de serviços, seguido pela administração pública, agropecuária e indústria¹⁹.

Três em cada dez pessoas de Barbosa Ferraz - PR vivem da produção de crochês. A cidade, que já foi conhecida como a capital paranaense da menta, nas décadas de 1960 a 1970, e que mais produzia menta (hortelã) no mundo, viu a sua população diminuir ano após ano quando essa produção deixou de ter relevância no município. Em busca de novos negócios, investiu-se no artesanato, especialmente o crochê, atualmente vendido para todo o Brasil.

¹⁹ Dados utilizados com base nas informações disponibilizadas pelo site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e levantados pelos Censos de 2020 e 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/barbosa-ferraz.html>. Acesso em: 26 mar. 2023.

A atividade do crochê, que iniciou despretensiosamente, emprega e gera renda há 20 anos para cerca de 3 mil pessoas direta e indiretamente nesse município, além de fomentar expressivamente a economia local. O título valoriza e chama a atenção do turismo, além de atrair compradores e investimentos para a região, pois moradores de cidades circunvizinhas também vivem da atividade, produzindo para as empresas de Barbosa Ferraz - PR. Esse ramo é tão expressivo que A Lei nº 9.821, de 11 de novembro de 2016, concedeu ao município o título de Capital do Crochê²⁰.

O município de Corumbataí do Sul - PR teve origem na década de 1960, sob a influência propagandística das qualidades da terra roxa do Paraná, tendo a cidade polo de Campo Mourão - PR como base para a sua colonização. O nome da cidade faz referência ao Rio Corumbataí, que corta o território municipal e tem excepcional beleza. Em 13 de janeiro de 1967, o povoado deu início ao seu caminho para se tornar um município. Primeiramente, foi considerado um Distrito Administrativo, por meio da Lei nº 5.472, sendo pertencente ao município de Barbosa Ferraz - PR. Posteriormente, em 27 de maio de 1987, a Lei nº 8.484 autorizou a criação do município de Corumbataí, com o acréscimo do termo “do Sul” para diferenciá-lo de outro município homônimo no estado de Goiás. Corumbataí do Sul desmembrou-se de Barbosa Ferraz, o que ocorreu oficialmente em 1º de janeiro de 1989, com a eleição de Jair Cândido de Almeida como o primeiro prefeito municipal, formando chapa com Luiz Peternelli (CORUMBATAÍ DO SUL, 2023).

Corumbataí do Sul é o 21º município mais populoso da pequena região de Campo Mourão, com aproximadamente 3,1 mil habitantes. O seu PIB *per capita* é de cerca de R\$26.232,36²¹. A produção agrícola e as atividades relacionadas à matéria-prima agrícola têm sido de grande importância histórica na economia municipal. A agricultura é a principal atividade econômica da cidade, com destaque para o cultivo de café e frutas, especialmente o maracujá. Devido ao relevo da região, a agricultura familiar é predominante nas pequenas propriedades, já que a mecanização agrícola sofre dificuldades para se desenvolver. Juntamente com a vida agrícola, os aspectos religiosos do interior são o principal atrativo turístico da cidade.

²⁰ Disponível em: <<https://tribunasc.com/portal/barbosa-ferraz-a-capital-do-croche-2/>>. Acesso em: 26 de março de 2023.

²¹ Dados utilizados com base nas informações disponibilizadas pelo site do IBGE e levantados pelos Censos de 2020 e 2021 : Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/corumbatai-do-sul.html>>. Acesso em: 26 mar. 2023.

O município de Quinta do Sol – PR foi criado em 1963 por intervenção da Lei Estadual nº 4788, sendo instalado em 1964, após se desmembrar de Fênix - PR. Seu nome foi escolhido pelo empresário José Lupion, que lotou a sua fazenda e construiu a cidade, instalando igreja, escola, administração e outros equipamentos. O nome *Quinta do Sol* vem da palavra *quinta*, que significa *grande fazenda*, em Portugal, e *sol*, a quinta nota da escala musical. O brasão da cidade representa uma propriedade rural e uma clave de sol. Quinta do Sol está localizada no Centro-Oeste do Paraná, tem uma população estimada de 4.500 pessoas e foi oficializada em 2018 como a Capital Paranaense do Folclore devido à sua referência na preservação e na difusão do folclore do Paraná e do Brasil. A forte colonização japonesa e a migração de paulistas, mineiros e nordestinos foram resultado da cultura do café e da hortelã na região nas décadas de 1950 e 1960. As suas ruas e avenidas têm nomenclatura de planetas, estrelas e constelações, proporcionando uma viagem espacial pela cidade.

A cidade de Quinta do Sol, no Paraná, conta com atrações naturais, a exemplo da cachoeira conhecida como Cachoeirinha, do Rio da Várzea e, na fronteira com Itambé, do Rio Ivaí, que banha a margem Norte do município. Para caminhadas, a estrada do Morro do Jaraguá é um destino ideal, pois oferece uma bela vista das cidades de Quinta do Sol - PR e Engenheiro Beltrão - PR, especialmente da Vila Rural nas proximidades. O município é famoso pelas suas celebrações. A Junifest, uma grande festa junina envolvendo todas as instituições de ensino da cidade, ocorre em junho. Em dezembro, a comemoração é em homenagem ao aniversário da cidade, que agora inclui o prato típico local, o leitão ao fogo de chão. Há também o Festival de Folclore de Quinta do Sol (Fefosol), organizado pela Associação de Pesquisa e Projeção Folclórica Pôr do Sol, ocorrendo anualmente na primeira semana de agosto, sendo o único evento desse porte no Paraná²².

O município de Engenheiro Beltrão - PR está localizado na região central do Paraná, às margens do Rio Ivaí. A sua área total é de 467,257 km². Foi fundado pela Sociedade Técnica e Colonizadora Engenheiro Beltrão Ltda, que adquiriu uma vasta área de terras nas regiões Leste de Peabiru - PR e Nordeste de Campo Mourão - PR, entre os rios Mourão e Ivaí. A técnica apurada utilizada na colonização das terras proporcionou o surgimento de diversas fazendas de plantação de café, impulsionando o progresso do seu patrimônio. Em 1951, o núcleo foi elevado à categoria de Distrito Administrativo e, em 1954, tornou-se município.

²² Devido à falta de informações sobre o município no próprio site da prefeitura, os dados disponíveis foram retirados do site do IBGE e do Viaje Paraná. Disponível em: <<https://www.viajeparana.com/Quinta-do-Sol>>; <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/quinta-do-sol.html>>. Acesso em: 26 mar. 2023.

A agropecuária é a principal atividade econômica da região, seguida pelo setor industrial, com destaque para a produção de confecções. Os empregos urbanos são distribuídos de forma equivalente entre o comércio e a indústria de vestuário. Segundo o Censo do IBGE de 2021, a população estimada era de 13.962 pessoas, com um índice de renda I de R\$39.593,87²³. Além disso, a cidade é conhecida por suas festas, recebendo o título de Cidade da Alegria, com exposições agropecuárias, eventos gastronômicos e festas típicas, tais como a ExpoBeltrão e a Festa do Leitão à Pururuca, eventos tradicionais na cidade e que destacam a cultura, a economia e o agronegócio locais, além de apresentações artísticas e shows. A Caminhada Internacional na Natureza, realizada no Circuito do Sertão, é um evento que propõe atividade física em meio à paisagem, passando por cachoeiras, construções antigas, áreas de pasto e colinas, com inscrição que inclui almoço (VIAJE PARANÁ, 2023)²⁴.

2.3 Potencialidades da Rota Ivaí - Etapa Fênix

Como ressaltamos na introdução desta dissertação, concentramo-nos e, um elemento norteador da pesquisa, a *Etapa Fênix*. Para tanto, necessário é importante entendermos como a região é constituída e quais são seus atributos para a *Rota*. A *Rota Ivaí* apresenta uma proposta que se baseia em dois elementos centrais: o portal *Rota Ivaí* e a tecnologia *QR Code*. Enquanto o portal abrigará todas as informações, os dados e os recursos relacionados à *Rota*, o *QR Code* servirá como uma via de acesso rápido a esses conteúdos.

O município de Fênix - PR, como já destacamos anteriormente, tem um recorte especial devido à sua potencialidade histórica para os condicionantes da *Rota Ivaí*. A cidade de Fênix - PR está localizada na Mesorregião Centro-Ocidental do Paraná, sendo parte da região geográfica imediata da cidade de Campo Mourão - PR, da qual foi desmembrada em 1960 e instalada oficialmente em 15 de novembro de 1961. Em seu território, estão situados os municípios paranaenses de Quinta do Sol, Peabiru, Barbosa Ferraz, Itambé, São Pedro do Ivaí e São João do Ivaí. Fênix - PR é composto por três distritos, Fênix, Bela Vista do Ivaí e Porteira Preta, e está sob a jurisdição da comarca de Engenheiro Beltrão - PR (FÊNIX, 2023).

²³ Devido à escassez de informações sobre o município no próprio site da prefeitura, os dados disponíveis foram retirados do site do IBGE. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/engenheiro-beltrao.html>>. Acesso em: 26 mar. 2023.

²⁴ Informações retiradas do portal Viaje Paraná. Disponível em:

<<https://www.viajeparana.com/Engenheiro-Beltrao>>. Acesso em: 26 mar. 2023.

Com base em estimativas do IBGE de 2021, a população de Fênix - PR é de 4.734 habitantes. O nome da cidade é uma homenagem à ave mítica fênix, que renasce das cinzas, assim como a cidade ressurgiu das ruínas da antiga Vila Rica. Fênix - PR tem um valor cultural, religioso e histórico significativo. As suas principais atividades econômicas estão relacionadas à agricultura, principalmente no cultivo de soja e milho.

O Museu de Vila Rica, localizado no interior do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo, expõe cerâmicas e artefatos dos indígenas guaranis encontrados na localidade. O Parque também contém trilhas em meio à mata nativa que duram cerca de uma hora, permitindo ao visitante contato com um dos últimos resquícios de floresta tropical da região. A área é abundante em árvores, tais como perobas, figueiras, canelas e palmitos. A Igrejinha da Serra, ou Capela Santo Inácio de Loyola, é uma referência turística na região, localizada à beira do antigo Caminho de Peabiru, uma trilha que ia do litoral ao Peru. A Igreja é alvo de lendas sobre tesouros enterrados pelos jesuítas, atraindo visitantes interessados em sua história²⁵.

Ressaltamos que um dos objetivos na *Etapa Fênix* é promover a possibilidade do turismo histórico, isto é, uma forma de conhecer os fatos e os acontecimentos que moldaram o passado de um determinado lugar. O turismo histórico pode ser definido como um conjunto de atividades turísticas cujo objetivo principal é proporcionar aos turistas a vivência de experiências e conhecimentos acerca de fatos históricos e culturais de determinada região. De acordo com o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS)²⁶, o turismo histórico-cultural é caracterizado como aquele que tem como escopo a descoberta de lugares e monumentos, tendo um efeito positivo sobre eles, visto que visa a manter a sua proteção e preservação. Tal forma de turismo justifica os esforços necessários para a manutenção e proteção, uma vez que proporciona benefícios socioculturais e econômicos para as populações afetadas (ICOMOS *apud* CAMARGO; DA CRUZ, 2009). No entanto, é importante ressaltar que o turismo histórico também pode ter impactos negativos, como a descaracterização e banalização dos lugares históricos e a exploração desordenada do patrimônio cultural. Tornam-se necessários um planejamento adequado e uma gestão responsável do turismo histórico para que os benefícios econômicos e culturais sejam maximizados e os impactos negativos sejam minimizados.

²⁵ Informações retiradas do portal Viaje Paraná. Disponível em: <https://www.viajeparana.com/Fenix>. Acesso em: 26 mar. 2023.

²⁶ Disponível em: <https://www.icomos.org/fr>. Acesso em: 7 maio 2023.

Margarita Barreto e Mirian Rejowski reiteram sobre o papel da academia na promoção de um turismo histórico-cultural:

O papel da academia [universidade] tem sido tentar sistematizar estas novas modalidades de turismo e seus respectivos usuários a partir de diferentes disciplinas – muitas vezes sem o diálogo necessário – o que justifica a grande quantidade de classificações existentes. [...] Poucos turistas dedicam-se somente e exclusivamente a ver cultura, ou a contemplar o mar, ou a andar de caiaque. Todos dedicam um pouco de tempo, ou grande parte dele, para desfrutar do principal atrativo, mas praticam também outros tipos de turismo ao mesmo tempo (uma exceção poderiam ser os jogadores compulsivos que dedicam o tempo inteiro aos cassinos) (BARRRETO; REJOWSKI, 2009, p. 15).

As autoras levantam a questão do papel da academia na promoção do turismo histórico-cultural e destacam que, muitas vezes, as disciplinas acadêmicas abordam essas modalidades de turismo sem um diálogo adequado entre si, o que resulta em uma grande quantidade de distintas classificações, as quais podem ser confusas e fragmentadas. Para elas, poucos turistas se dedicam exclusivamente a uma única atividade turística, como apreciar a cultura ou desfrutar do mar; em vez disso, tendem a participar de várias formas de turismo ao mesmo tempo, combinando diferentes experiências e interesses.

Em vista disso, é importante problematizarmos se a fragmentação das disciplinas acadêmicas, ao abordarem o turismo histórico-cultural, é realmente um problema. A diversidade de perspectivas disciplinares pode enriquecer a compreensão e a análise do turismo, oferecendo *insights* valiosos de diferentes áreas do conhecimento. Além disso, as pesquisadoras apontam que a maioria dos turistas se envolve em diferentes tipos de turismo simultaneamente. No entanto, isso pode ser questionado, uma vez que existem aqueles que se dedicam exclusivamente a um determinado interesse ou atividade turística. Por exemplo, há viajantes que fazem uma viagem específica para visitar museus ou locais históricos, sem se envolver em outras formas de turismo durante a mesma viagem. Outro aspecto a ser considerado é a influência dos diferentes tipos de turismo uns sobre os outros. A interação entre diferentes modalidades de turismo pode criar sinergias positivas, em que as experiências em uma área podem enriquecer as experiências em outras. Uma visita a um local histórico pode, por exemplo, estimular o interesse em explorar a cultura local, levando o turista a participar de atividades culturais adicionais.

Em resumo, Barreto e Rejowski (2009) destacam a necessidade de diálogo entre as disciplinas acadêmicas no estudo do turismo histórico-cultural, mas também apresentam uma

visão simplificada da interação entre diferentes formas de turismo. Sendo assim, na contemporaneidade, ao eleger um destino turístico, o viajante busca apreender uma cultura específica, compreender a sua identidade por meio da visita a monumentos, museus, igrejas e até participar de celebrações locais, dentre outras atividades. Dessa maneira, o turista é capaz de ter contato com a cultura local por meio das marcas deixadas pelo passado que persistem no espaço da comunidade visitada. Ainda de acordo com o Ministério do Turismo do Brasil (2010), o turismo histórico-cultural é constituído pelas atividades turísticas que envolvem a experiência dos diversos elementos significativos do patrimônio histórico e cultural, bem como dos eventos culturais, visando à valorização e à promoção dos bens materiais e imateriais da cultura.

Na publicação *Turismo Cultural: orientações básicas*, desenvolvida pelo Ministério do Turismo (2010), foram compilados aspectos relacionados ao segmento turístico, sendo dois deles o perfil dos turistas e a identificação dos agentes e parceiros envolvidos. Esses aspectos são importantes para o planejamento e desenvolvimento do turismo, permitindo uma compreensão mais aprofundada das necessidades dos turistas e das dinâmicas envolvidas na cadeia produtiva do setor.

Tabela 4: Definições de atividades turísticas para o Ministério do Turismo do Brasil

Atividade	Descrição da Atividade
Visitas realizadas em comunidades com tradições e/ou etnias específicas.	A realização de visitas em comunidades tradicionais que apresentam processos imigratórios europeus e asiáticos, assim como em comunidades indígenas, quilombolas e outros grupos sociais que valorizam suas tradições étnicas como elementos norteadores de seu estilo de vida, conhecimentos e práticas, torna possível a participação em atividades cotidianas e eventos tradicionais dessas comunidades.
Visitas a sítios históricos.	A prática de visitas a locais de interesse histórico-cultural, que atuam como evidências da cultura nacional, regional ou local, é uma das formas mais comuns de turismo cultural em todo o mundo. Esses locais incluem sítios históricos, monumentos, museus, igrejas, edifícios antigos, entre outros, que possuem valor histórico e cultural para uma determinada comunidade ou para a sociedade em geral.
Visitas realizadas em locais com relevância arqueológica e paleontológica.	As visitas a sítios arqueológicos e paleontológicos, com importância histórico-cultural, são uma das

	formas de turismo cultural cujo objetivo é valorizar e preservar o patrimônio histórico e científico. Esses locais representam evidências do passado e permitem a compreensão da história e da evolução da humanidade e da vida na Terra.
Visita a espaços e eventos religiosos.	São visitas a locais e eventos que têm como principal motivação a busca espiritual e a prática religiosa, relacionados a religiões institucionalizadas, de origem oriental, afro-brasileira, espírita, protestante ou católica. Dentre as atividades ligadas a esse segmento, destacam-se as peregrinações, as romarias, os retiros espirituais, as celebrações religiosas, as visitas a locais e edifícios religiosos, os itinerários de cunho religioso e as apresentações artísticas de caráter religioso.
Visitação a lugares místicos e esotéricos.	Visitas a locais e eventos cujo objetivo principal é a busca pela espiritualidade e o autoconhecimento por meio de práticas, crenças e rituais considerados alternativos, tais como caminhadas com propósitos espirituais e místicos e práticas de energização.
Visitas a monumentos e celebrações cívicas.	Visitas motivadas pela busca do conhecimento a monumentos, eventos cívicos e comemoração de fatos históricos com relevância política e que representam a situação presente ou memória histórica de determinados locais.
Visitas a espaços de natureza cultural, como museus, centros culturais, casas de cultura.	Visitas a espaços destinados à exposição e à preservação de objetos de valor cultural, artístico ou científico, tais como museus, centros culturais e galerias. Esses locais são dedicados à apresentação e à conservação de coleções de artefatos históricos, culturais ou científicos de uma região, país ou do mundo que representam patrimônios materiais e imateriais.
Visitas gastronômicas.	Visitas com foco na experiência gastronômica, compreendendo a exploração de roteiros, circuitos e rotas gastronômicas, bem como a participação em eventos e a visita em bares e restaurantes que representam as tradições culturais da região em questão.
Realização de passeios com o objetivo de participar de festas, festivais, celebrações e manifestações populares.	As atividades de visitas para festas, festivais, celebrações locais e manifestações populares são motivadas pela apresentação de formas de expressão cultural, com o objetivo de fornecer informações culturais ou proporcionar recreação. Esses passeios incluem a participação em eventos relacionados à música, dança, folclore, saberes e fazeres locais, práticas religiosas ou manifestações de fé, como rodas de viola, folia de reis, crenças, rezas e novenas.
Atividades de cinemas e teatros.	Realização de passeios culturais com o objetivo de

	frequentar teatros e cinemas, seguindo a programação disponível no local em questão.
--	--

Fonte: Ministério do Turismo do Brasil (2010); Borges (2015).

A organização dessas atividades culturais contribui para a compreensão dos conceitos e das características que sustentam o segmento do turismo histórico-cultural. Consequentemente, o fortalecimento das culturas locais é visto como uma maneira eficaz de preservar o patrimônio cultural. Isso, por sua vez, contribui para um desenvolvimento equilibrado do turismo em diferentes destinos nacionais e internacionais. No turismo histórico-cultural, a realização de passeios gastronômicos, por exemplo, permite que os turistas experimentem e conheçam diferentes culinárias da região, o que pode ampliar a sua compreensão das tradições culturais locais. Um exemplo disso é o barreado, prato típico caiçara, encontrado no litoral paranaense e que se torna um elemento característico da cultura regional do Estado.

A partir do breve levantamento de dados sobre os municípios contemplados pela *Rota Ivaí* e a correlação com o turismo histórico-cultural promovido, é válido refletirmos que o acesso à disponibilidade de dados e à própria história dessas comunidades acabam não sendo tão evidenciados pelos próprios portais de prefeituras. Há, nesse caso, pouco investimento para um aprofundamento teórico e de pesquisa, para que a divulgação histórica seja pensada e construída junto aos próprios cidadãos e às heranças de memória.

2.4 Rota Ivaí e a questão da memória histórica: um estudo a partir de Michael Frisch

Para a fundamentação e desdobramento da História Pública e seu ramo específico da divulgação histórica, recorreremos à obra do Prof. Michael Frisch (1990), intituladas *A shared authority: essays on the craft and meaning of oral and public history* (*A autoridade compartilhada: ensaios sobre o ofício e o significado de história oral e pública*, em tradução livre). Concentramo-nos especificamente na memória da História.

Em História e Memória, Frisch (1990) destaca o aumento do número de pessoas envolvidas em História Pública nos últimos anos, com a produção de novos tipos de produtos históricos destinados a várias audiências públicas. No entanto, o autor argumenta que há uma falta de atenção para o porquê da História Pública, com apelos vagos a objetivos

fundamentais, sem perguntas prévias sobre a natureza da sensibilidade histórica na sociedade americana atual e como isso pode ser alterado para fins específicos. Para ele, a maior parte da energia na História Pública tem sido direcionada à dinâmica do “lado da oferta” do mercado de inteligência histórica, sem abordar alguns paradoxos fundamentais na forma como os americanos lidam com seu passado. O teórico argumenta que a relação entre a História e a memória é peculiar e talvez singularmente fraturada na vida americana contemporânea, e que repará-la precisa ser um dos principais objetivos de uma História Pública preocupada em aumentar a nossa capacidade de imaginar e de criar um futuro diferente por meio de uma reutilização do passado.

Do mesmo modo, podemos traçar uma equiparação entre o resgate histórico que a *Rota Ivaí* pretende como um elemento de divulgação histórica com traços de recuperação dos aspectos culturais e turísticos peculiares da região, mediados por um *podcast* que estimule a curiosidade pela *Etapa Fênix*, tornando-a um lugar atrativo para o público.

Em seu texto, Frisch (1990) começa com duas histórias aparentemente opostas que, no entanto, compartilham um ponto em comum. Na primeira história, uma estudante, em um seminário sobre a Guerra do Vietnã, expressa a sua indignação com o cinismo americano, mas depois fica envergonhada quando descobre que a guerra já havia acabado. O pesquisador aponta que, apesar de ter acompanhado os fatos históricos da guerra, ela não havia refletido sobre os ecos contemporâneos que a guerra surtiu. Na segunda história, o documentário de Bill Moyers sobre a guerra da *Central Intelligence Agency* (CIA – Agência Central de Inteligência, em língua portuguesa) contra Fidel Castro questiona como essas atividades puderam ser justificadas pelos valores americanos. Ambas as histórias destacam a desconexão entre a História e a memória, e a tendência de se esquecer ou obscurecer eventos passados que não se encaixam em nossas narrativas dominantes.

Esse trecho da obra de Frisch discute duas histórias que ilustram como as pessoas tendem a separar o passado do presente, seja por esquecimento ou distância artificial, e como isso pode levar a uma compreensão bidimensional e superficial da história. O autor sugere que esse problema é especialmente importante na forma como a Guerra do Vietnã está sendo lembrada e entendida como História, e questiona se a História Pública pode apresentar uma visão mais complexa e desafiadora do passado sem ser ignorada, absorvida ou desviada. O teórico argumenta que, para evitar esse destino, precisamos compreender os processos de negação e de rompimento que impedem uma compreensão mais profunda da história.

Apesar da oposição de ambas as históricas, Frisch (1990) adverte que, em uma, o sujeito esquece e, na outra, se lembra bem, colocando as suas lembranças em uma perspectiva histórica supostamente útil. Contudo, de alguma forma, o resultado é o mesmo: em cada uma, o passado é separado do presente quase inteiramente, selado em uma espécie de invólucro protetor, seja de esquecimento, seja de distância artificial. No texto, é possível verificarmos um esforço do autor para demonstrar como há uma separação drástica e artificial entre História e memória em ambos os casos.

Frisch (1990) enfatiza a despolitização da experiência da Guerra do Vietnã nos Estados Unidos, tanto na arena política quanto na cultura popular e na academia. A guerra e as suas questões históricas e morais foram ignoradas pelos políticos e pela mídia, enquanto a cultura popular produziu filmes que eram anti-históricos e que encorajavam uma visão isolada da experiência traumática. Os acadêmicos começaram a obliterar a História, tentando recuperá-la dentro dos limites estreitos dos modelos de análise burocrática e militar, que simplificavam a experiência da guerra e excluía as questões morais e históricas mais complexas. Frisch (1990) exemplifica citando o livro *América no Vietnã*, de Guenter Lewy, oferece-nos conclusões históricas simples e clichês sem *insights* sobre a mudança e a História que a guerra forçou à superfície.

A obra de Frisch (1990) discute a dificuldade da cultura americana em lidar com a sua própria História, com ênfase no caso do Vietnã. O autor aponta o esforço histórico público mais importante dos últimos anos, o segmento *Vietnam: A Television History*, produzido em 1985, que foi criticado por despolitizar a guerra retratando-a como uma “tragédia” sem vencedores ou perdedores. O autor argumenta que a falta de compreensão do fenômeno de desengajamento do passado pode dificultar a História Pública em alcançar seus objetivos ambiciosos. O dilema da consciência histórica tem caracterizado debates antigos e abrangentes na cultura americana, com conservadores lamentando o fraco senso de interconexão histórica e os liberais celebrando esses traços como fontes de energia necessárias para escapar da mão morta do passado. Michael Frisch (1990) indica que as explicações culturais são insuficientes para explicar o problema, já que a maior parte da história americana foi vista por meio dos olhos dos poderosos, que condicionaram o poder, o privilégio e a liberdade de constrangimento histórico.

Ainda que menos drástico e radical quanto a relação da História e da memória com os fatos da Guerra do Vietnã, podemos traçar um paralelo da importância que a discussão acerca

da memória regional do Paraná pode produzir para a população das suas cidades e, inclusive, expandir o olhar do público para o turismo histórico e regional nesse estado. Nesse sentido, o desdobramento da investigação e da realização da *Rota Ivaí*, também por meio do *podcast* como ferramenta de divulgação histórica (um galho da História Pública), pode auxiliar na construção de memória da peculiaridade que a região e a *Rota* se propõem a construir.

Na década de 1990, Frisch (1990) discutiu as limitações da abordagem simplista e do lado da oferta da História Pública e a necessidade de lidar mais frontalmente com a complexa questão da memória histórica. A História é uma combinação de três dimensões: a cultural, a estrutural e a funcional, e o nosso senso de história não pode ser explicado apenas pela dimensão estrutural. O teórico sugere que a memória histórica é um assunto a ser estudado em si mesmo, pois pode fornecer informações importantes sobre como o passado figura em nossas vidas e sobre nós mesmos, além de apontar para a tendência atual de negação da memória e responsabilidade nos Estados Unidos e sua resposta gravemente perigosa. A falta de um verbo em inglês que corresponda prontamente ao substantivo História é mencionada e contrastada com a relação inversa entre o substantivo *memory* e o verbo lembrar (*remember*).

Cabe mencionar que a História Oral se torna uma ferramenta importante para a produção de documentos sobre a memória, mas o autor supracitado alerta para as possíveis limitações e desvios que podem ocorrer em seu uso. Os historiadores orais radicais muitas vezes assumem que, ao colocar o povo em contato com sua própria história, a cultura hegemônica será minada, mas isso não é tão simples. Em vez disso, a História Oral pode ser apresentada para consumo sem a oportunidade para se discutir coletivamente e avaliar diferentes maneiras de recordar o passado e conectá-lo ao presente. Além disso, o texto de Frisch (1990) menciona que a tendência de diferenciação dos sujeitos da entrevista em termos de classe social e poder e a confiança quase exclusiva nas lembranças registradas daqueles que “estavam lá” podem tornar virtualmente impossível para o registro colocar as operações de poder do passado em perspectiva crítica. No entanto, existem muitos exemplos de usos mais cuidadosos da História Oral e que envolvem o diálogo entre passado e presente e avaliam diferentes formas de recordação.

Nessa seara, a *Rota Ivaí* e nossa proposta de *podcast* ensejam uma forma alternativa, em seu formato de mídia atual e contemporânea, para trazer elementos da História Oral e relatos de pesquisa de especialistas da região. Isso possibilita a construção coletiva de uma

face memorial da História pouco divulgada da região. Esse produto é o objeto do nosso terceiro capítulo.

Frisch (1990) cita como exemplo o documentário *The Memory of Justice* (A Memória da Justiça, em tradução livre), dirigido por Marcel Ophuls, que examina os julgamentos de Nuremberg e o impacto duradouro nas pessoas que participaram, observaram e herdaram as memórias da História da era nazista. Ophuls empurra o método documental para fora dos limites convencionais, incluindo uma grande quantidade de entrevistas e material documental que não se relaciona diretamente com Nuremberg, mas que serve para estabelecer um contexto para as memórias individuais. O autor também discute a polêmica em torno do filme, com alguns críticos acusando Ophuls de comparar o nazismo a outros crimes de guerra, enquanto, por outro lado, o filme examina as reverberações das questões de Nuremberg em uma História posterior que não pode as replicar em escala ou significado, mas para as quais também não são irrelevantes.

Por fim, na conclusão de seu capítulo, Frisch (1990) faz um trocadilho com a palavra “*ignore-ance*” para descrever a ignorância ativa de Harold Rosenberg em relação ao filme *A Memória da Justiça*, haja vista que Rosenberg realiza um ataque mal-intencionado ao filme. O trocadilho se concentra em apontar não o não saber de Rosenberg, mas aquilo que ele decidiu ignorar no próprio filme para formar o seu ataque. Em “*ignore-ance*”, há uma relação entre o verbo ignorar com o sufixo “*ance-*”, de substantivação; assim, Frisch o remonta de tal forma a denotar: querer ignorar. Destaca-se que a inteligência não deve ser vista como uma mercadoria que pode ser produzida e comercializada, mas sim como uma qualidade de visão e espírito. Frisch (1990) argumenta que historiadores públicos devem evitar tratar a inteligência histórica como uma mercadoria, mas, em vez disso, é preciso envolver as pessoas na exploração do que significa lembrar e o que fazer com as memórias para torná-las ativas e vivas. Ele acredita que isso ajudará a libertar toda a inteligência de um povo que foi mantido separado do sentido de seu próprio passado por muito tempo.

Afirmamos, portanto, juntamente com Frisch (1990), que não se pretende, tanto na *Rota* quanto no *podcast* como ferramenta de divulgação histórica, despertar o senso de cultura e de erudição de um público para que eles se interessem e demandem por rotas turísticas e históricas da região paranaense. Essa postura seria ilusória e trataria a inteligência histórica como mercadoria, algo que o autor considera como um elemento a ser criticado. Todavia,

pode-se divulgar e apontar para elementos sobre a construção de memória de um povo e de uma região com uma peculiaridade autêntica e distinta das demais cidades do Paraná.

A divulgação histórica promovida pelo *podcast*, em paralelo à sua interdisciplinaridade nas diversas áreas de atuação, pode auxiliar em ativar e dar vivacidade às memórias de uma região, oferecendo um produto para o público que se encontra engajado e despertado para a construção desse espaço. Portanto, entendendo a importância e a justificativa basilar desta pesquisa de mestrado, no próximo capítulo, partimos para etapa de compreensão de como a produção de conteúdo para grandes públicos por meio de um *podcast* pode contribuir para a construção da *Rota Ivaí*.

CAPÍTULO 3

PODCAST: “CAMINHOS DO IVAÍ”

Neste capítulo, objetivamos apontar a possibilidade de trabalhar a disseminação da História por meio do *podcast* intitulado *Caminhos do Ivaí*, um produto prático desta pesquisa e que contribui para a promoção e a divulgação das particularidades históricas da região em estudo. Intentamos reforçar a importância do espaço público, dos projetos e das práticas de História Pública, incluindo seus debates epistemológicos, como elementos essenciais para a construção da consciência histórica. A partir dessa reflexão, o produto prático desta pesquisa reforça o que a historiadora e a pesquisadora do tema da História Digital, Anita Lucchesi, aborda ao refletir sobre novas práticas historiográficas:

Falar em uma nova historiografia, nestes termos - daquela que vai lidar com os traços de certos passados – é falar em um novo jeito de escrever a história, não apenas em uma produção de história sobre a cultura digital. Uma nova prática. Nova porque, ora, se contrastada com as anteriores apresentará inovações ou desvios (que nem se positive o termo “inovação”, nem se negativize o termo “desvio”, ambos servem para falar de diferenças) (LUCCHESI, 2013, p. 9).

As reflexões sobre a História Digital visam a propor novas formas de escrever a História, levando em conta as implicações de uma nova maneira de conhecê-la e consumi-la, além de considerar uma audiência moldada por uma realidade em que as tecnologias digitais estão cada vez mais presentes. Lucchesi (2014) afirma que a flexibilidade transforma a experiência de consumo da História, enquanto as mídias digitais alteram as condições de produção da História devido à sua abertura e diversidade.

Entre os pioneiros e principais contribuintes desse debate estão Anita Lucchesi (2014), cujos trabalhos focalizam a necessidade de um debate crítico sobre História e Historiografia Digital nas academias; Stefania Gallini e Serge Noiret (2011), que exploram o impacto das tecnologias digitais na pesquisa e na comunicação da História; Juan Andrés Bresciano, cujas reflexões teóricas e práticas metodológicas abordam a historiografia diante dos desafios e oportunidades apresentados pelo giro digital; e Serge Noiret (2015), que discute especificamente a História Pública Digital, enfatizando seu papel na divulgação científica e no engajamento público. Nas palavras de Noiret (2015, p. 43), “Uma das maiores utilidades da

história pública digital é a capacidade de comunicar, descrever, interpretar e mostrar com métodos similares as experiências históricas locais como experiências globais”.

Juan Andrés Bresciano (2015) oferece uma perspectiva abrangente sobre como a “virada digital” impactou a historiografia. Ele observa que a digitalização de arquivos e a emergência da internet como uma ferramenta de pesquisa revolucionaram o acesso às fontes históricas, expandindo drasticamente o potencial para a pesquisa interdisciplinar e colaborativa. O autor salienta que, embora isso represente uma oportunidade significativa, também desafia os historiadores a desenvolverem novas habilidades digitais e metodologias para navegar nesse vasto repositório de informações digitais.

O impacto das tecnologias digitais na pesquisa, no ensino e na divulgação da história é um tema central nos trabalhos de Stefania Gallini e Serge Noiret (2011). Eles argumentam que as tecnologias digitais não apenas facilitaram o acesso a fontes históricas, mas também criaram formas de interação entre historiadores e o público. As plataformas de mídia social, por exemplo, oferecem canais para a disseminação de pesquisas históricas, para a promoção de discussões públicas sobre questões históricas e para o engajamento de comunidades não acadêmicas em projetos de história colaborativa.

Ao compartilhar as pautas que envolvem a região da *Rota Ivaí* por meio do *podcast*, o intuito é alcançar um público amplo e diversificado, tornando a História mais acessível e significativa para pessoas que, de outra forma, poderiam não ter acesso a essas informações. Assim, é possível viabilizar, por meio do alcance do digital, questões importantes relacionadas à História Pública, como outros vieses, a representatividade, a justiça social e a preservação da memória cultural.

3.1 A proposta do programa

A ideia central do programa “*Caminhos do Ivaí*” é estabelecer um diálogo com o público que reafirme o conhecimento como um processo circular entre os diversos espaços pelos quais ele transita. Buscamos, assim, conscientizar o público de que o conhecimento não pertence nem é exclusivo de um espaço específico, mas é fruto de uma colaboração coletiva; portanto, o público também é essencial para a construção da história regional. Tendo como norte essa reflexão, o *podcast* foi dividido em cinco episódios de até 50 minutos de duração, sendo um deles o episódio piloto para apresentação do projeto e prototipação do modelo pensado.

Em cada episódio, buscamos abordar temáticas que envolvam a história da região e evidenciar os processos que ajudaram a moldar os caminhos para que as potencialidades fossem vistas pelo projeto. Nesse sentido, em cada episódio, o *podcast* entrevistou um(a) pesquisador(a) que explora, em suas pesquisas, as curiosidades e as particularidades regionais, abordagens com temas como: a importância do turismo histórico por meio do desenvolvimento da *Rota Ivaí* para o índices econômicos da região; os fenômenos de ocupação territorial e econômica; as riquezas e curiosidades que abrigam os caminhos percorridos pela *Rota*; a construção de atribuições identitárias; os resquícios do processo de colonização na região; e outros temas que surgiram com o desenvolvimento das conversas em cada episódio do *podcast*.

Alguns nomes foram levantados no processo de produção desta pesquisa como os primeiros entrevistados para o programa: Claudia Parellada, Padre Jurandir Coronado Aguilar, Lúcio Tadeu Mota, Erneldo Schallenberger e Leandro de Araújo Crestani.

Claudia Parellada é arqueóloga coordenadora do Departamento de Arqueologia do Museu Paranaense e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da UFPR, desenvolvendo atividades no Museu Paranaense desde 1984. É mestra Antropologia Social, pela UFPR (1997), e doutora Arqueologia, pela Universidade de São Paulo – USP – (2006). Atua principalmente nas seguintes áreas: arqueologia pré-colonial, arqueologia histórica, métodos em arqueologia, arqueologia da paisagem, geoarqueologia, etnoarqueologia, arte rupestre, arte indígena, arte paranaense, gerenciamento de acervo, educação patrimonial, curadoria, planejamento e montagem de exposições. Em suas pesquisas de mestrado e doutorado, explorou a temática da escavação na região de Vila Rica do Espírito Santo.

Padre Jurandir Coronado Aguilar é graduado em Teologia, pelo Instituto Teológico de Santa Catarina (1989), em Filosofia, pelo Seminário Nossa Senhora da Glória (1985), é mestre em História da Igreja, pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1999), e doutor em História da Igreja, pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (2002). Esse profissional tem experiência de pesquisa na área de Teologia, com ênfase em História da Igreja, tanto que, em sua tese de doutorado, investigou especificamente a ocupação de Vila Rica.

Lúcio Tadeu Mota é graduado em Sociologia e Política, pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1980), é mestre em Ciências Sociais, pela PUC-SP

(1992), e doutor em História, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp – (1998). Desenvolve estudos e pesquisas nas áreas de História Indígena, Antropologia e Arqueologia relacionadas às populações indígenas no Sul do Brasil, com ênfase nas populações Kaingang e Xetá.

Ernelo Schallenberger é pós-doutor em História, Cultura e Poder, pela UFPR (2008-2009), e professor sênior aposentado da Unioeste da qual foi Reitor (1995-1999). Concentra as suas pesquisas em temáticas como a História Regional do Paraná, abordando principalmente os seguintes temas: missões jesuítico-guaranis, migrações, fronteiras e identidades, cooperativismo e desenvolvimento regional.

Leandro de Araújo Crestani é doutor em História Contemporânea, pela Universidade de Évora (Portugal), e pós-doutor em História (área de concentração em História Pública), pela Unesp. Crestani faz parte da coordenação do *Grupo de Trabalho (GT) Histórias Públicas*, na Associação Nacional de História (ANPUH). Tem vasta experiência de pesquisa na área de História Regional e Local (Conflitos agrários), História Comparada e Transnacional (fronteira entre Brasil e Argentina), História Pública, Ensino de História, TDICs e Metodologia Ativas.

Como principal agregador para a difusão do *podcast Caminhos do Ivaí*, escolhemos o *Spotify*. Essa escolha se fundamenta em uma análise estratégica que considera as tendências contemporâneas de consumo da mídia, bem como a capacidade dessa plataforma de ampliar o alcance e a interatividade com o público-alvo. Primeiramente, o *Spotify*²⁷ se destaca como uma das plataformas de *streaming* mais influentes e com rápido crescimento no mercado global, o que garante uma visibilidade significativa para o conteúdo hospedado. Além disso, a sua interface intuitiva e os recursos avançados de compartilhamento facilitam a interação e a disseminação dos episódios entre os usuários, potencializando a capacidade de engajamento e a formação de uma comunidade ativa em torno do *podcast*.

Para além desses aspectos, a plataforma oferece ferramentas analíticas que permitem o monitoramento detalhado da audiência, como dados demográficos, geográficos e de comportamento de escuta. Essas informações poderão ser cruciais para a adaptação e otimização constante de um conteúdo futuro em possíveis desdobramentos desta pesquisa, visando a atender às expectativas e aos interesses dos ouvintes.

²⁷ De acordo com relatório informado por André Luiz Dias Gonçalves (2023), o *Spotify* acumula uma média de 13 horas e 26 minutos de audição por usuário mensalmente. Os dados coletados abrangem o período de 2022 e 2023.

Por fim, a integração do *podcast* em uma plataforma reconhecida por sua diversidade de conteúdos contribui para a legitimidade e a credibilidade do projeto, elementos fundamentais para a construção de uma autoridade no campo da divulgação histórica. Portanto, a escolha do *Spotify* como veículo principal para a distribuição do *podcast* alinha-se às metas de acessibilidade, de interatividade e de expansão do conhecimento histórico, atendendo aos objetivos de construção de uma história pública engajada e acessível para o público.

3.1.1 Identidade visual do *podcast*

A criação da identidade visual do *podcast Caminhos do Ivaí* foi pensada a partir de um conjunto de elementos visuais que o identificam e o diferenciam de outros projetos. Essa identidade é composta por diversos elementos como cores, tipografia e ícones. A consistência no uso desses elementos é fundamental para garantir que o projeto transmita uma mensagem clara, coesa e profissional. A consistência na identidade visual facilita o reconhecimento do projeto pelo público-alvo. Quando tais aspectos são utilizados de forma consistente em diferentes materiais, como apresentações, artigos, *banners* e redes sociais, o público cria uma memória visual do projeto e o identifica com mais facilidade. Isso é especialmente importante para projetos de longo prazo, como é o caso do *podcast*, que precisa se manter relevante e atrair novos ouvintes ao longo do tempo.

A partir da consistência dos materiais, a identidade visual transmite uma imagem de profissionalismo e credibilidade para o projeto, elemento essencial para que o público leve o projeto a sério e confie na qualidade do conteúdo que ele oferece. A utilização de elementos visuais de alta qualidade e bem elaborados demonstra que o projeto foi cuidadosamente planejado e executado, o que contribui para aumentar sua credibilidade. Ademais, a identidade visual pode ser utilizada para comunicar a mensagem do projeto de forma clara e coesa.

Figura 45 – Identidade visual desenvolvida - Variação 1

Fonte: autoria própria (2024).

A identidade visual para um *podcast*, como a apresentada na imagem, é um componente estratégico essencial para a sua comunicação e marketing. Para melhor compreensão desses aspectos, a escolha de alguns elementos será explicitada a seguir.

Uma cor de fundo vibrante, como a verde, é estratégica para capturar a atenção. Essa cor é frequentemente associada à natureza, à tranquilidade e à vegetação. Nesse caso, também pode ser interpretada como um símbolo da esperança e da renovação, sugerindo que os caminhos trilhados podem ser uma forma de revitalização física e mental. Para a composição da identidade, também optamos por uma iconografia simplificada: o ícone de uma pessoa caminhando com uma mochila e um bastão é uma representação direta do ato de caminhar, o

que sugere que o *podcast* pode abordar temas relacionados a viagens, aventuras, trilhas ou exploração pessoal. A simplicidade do ícone facilita a memorização e reconhecimento da marca.

A fonte usada para o texto *Caminhos do Ivaí Podcast* é de fácil leitura e não contém serifa²⁸. Isso é crucial para garantir que o título do *podcast* possa ser facilmente lido em diferentes tamanhos e dispositivos. De modo complementar, optamos por uma borda quadrada com cantos arredondados para evocar um senso de modernidade e acessibilidade, assim como para encapsular e definir o espaço da marca, tornando-a mais destacada em plataformas de mídia social e outras aplicações digitais.

A hierarquia na composição do *design* é evidente, com o título do *podcast* em um tamanho maior e no centro, garantindo que o nome seja o elemento mais proeminente e, portanto, o mais lembrado. A partir da identidade visual desenvolvida, podemos identificar os princípios da Gestalt²⁹ em *design* gráfico, em que a simplicidade, a forma e a cor trabalham juntas para criar uma composição coesa e comunicativa.

²⁸ Uma fonte sem serifa é um estilo tipográfico caracterizado pela ausência de serifa, que são pequenas projeções ou linhas que terminam os traços das letras em determinadas fontes. O termo “serifa” vem do holandês “schreef”, significando “linha” ou “traço”. A serifa é um elemento tipográfico que data de inscrições antigas, sendo utilizada para facilitar a leitura em pedras. A fonte sem serifa, também conhecida como sans-serif ou grotesca, surgiu com a intenção de apresentar uma estética mais limpa e moderna. As linhas são geralmente uniformes em espessura e apresentam uma simplicidade que pode contribuir para uma legibilidade aprimorada em determinados contextos, como sinalizações e interfaces digitais. Do ponto de vista acadêmico, as fontes sem serifa são frequentemente associadas à modernidade e ao progresso, em parte devido ao seu uso extensivo no *design* modernista do início do século XX. Essas fontes são consideradas versáteis e eficientes para leitura em telas por causa da clareza e da distinção das formas das letras, que são menos complicadas sem as serifas (Costa, 2020).

²⁹ A Gestalt, um campo de estudo dentro da Psicologia, se dedica à análise dos processos cognitivos. Originadas no século XX, na Alemanha, as leis da Gestalt foram propostas por psicólogos notáveis, como Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Koffka, os quais formularam teorias fundamentais relativas à percepção visual. Esses estudiosos perceberam que os seres humanos têm uma tendência inerente à simplificação e à estruturação das informações visuais que recebem. Diante da abundância de estímulos visuais no dia a dia, a mente busca reduzir a complexidade por meio da agrupação de objetos que compartilham atributos similares, criando uma percepção de conjunto ou unidade. Por exemplo, a visão de quatro pernas, um assento e um encosto permitem ao indivíduo inferir imediatamente a presença de uma cadeira. O todo é unificado e simplificado (Oliveira, 2016).

Figura 46 – Identidade visual desenvolvida - Variação 2

Fonte: autoria própria (2024).

Nessa variação, o verde foi substituído pelo laranja, uma cor vibrante e energética frequentemente associada à criatividade, ao entusiasmo e à ação. Na letra “O” da tipografia incluímos uma técnica de *design* conhecida como “*figure-ground*”³⁰, na qual o espaço negativo dentro ou ao redor de uma letra é utilizado para criar uma imagem ou sugerir uma ideia. Esse tipo de *design* é comumente empregado para adicionar um elemento de

³⁰ “*Figure-ground*”, também conhecido em *design* gráfico como forma e fundo, pode ser explicado como uma estrutura perceptiva bipartida na qual a atenção é alternada entre um objeto destacado (a figura) e um fundo indistinto e contínuo. A relação entre figura e fundo é uma das ferramentas mais poderosas na comunicação visual, pois determina o que é percebido e compreendido primeiro e com maior destaque pelo observador (Oliveira, 2016).

reconhecimento visual único e reforçar o tema ou assunto ao qual a identidade visual está relacionada. O uso de formas e cores não apenas transmite a mensagem desejada, mas também cria uma “assinatura visual” que pode ser facilmente associada ao conteúdo do *podcast*. Além disso, a escolha do ícone central se alinha ao conceito de semântica visual, no qual as representações devem ser imediatamente reconhecíveis e ter um significado claro para o público.

3.2 O eixo do programa

A era digital transformou profundamente o modo como interagimos com o mundo ao nosso redor e a forma como acessamos, interpretamos e disseminamos o conhecimento histórico. A História Pública Digital e a História Digital emergiram como campos que exploram a interseção entre tecnologia, História e engajamento público, reformulando a prática historiográfica para a era da informação. Essas áreas expandem o alcance da História para além dos muros acadêmicos, utilizando plataformas digitais e redes sociais para conectar historiadores com um público global, democratizando o acesso ao conhecimento e incentivando a participação pública na construção da narrativa histórica.

O *podcast Caminhos do Ivaí* foi composto por quatro episódios centrais e um episódio piloto, os quais se centraram no rico patrimônio histórico da *Rota Ivaí*, explorando diversas facetas do passado da região. Os episódios envolveram entrevistas com especialistas que compartilharam seus conhecimentos sobre a história local. Os temas abordados incluíram desde a história dos povos originários, passando pela influência das missões jesuíticas, até os desdobramentos históricos mais recentes, assim como a discussão sobre a preservação da cultura indígena, os impactos das missões jesuíticas e o papel da Igreja na região foram pontos centrais. Além disso, a importância de Vila Rica do Espírito Santo como um ponto estratégico e histórico também é explorada. A narrativa buscou não apenas informar, mas também inspirar os ouvintes a se envolverem no turismo histórico, convidando-os a explorar pessoalmente os locais e eventos discutidos nos episódios. Portanto, o eixo central é a divulgação e a exploração da rica história proposta pela *Rota Ivaí*, conectando o público de forma envolvente com as raízes e desenvolvimentos históricos da região.

Nas próximas seções, apresentamos transcrições feitas e elaboradas a partir das conversas gravada em formato de *podcast*. Algumas expressões utilizadas foram transcritas de forma integral no texto para melhor compreensão e fidelidade com as falas dos convidados.

Os fundamentos da escrita estão nas falas gravadas em cada um dos episódios mencionados. O *link* para que os episódios possam ser ouvidos estão nos rodapés dos títulos de cada episódio.

3.2.1 O episódio piloto - As raízes do projeto Rota Ivaí: Piloto³¹

O episódio piloto inicia-se com a apresentadora convidando os ouvintes a imaginar o caminhante a vagar pelas margens do Rio Ivaí, envolvido pelas trilhas, tradições e segredos de gerações na região. O intento desse episódio é apresentar a *Rota Ivaí*, com seu objetivo de potencializar o turismo histórico e mostrar os tesouros históricos que podem ser encontrados. É composto pelo orientador desta dissertação, o Prof. Dr. Fabio André Hahn, pelo mestrando Lucas Toshitaka, pela mestranda Ellen Caren Velasco e pela apresentadora Talita de Kássia da Silva Ferraz, autora desta dissertação.

A conversa é inaugurada pelo Prof. Fabio André Hahn sobre a origem da *Rota Ivaí*. Ele comenta que o projeto busca aliar Turismo e História Pública, sobretudo em pequenas cidades do interior do Brasil. Esse projeto está voltado cinco cidades do interior paranaense já nominados: Barbosa Ferraz, Quinta do Sol, Fênix, Corumbataí e Engenheiro Beltrão. O professor menciona a etapa atual do projeto, chamada *Etapa Fênix*, e estima um certo tempo para poder plenificar a aliança entre História e Turismo. Segundo o docente, a pergunta que impele o projeto é esta: *como proporcionar ao turista uma viagem ao interior do Paraná plena de história rica e atrativa dessa região?*

A conversa continua pelo critério de seleção das cidades apontadas pelo professor, que aponta o seu histórico de pesquisa acerca da Vila Rica do Espírito Santo, atualmente localizada em Fênix - PR. O núcleo do projeto se concentra, em um primeiro momento, nessa cidade. Além disso, pretende-se, quando possível, ampliar a *Rota* para pensar outras cidades próximas que compartilham desse momento histórico e cultural.

Para o desenvolvimento de uma rota bem elaborada e fundamentada com dados para o seu estabelecimento, é necessário ressaltar que os caminhos para o interior de um estado não é algo comum, sobretudo no Paraná, que há uma tendência a viagens litorâneas no período de férias. Assim, como o projeto, vislumbra-se uma nova possibilidade para agregar cultura, lazer e história para o interior paranaense. A primeira etapa tem como questão a infraestrutura e como a *Rota* poderia desenvolver o turismo histórico na região. Há, além disso, duas

³¹ Acesse esse episódio do *podcast* em: https://open.spotify.com/episode/24GY1I6CliMtrqbUn9IN9?si=_YUfHEOKOHY5ZFgbP-gS2A.

frentes: uma possível ferramenta de divulgação da *Rota*, que se enquadra nesta dissertação por meio dos episódios de *podcast*, e outra está o olhar para as escolas. Com esse intento, a acadêmica Ellen Velasco pretende criar um material didático-pedagógico para as escolas e para que os alunos possam conhecer melhor a sua história local. O material didático pretende tanger frentes nacionais e internacionais acerca de temas em colonização portuguesa e espanhola.

Lucas Toshitaka é convidado a compartilhar sobre como os municípios periféricos podem contribuir com a *Rota*. Esses têm enfrentado alguns problemas estruturais, consequentes também desde a pandemia, que se aprofundaram após esse período, por exemplo: o êxodo rural, a pouca industrialização, a baixa geração de empregos, além de depender de repasses da União em suas receitas. O mestrando ressalta que boa parte da folha de pagamento está dedicada à manutenção do funcionamento público, consequentemente, sobra pouco do erário para investimentos em infraestrutura, saúde e educação. Uma das principais fontes de sua pesquisa é Costa e Rocha (2009), que contribuem para delimitar o conceito de municípios periféricos. Esse ponto é basilar, pois, a partir dele, é possível desdobrar o turismo como uma alternativa a ser explorada nesses municípios. Outros eixos abordados em sua pesquisa são os destinos turísticos inteligentes, buscando a sustentabilidade, a acessibilidade, a tecnologia e a inovação. Além disso, foi feita uma seleção quantitativa e qualitativa em 66 pesquisas de doutorados que foram selecionadas no trabalho. Dessas, apenas cinco se enquadram em municípios periféricos. Majoritariamente, os estudos apontam para a falta de infraestrutura, de segurança e de informação turística como os principais problemas desses municípios.

Na sequência, a apresentadora passa a palavra à mestranda Ellen, para que discorra sobre sua pesquisa envolvendo a produção de material didático com o foco na *Rota Ivaí*. A acadêmica inicia sua fala contextualizando as grandes navegações e o Tratado de Tordesilhas, demonstrando como a criação das cidades espanholas foram utilizadas como marco de fronteira para o Tratado, elementos históricos fundantes da região que abrange a *Rota Ivaí*. Ademais, a investigação de como se deu a relação entre os povos originários e os colonizadores. O material didático a ser construído focaliza a visualização dos marcos utilizados para a divisão do referido Tratado, os rios que são fundamentais para transporte, a sustentação e o esporte. A cidade de Vila Rica do Espírito Santo deixou vestígios por meio de artefatos tanto dos colonizadores espanhóis quanto dos povos originários; esses objetos

compõem o museu da cidade. A acadêmica faz menção à importância de ter quem o cure e o visite, fazendo relação com o foco histórico e turístico de nosso projeto. O material didático pretende ser um facilitador para que os acadêmicos se compreendam como sujeitos da história, além de possibilitar a compreensão do que ocorreu nessa região e do que trata o material histórico que o museu oferece à visitação.

O Prof. Fábio é interrogado sobre os próximos passos da *Rota Ivaí* e como a região ganha com isso. Ele comenta que o projeto ainda está em uma fase bem preliminar. Há uma pesquisa dentro do projeto com o foco de coletar dados estatísticos que confirmam a seguinte hipótese: o turismo histórico pode ser uma mola propulsora para a economia e para o desenvolvimento social do próprio município. Em um ano ou mais, conforme ressalta o docente, a pretensão é apresentar um grande projeto para a implementação da *Rota Ivaí*. Um elemento concreto embrionário é o site da *Rota Ivaí*, no qual se pode observar algumas informações do projeto para os interessados e futuros visitantes.

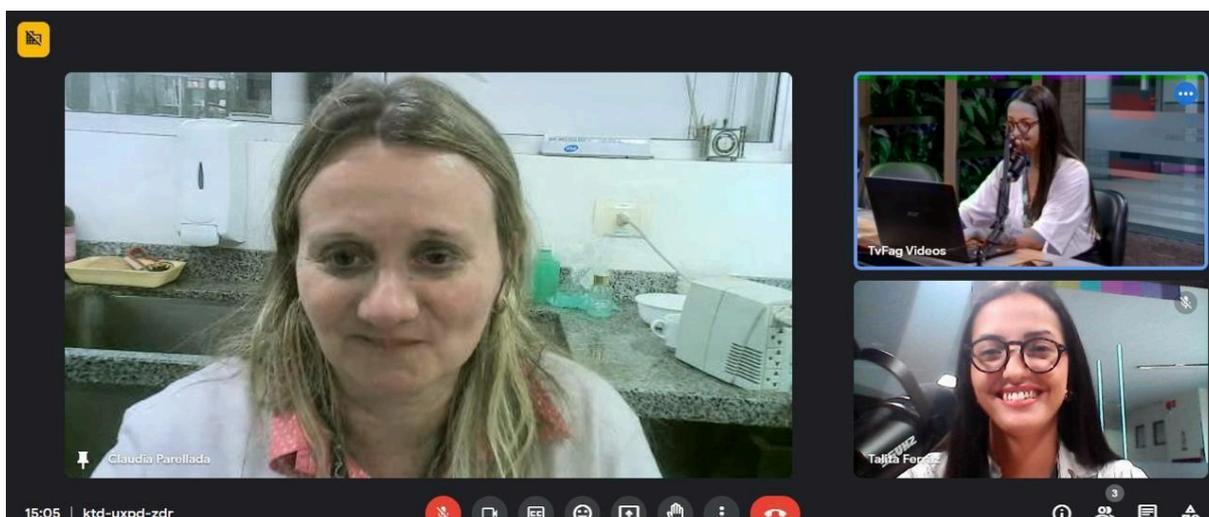
Em tom conclusivo, a condutora do *podcast* indagou acerca do sentimento de fazer parte do projeto, suas dificuldades e seu legado. Lucas comenta que o turismo tem como objetivo melhorar a vida dos habitantes da região e daqueles que participam da *Rota*, nesse sentido, as expectativas são boas. Para Ellen, a pesquisa foi uma experiência de novidade e isso pode ser compartilhado também com os seus alunos, que foram levados a fazer uma atividade de pesquisa e de extensão sobre a região. A contribuição que a pesquisadora espera deixar como legado para a sua pesquisa é a percepção de que a educação também pode se dar em outros espaços, para além da escola, e o material didático pode ser um passo inicial. O ensino, quando não feito de forma fixa, é potencializador para realizar visitas turísticas e vivenciar a história de uma forma além da teoria tradicional. Por fim, para o Prof. Fábio, sua expectativa está em aumentar os fomentos públicos para incentivos no turismo, além de mostrar um braço da universidade que está a pensar um projeto de curto prazo, interdisciplinar, para que o Estado, em determinado momento, possa criar a *Rota* de uma forma eficaz. A sua ressalva é de que a etapa ainda está em Fênix, mas, em longo prazo, os demais municípios serão integrados.

O episódio é finalizado retomando a divulgação do site para acompanhamento da construção da *Rota*, além de outros elementos digitais que serão integrados como o *podcast*, com o perfil do *Instagram* e com o material didático.

3.2.2 O primeiro episódio - *Vestígios arqueológicos de um caminho: Claudia Inês Parellada #1*³²

O primeiro episódio do *podcast* tem como objetivo apresentar a forma que ocorreu a descoberta dos vestígios arqueológicos das ruínas de Vila Rica do Espírito Santo, cidade Colonial espanhola do século XVI. Atualmente, essas ruínas estão contidas no Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, situado a 2 km da cidade de Fênix - PR. Para tratar de tal temática, convidamos a Prof.^a Dr.^a Claudia Inês Parellada, arqueóloga coordenadora do Departamento de Arqueologia do Museu Paranaense e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da UFPR. A pesquisadora – graduada em Geologia, pela UFPR (1987), mestra em Antropologia Social, pela UFPR (1997) e doutora em Arqueologia, pela USP (2006) –, desde 1990, é responsável pelo Departamento de Arqueologia do Museu Paranaense. A sua pesquisa de mestrado, intitulada *Um tesouro herdado: os vestígios arqueológicos da cidade Colonial espanhola de Vila Rica do Espírito Santo* (1997), foi posteriormente publicada no formato de livro, assim denominado: *A Herança de um Tesouro: arqueologia da cidade colonial espanhola de Vila Rica del Espiritu Santo (1589-1632) Fênix, Paraná* (PARELLADA, 2014).

Figura 47 – Registro da gravação do episódio 1



Fonte: autoria própria (2024).

³² Acesse esse episódio do *podcast* em:
<https://open.spotify.com/episode/7FZXwkFrgCuvXdU0zTw297?si=32gETpPxSeqsuM3WpdLD7w>.

A conversa se inicia com a pergunta: por que a região de Fênix e de Vila Rica do Espírito Santo deveria ser conhecida? Em resposta, a pesquisadora disse que a região de Fênix - PR contém as ruínas da segunda fundação da Cidade Colonial Espanhola de Vila Rica del Espiritu Santo. Os europeus vieram com as grandes navegações no início do século XVI, encontraram os povos originários que aqui habitavam e falavam a língua tupi-guarani e as línguas jês. Alianças e conflitos foram formados entre europeus e populações indígenas, sendo utilizados para conquistar territórios que foram inseridos no Tratado de Tordesilhas. O Sul do território do Brasil – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul – pertencia à Coroa Espanhola. Os povos da região majoritariamente eram da língua guarani, os quais tenderam a se aliar à Coroa Espanhola. A Cidade de Vila Rica del Espírito Santo foi construída próxima à Foz do Corumbataí, no Rio Ivaí. Atualmente, para manutenção da memória do seu passado, há um excelente museu para visitação que pode atrair o olhar de estudantes e turistas. Além disso, há um trilha pela qual se pode percorrer para conhecer a fauna e a flora que se mant m a mesma, em certa medida, de 400 anos atrás.

Em seguida, a professora   indagada pelo que a levou a investigar essa região. A professora comenta da história espanhola da sua família e de como cresceu na região. Sempre teve o sonho de fazer Arqueologia e acabou decidindo por cursar Geologia na UFPR como uma base que se aproximasse da  rea. A universidade oportunizou o seu estágio no Museu Paranaense, onde teve contato com o Professor Oldemar Blasi, que defendia e divulgava a importância dos estudos sobre as ruínas de Vila Rica del Espírito Santo. Esses foram os elementos iniciais que a conduziram até a pesquisa arqueológica em Vila Rica.

A apresentadora aproveita o ensejo para perguntar sobre os mitos e as fic es acerca do ofício da Arqueologia e como realmente foi o processo arqueológico na região. A professora comenta que as fic es como Indiana Jones são focalizadas muito na descoberta de um objeto por ele mesmo, enquanto o processo arqueológico tematiza o todo da região, não apenas um objeto, mas a sua cultura, seus artefatos, sua fauna, sua flora e sua memória. Além disso, as fic es retratam tudo com muita agilidade, enquanto o processo arqueológico   sumamente detalhado e vagaroso; são ritmos bastante desproporcionais. Algo que a fascinou durante a pesquisa foi pensar que Vila Rica é datada na mesma época que outras grandes cidades e capitais como Santiago, no Chile, e Caracas, na Venezuela. Alguns elementos historiográficos fundamentais , segundo ela, são as telhas, a escória de ferro e uma antiga fundi o.

A pergunta seguinte é sobre a recepção da comunidade com relação à pesquisa e às escavações. A professora Claudia comenta que ela estabelece um segundo momento de investigação, que sucede o trabalho do professor Oldemar Blasi, conjuntamente com o professor José Loureiro Fernandes. Ela explica que muitas vezes confundem Vila Rica com uma missão jesuítica, todavia, não se trata disso. Vila Rica é uma das três cidades: Ciudad Real Del Guairá, Ontiveros e Vila Rica Del Espírito Santo. Em certo momento, tem-se um conflito com os paulistas portugueses, que eram chamados na época de maloqueiros, devido ao uso das malocas. Em sua fundação, havia 160 espanhóis e cerca de 2.000 guaranis. Com relação à percepção da população, nas primeiras pesquisas feitas pelos professores supracitados, eles entraram em conflito com a investigação arqueológica. Isso se dava porque estava a ser construída uma estrada que ligava Curitiba à Região Norte do Paraná. Por conta das escavações, a estrada teve que ser desviada e isso constrangeu a população local. Em vista disso, elaborou-se uma Lei de proteção histórica que impediu a construção da estrada.

Em seguida, a pesquisadora fala como a cidade colonial foi importante para a época. Por exemplo, a extração de erva-mate saía de Vila Rica e chegava até os Campos Gerais, atualmente a cidade de Ponta Grossa, próximo ao Rio Tibagi. Desse período, segundo a professora, já foram encontrados telhas e pratos de cerâmica que somam cerca de 12.600 fragmentos históricos, os quais foram analisados em sua dissertação de mestrado. As cerâmicas, para os leigos, podem parecer apenas um objeto histórico, contudo, ali se reúne a estética de um povo, e o uso do objeto em seu contexto de época está relacionado à fauna e à flora da região. Além disso, as marcas e os desenhos nas cerâmicas demonstram a percepção que um povo tem do seu mundo. Uma metáfora que a professora faz é que as cerâmicas podem ser uma máquina do tempo para o conhecimento do século XVI. A análise desses fragmentos e de ossadas, por meio de técnicas forenses, auxilia na reconstrução de fatos históricos. Diferentemente de textos históricos, que geralmente são escritos pelas classes superiores, os resquícios materiais mostram a vida comum dos habitantes daquela época.

Outra questão feita à professora diz respeito à preservação do patrimônio e como a cidade de Fênix acolhe isso. A resposta se concentra na necessidade de criar uma rede de estrutura e de comunicação para que mais pessoas conheçam a importância desse patrimônio histórico, um plano de revitalização dessas regiões. Para a manutenção da cultura histórica e turística, é necessário que se tenham mais parques arqueológicos de visitação para conhecer

as fundações, mantendo-se a memória do que aconteceu há 500 anos; essa é uma sabedoria que deve ser conhecida e compartilhada.

Por fim, Claudia Parellada convida a todos a mergulhar na história do Paraná para melhor compreendê-la. Nesse sentido, é necessária a visita aos parques arqueológicos, um momento de conexão com a natureza, com a história e com diversidade cultural dessa época. Todos esses elementos formam um mosaico de conhecimentos que efetiva um saber profundo das raízes do Paraná.

3.2.3 O segundo episódio - A construção de um caminho: Erneldo Schallenberger e Leandro de Araújo Crestani #2³³

O segundo episódio tem como tema as identidades regionais, as migrações, as missões jesuíticas e as fronteiras do território regional. Foram convidados para essa conversa os professores doutores Erneldo Schallenberger e Leandro de Araújo Crestani. O Prof. Schallenberger é doutor em História, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS – (2001), com pós-doutorado em História, Cultura e Poder, pela UFPR (2008-2009). É professor sênior aposentado da Unioeste, da qual foi Reitor (1995-1999). Atuou também como docente e orientou nos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Sociedade, Cultura e Fronteiras, Agronegócio e Desenvolvimento Regional e História Contemporânea, da Universidade de Évora, Portugal. É membro Honorário Fundador das Jornadas Internacionais sobre Missões Jesuíticas. Foi Avaliador Institucional do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI). Integrou o Comitê Assessor da Área de Ciências Sociais, Humanas e Jurídicas da Fundação Araucária - PR, é sócio-convidado do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná e integra conselhos editoriais de revistas científicas e editoras. Tem experiência em gestão, planejamento e avaliação institucional e centra atenção na História Regional, atuando principalmente nos seguintes temas: missões jesuítico-guaranis; migrações, fronteiras e identidades, cooperativismo e desenvolvimento regional.

O Prof. Leandro Crestani é doutor em História Contemporânea pela Universidade de Évora, Portugal, e pós-doutor em História (área de concentração em História Pública), pela Unespar. É colaborador do Centro de Investigação em Ciência Política (CICP) da

³³ Acesse esse episódio do *podcast* em:

<https://open.spotify.com/episode/2SVCKIsbhNYB3toZJZc9ED?si=07fSBG1lQjnz2OFnmJW7Uw>.

Universidade do Minho/Universidade de Évora. Faz parte da coordenação do GT Histórias Públicas, na ANPUH. Tem experiência na área de História Regional e Local (Conflitos agrários), História Comparada e Transnacional (fronteira entre Brasil e Argentina), História Pública, Ensino de História, TDICs e Metodologia Ativas. Atua como professor no Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG), é coordenador de História na Secretaria Municipal de Toledo - PR (SMED), é presidente do Fórum Municipal de Educação de Toledo - PR e vice-presidente do Conselho Municipal de Educação de Toledo - PR, além de ter sido coordenador geral da elaboração dos Referenciais Curriculares para o Sistema de Ensino de Toledo - Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Figura 48 – Registro da gravação do episódio 2



Fonte: autoria própria (2024).

A pergunta inicial desse episódio direcionou a conversa para os motivos que deveriam levar as pessoas interessadas a se aprofundarem na história do Paraná e conhecerem mais sobre a Vila Rica do Espírito Santo. O Prof. Schallenberger menciona sobre os dois rumos do colonialismo no Brasil, um deles na região litorânea e outro na região do Rio da Prata. O Paraná ficou à mercê de duas intenções exploradoras: agroindústria e bens naturais na área litorânea e outra uma suposta mina de prata rio à cima do Rio da Prata.

A região Del Guairá, segundo ele, contém muitas curiosidades sobre a sua fronteira cultural. Houve uma relação amistosa entre os colonizadores espanhóis e os guaranis da região. A agricultura e o extrativismo eram os focos de trabalhos coloniais. Um dos polos para isso ocorrer foi por Assunção. Em 1574, foi fundada Ontiveros, região onde fica Pato Bragado, curiosamente na mesma época em que foi estabelecida a cidade de São Paulo. Ontiveros foi transferido para Ciudad Real, atual região de Terra Roxa, estando nisso a narração da origem do Paraná. Schallenberger pergunta-se sobre a raiz do paranaense. O senso comum aponta para gaúchos, paulistas, nordestinos, todavia, a raiz mencionada pelo professor está justamente na relação entre espanhóis e guaranis. O Prof. Leandro Crestani complementa dizendo que há uma tendência no senso comum em pensar a fundação do Paraná a partir da Marcha Para Oeste, em 1930, contudo, esse é um passo que se esquece das raízes espanholas e guaranis na região. Esse aspecto também é indicado pelo professor por meio do que chama de ‘vazio demográfico’, isto é, uma espécie de carência de dados e pesquisas históricas sobre a fronteira entre Brasil e Argentina do século XVI ao XX.

A próxima indagação foi relacionada ao que motivou os pesquisadores a investigarem esses temas. Schallenberger aponta que o espaço missioneiro é uma raiz da cultura paranaense. Na América do Sul, para além do colonialismo, metrópoles e impérios hispano-português, houve um colonialismo interno no Paraná. Havia uma pressão entre São Vicente, São Paulo e Assunção sobre a região, além de ser densamente povoada por muitos indígenas, não só guaranis, mas povos guaranizados. Esses foram se adaptando à cultura sedentária guarani, para além da caça e da pesca, e desenvolveram uma horticultura muito forte. Relatos de viajantes reforçam essa narrativa, como o português Pedro Aleixo, ou a comitiva do espanhol Álvaro Nunes cabeça de Vaca. Os relatos minuciosos são elogiosos sobre a qualidade humana, da fauna e da flora que ali havia. Isso possibilitou a visão, para os espanhóis, de que havia um espaço fundamental para a colonização. Isso foi um dos aspectos motivadores para a fundação de Ciudad Real, de Vila Rica e de outras cidades. Em uma

contrapartida espanhola, houve a projeção de São Paulo com os bandeirantes, que buscavam mão de obra na região do Guairá. Para solucionar o conflito da exploração extrema dos povos indígenas, além dos conflitos com bandeirantes, organizaram-se as missões com o intuito de pacificar esses conflitos. A província jesuítica do Paraguai inaugurou e compreendeu que o grande campo missional abria-se para a região do Guairá.

O Prof. Crestani, por sua vez, relata que um dos seus interesses na história do Paraná é sobre os conflitos de terra. A sua família veio do Nordeste e de São Paulo, e no processo de aquisição de terras, perdeu cerca de 90% das suas posses para os jagunços. No processo de ensino de História, as companhias colonizadoras são exaltadas no processo civilizatório. Todavia, o que há de oculto nessa narrativa é a violência, a expropriação e o sangue de muitos que foram vítimas. O seu caminho de pesquisa também revela como os povos originários ficaram ocultados das narrativas históricas.

Conforme ressalta o Prof. Schallenberger, o colonialismo ameaçava a ele próprio. Havia relações tão fortes entre Assunção e São Paulo que fugiam das próprias cortes. O Sul do Brasil recebeu 14 reduções, três somente no Paraná, apesar de pouco se falar delas. As missões foram ameaçadas porque os jesuítas recrutavam os indígenas do domínio direto e dificultavam a apreensão dos povos originários soltos pelos bandeirantes, o que levava os bandeirantes a atacarem as próprias reduções. Dessa forma, mostra-se como o colonialismo fez pressão para o fim das reduções, por consequência disso, Vila Rica posteriormente se transferiu para o outro lado do Rio Paraná, atualmente território paraguaio. Para o Prof. Crestani, Vila Rica foi um posto avançado de Assunção, com a possibilidade futura de ter um caminho para o Atlântico, o caminho do Peabiru.

Indagamos o Prof. Leandro Crestani sobre o processo de constituição das fronteiras na região paranaense e quem é o povo paranaense. Segundo ele, para responder, é necessário pensar a fronteira humana, a relação entre os povos originários, as missões jesuíticas, a presença das obras e as companhias colonizadoras privadas. O Oeste e Noroeste do Paraná foram formados por conflitos, tanto embates humanos com os povos originários, tanto territoriais e municipais. O docente cita o exemplo da demarcação da primeira escola no município de Toledo - PR, em que muitos dos processos foram ocultados historicamente, o mesmo ocorre ao se pensar uma rota para as missões jesuíticas em Vila Rica. A própria população de Fênix - PR, em geral, não tem um conhecimento básico do que seja ou onde ficavam essas missões. A própria cidade de Guaíra poderia ter toda uma constituição histórica

sobre a Ciudad Real del Guairá, todavia, Foz do Iguaçu ganhou todo o prestígio turístico por conta das Cataratas.

No desenrolar da conversa, perguntamos ao Prof. Ernelo Schallenberger sobre o conceito de territorialização, um dos objetos de sua pesquisa. O conceito, em um primeiro momento, é utilizado para pensar o mando dos caciques sobre os territórios que passaram pelo processo de colonização. Após a ação dos espanhóis e das reduções jesuíticas, o Guairá passou para o domínio dos espanhóis e de Assunção. Aos poucos, com a projeção do governo paulista no século XVIII, passou-se por outro processo de territorialização entre São Paulo e o Sul do Brasil. Portanto, o conceito é utilizado para pensar a lida com o território em suas diversas épocas e seus diversos mandos. O processo de territorialização, desse modo, visa a investigar como se deu essa mudança entre os guaranis para os espanhóis e, depois, dos espanhóis para os portugueses.

A conversa se desdobra em uma reflexão sobre como foi o impacto das missões na região e o contato entre cristãos e povos originários da América. Prof. Schallenberger pensa as missões como experiências ímpares, a ponto de até Karl Marx, no século XIX, estudá-las. Segundo o docente, é possível pensar nos impactos que essas missões tiveram para a reflexão da Teologia da Libertação. Pode-se discutir sobre o método jesuítico e dogmático utilizado pela época, considerando o espírito do tempo que pairava sobre a concepção. As missões eram violentas, apesar de as missões no Guairá se diferenciarem das demais no Rio Grande do Sul, Paraguai e Argentina. Essa diferença ocorre porque os caciques ainda desfrutavam de certo mando sobre a terra e algum poder político. Na segunda fase das missões, houve uma preponderância dos padres no comando tanto religioso quanto político. O Prof. Leandro Crestani aponta para a reflexão cultural que é esquecida de suas raízes no Paraná. Por exemplo, o costume sulista e indígena que há no Oeste do Paraná de tomar o chimarrão (produzido a partir da erva mate), o hábito de no Noroeste do estado e em Assis tomar café, como uma influência paulista, e o nome do Shopping em Toledo, Panambi, originário da Sanga Panambi, trilha dos povos originários da região, são aspectos históricos ocultados e esquecidos da/pela população com relação à sua história e à sua origem.

Para finalizar, questionamos aos entrevistados como a compreensão desse contexto histórico pode contribuir para a nossa reflexão sobre as questões territoriais que ainda existem no Paraná. Prof. Ernelo inaugura a resposta tomando como norte a necessidade de pensar uma sociedade mais equitativa e humanitária, mas, para que isso se concretize, é necessário

ter a memória do que ocorreu no passado dessa terra. O Paraná não foi constituído de uma forma humanitária, e sim por meio de conflitos e violência. Portanto, é preciso pensar se não há indivíduos excluídos no processo que não foram incluídos ou continuam à margem da sociedade também por consequência de conflitos históricos. O Prof. Crestani, por sua vez, argumenta sobre a necessidade de entender o eu, o outro e o nós. Cita o exemplo da discussão sobre o Marco Temporal, que é uma postura de esquecimento da origem dos povos tradicionais que aqui habitavam. Para que elementos como esse não continuem a avançar, é fundamental uma postura historiadora que elucida os conflitos passados e como eles repercutem na atualidade em questões políticas, sociais e culturais.

3.2.4 O terceiro episódio - *As origens de um caminho: Lúcio Tadeu Mota* #3³⁴

No terceiro episódio do *podcast Caminhos do Ivaí*, recebemos o Prof. Dr. Lúcio Tadeu Mota, graduado em Sociologia e Política, pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1980), mestre em Ciências Sociais, pela PUC-SP (1992), doutor em História, pela Unesp (1998) e pós-doutor em Antropologia Social, pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro (2000/2001), e em Arqueologia, pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (2014/2015). É Professor Associado III no Departamento de História da UEM, instituição na qual foi Pró-Reitor de Ensino no período de 1992 a 1994, Diretor do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, entre 2008 e 2012, e fundador do Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história, em 1996. O docente desenvolve estudos e pesquisas nas áreas de História Indígena, Antropologia e Arqueologia relacionadas às populações indígenas no Sul do Brasil, com ênfase nas populações kaingang e xetá. Foi proponente e coordenador de diversos projetos de inovação, desenvolvimento, pesquisa e extensão aprovados por agências de fomento como a CAPES, CNPQ, Fundação Araucária, Ministério da Cultura, Ministério do Meio Ambiente/Fundo Nacional do Meio Ambiente e Ministério da Educação. É credenciado aos Programas de Pós-Graduação em História (Mestrado e Doutorado) da UEM e da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD-MS). Atualmente, é coordenador do Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história da UEM.

A pergunta inaugural trata sobre os motivos que levaram o professor entrevistado a pesquisar os povos originários do Sul do Brasil. Segundo ele, na década de 1980, quando foi nomeado para lecionar na UEM, as questões indígenas não estavam em foco. O que o intrigou

³⁴ Acesse esse episódio do *podcast* em:

<https://open.spotify.com/episode/0i9ZASOknAAUV1QbYdfNMI?si=JO-ZRhziSXmUdT8Mm0FuOO>.

a olhar a história da região foi perceber um passado muito forte das populações indígenas, todavia, paradoxalmente, as pesquisas históricas regionais não tratavam das populações indígenas originárias. Com relação ao estado do Paraná, todo paranaense deveria conhecer o passado de sua região, porém, apenas a história recente é recuperada, enquanto as origens do Paraná ficam ocultas para a pesquisa e conhecimento geral. O Vale do Ivaí mostra resquícios de uma população de 7.000 anos, quando caçadores e coletores chegaram à região e permaneceram até que novas levas de populações indígenas começam a chegar. Os antepassados dos kaingang e dos xokleng vieram do Norte, originários do Brasil central, e chegaram há 2.500 anos, descendo pelos rios Paraná e Paraguai. Subindo os rios Ivaí e Paranapanema, os antepassados dos guaranis chegaram a essa região. Eles, diferentes dos kaingang e xokleng, são ceramistas e sabem o cultivo de várias plantas. A arqueologia chama essas populações de agricultores e ceramistas. Atualmente, os guaranis habitam a costa Oeste e o litoral do Paraná, ao passo que os kaingang e xokleng ficam no Centro do Estado. Além da língua, o que mais diferencia esses dois povos são a cosmogonia e visão do mundo, o que implica em diferenças na religião e nos costumes, inclusive há uma nítida distinção material e cultural, a exemplo da diferença de vasilhame entre os guarani e os jês.

Em seguida, perguntamos acerca das consequências das missões jesuíticas na região. Antes das missões, de acordo com o Prof. Lúcio, temos os espanhóis fundando Assunção em 1536; eles cruzaram Assunção até o litoral de São Paulo e Santa Catarina. A Cidade Real del Guairá data da metade do século XVI; ao final do mesmo período, fundou-se a cidade de Vila Rica del Espírito Santo, próxima do encontro do Rio Ivaí com Corumbataí. Os espanhóis passaram a aglutinar a população guarani em torno deles com o intento do cultivo da erva-mate. Quando as ostensividades se agravam contra os guaranis, eles passaram a se afastar desses núcleos, apesar de Vila Rica chegar a cerca de 3.000 habitantes nessa época. As missões jesuíticas começaram 40 anos depois da fundação de Vila Rica, com Nossa Senhora do Loreto e Santo Inácio no Rio Paranapanema. O objetivo dos jesuítas era catequizar os indígenas guarani, enquanto os espanhóis estavam interessados no trabalho dos povos originários. Diante das forças opressoras dos espanhóis e, posteriormente, dos portugueses, os guaranis se aproximaram das reduções jesuíticas. Todavia, havia drásticas diferenças de visão de mundo entre os padres e os pajés. O docente ressalta que as doenças transmitidas pelos europeus foram responsáveis pela morte de inúmeros indígenas; havia em torno de um milhão e meio de guaranis na região antes da colonização.

Figura 49 – Registro da gravação do episódio 3

Fonte: autoria própria (2024).

Com a chegada dos bandeirantes e o apoio dos tupiniquins, os jesuítas aportam à frente dos espanhóis. Os padres procuram evacuar a região para o Sul, por conta da pressão e destruição dos bandeirantes na região. Parte dos guaranis foram presos e levados à São Paulo. Uma terceira parte se abrigou na região de Mato Grosso. No século XVII, os portugueses acabam espantando os espanhóis para além do rio Paraná. Como o ouro não foi encontrado, os colonizadores esvaziaram a região. Nesse vácuo deixado pelos bandeirantes portugueses, os kaingang habitaram a região, outrora dominada pelos guaranis, durante a segunda metade do século XVII e XVIII. Como os jesuítas estavam para o Sul e para além do Rio Paraná, e os bandeirantes estavam procurando ouro na região de Minas Gerais, esse foi um período para assentamento e manutenção da cultura kaingang na região. No século XIX, começou-se a ter uma interferência nas terras dos kaingang por conta da fundação de Guarapuava, em 1810; mais tarde, na segunda metade do século XIX, chegaram ocupantes na região de Campos do Mourão, próximo ao Rio Jordão. O século XX foi marcado pela chegada da companhia em Londrina e Umuarama. Com influência da ocupação cafeeira, a cada século, a área habitada pelos povos indígenas era reduzida.

Há dificuldades para a fundamentação bibliográfica e o acesso à documentação de nossa história. Uma parte dela foi feita pela burocracia espanhola do século XVII, todavia, poucas foram publicadas; uma parte está nos arquivos de Sevilha. O Paraná e o Brasil necessitam de pesquisadores dispostos a buscar e a publicar esses arquivos. Uma outra parte está em Assunção, no Paraguai. Há, ainda, uma parte da documentação dos jesuítas que está

publicada, entretanto, outra está em Roma, documentos não publicados. Além disso, há a documentação dos paulistas bandeirantes, no museu de São Paulo. Assim, uma primeira dificuldade é conseguir trazer à luz esses documentos.

Com relação à história dos povos tradicionais, os kaingang, por exemplo, precisamos de pesquisas antropológicas para retratar de forma etnográfica como eles mantiveram a sua cultura e a sua história. Esses povos não tinham escrita, sendo a sua história transmitida pela oralidade de geração em geração e, em vista disso, muito etnoconhecimento pode ser perdido em caso de não manutenção da tradição oral.

Questionamos o professor a respeito das impressões e da visão de mundo dessas comunidades tradicionais com a sociedade burguesa e dessa com relação aos povos tradicionais, como essas visões se cruzam na contemporaneidade. Em sua visão, primeiramente, não sabemos se o passado das tradições ameríndias é acessível às populações atuais. Às vezes, a História Oral consegue ser acessível em três gerações, cerca de 100 anos, todavia, como mensurar a recuperação histórica oral de três séculos atrás? Para o Prof. Lúcio, esse é um tema de pesquisa que deve ser investigado. Com relação às terras onde os nossos antepassados moravam, isso é passado para as futuras gerações, contribuindo para a história oculta do Paraná, que não se torna acessível às comunidades. Poderíamos pensar em um Paraná do café, pensado da região do Norte, o Sul do Paraná, que trata sobre as migrações (descendentes de alemães e italianos que ocupam essa região), além da região Central, Curitiba e Campos Gerais. Em meio a esses vetores históricos, há as populações indígenas em sua riqueza e variedade que ali habitavam. Existe uma visão de mundo pessimista dos povos indígenas antes da promulgação da Constituição de 1988, pois se pensava que esses povos tenderiam a se aculturar e, paulatinamente, tornar-se-iam camponeses e proletários. Contudo, a militância e o posicionamento dos seus ativistas para a nova constituinte tiveram bons resultados para a preservação da cultura e da tradição desses povos originários. O orgulho de ser parte desse povo fez com que se lutasse por mais direitos, garantias sociais básicas, como saúde, trabalho, saneamento, demarcações de terras, entre outros benefícios. Essa é uma luta que deve ser constante para todo o cidadão, sobretudo para preservação do nosso passado e de nossa memória.

3.2.5 O quarto episódio - As crenças de um caminho: Jurandir Coronado Aguilar #4³⁵

O último entrevistado *do podcast* é o Pe. Dr. Jurandir Coronado Aguilar, graduado em Teologia, pelo Instituto Teológico de Santa Catarina (1989), em Filosofia, pelo Seminário Nossa Senhora da Glória (1985), mestre em História da Igreja, pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1999) e doutor em História da Igreja, pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (2002). Atualmente, é professor PUC-PR, reitor do Seminário de Teologia Dom Virgílio de Pauli e Diretor do Arquivo Histórico Diocesano Padre Aloysio Jacobi. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em História da Igreja.

Figura 50 – Registro da gravação do episódio 4



Fonte: autoria própria (2024).

A conversa se inicia por tratar da importância de Vila Rica do Espírito do Santo, que foi um ponto estratégico para que os espanhóis pudessem avançar até a linha imaginária do tratado de Tordesilhas, além de ser uma das grandes cidades da região do Guairá. Pe. Dr. Jurandir foi conduzido a pesquisar esse tema quando estava cursando seu mestrado, em Roma, justamente por um apontamento da província, que era pouco investigada pela academia e de pouco acesso aos cidadãos da região. A pesquisa foi feita nos Arquivos da Companhia de

³⁵ Acesse esse episódio do podcast em:

https://open.spotify.com/episode/74enUYkuPY1hM83pnDJZrd?si=cBF0ah8jOYmpU5K_VKxskg.

Jesus, em Roma, e na Biblioteca da Universidade Gregoriana. O registro jesuíta na província de Guairá foi feito por Antonio Luiz de Montoya. Essa foi a sua bibliografia foi fundamental para conhecer a atividade espanhola na região do Guairá, além de documentos para preservação e manutenção das missões jesuíticas junto com os guaranis. As obras de Montoya foram encontradas na Universidade de Madrid, além da biblioteca da Companhia de Jesus. Dr. Jurandir nota que as obras completas estão espalhadas em diversas bibliotecas, como em Lisboa e em Roma.

A Igreja também tem um papel fundamental na história do Paraná, especialmente por causa das reduções jesuíticas no século XVII. O foco das reduções era a evangelização dos povos originários, todavia, também uma tarefa de manutenção da cultura guarani e do vocabulário da sua língua. Os jesuítas, além de aprenderem a língua guarani e escreverem a sua gramática, auxiliaram na construção, no cultivo da terra, na fabricação de telhas e no desenvolvimento artístico. A evangelização estava vinculada à colonização, visto que os povos indígenas cristianizados se tornaram súditos do rei da Espanha, ao mesmo tempo ganhavam proteção do Monarca Espanhol para que não se tornassem escravos. Os Padres Antonio Ruiz de Montoya e Francisco Díaz Taño foram até as coroas em Madrid e Roma para que as reduções jesuíticas fossem protegidas. Desse movimento surgiram as Cédulas Reais em defesa das reduções jesuíticas, e em uma delas havia a possibilidade do uso de armas para que as reduções conseguissem se defender dos bandeirantes. Díaz Taño conseguiu uma cédula de excomunhão de todos os portugueses que estavam violentando os povos indígenas.

Atualmente, a Igreja continua a se preocupar com esses povos. A Pastoral da Terra busca o direito de cultivo da terra originária pelos povos que ali habitavam. A Pastoral Indigenista faz um trabalho em defesa da causa dos povos originários para que tenham os direitos de manter a sua cultura, permanecer no território onde estão e fazer com que estejam regularizados e protegidos. O Sínodo do Papa sobre a Amazônia também é fundamental para a preservação como uma das regiões mais importantes do planeta Terra.

Para o Padre, o seu foco acadêmico fundamental é a divulgação dos conhecimentos científicos sobre a região do Guairá no Paraná. Em sua compreensão, é necessário despertar o conhecimento da história anterior. Os séculos XV, XVI e XVII devem ser marcados como um início da evangelização das terras no estado do Paraná.

Para memória desta época, fora tombada e transformadas suas ruínas no Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo. No Norte do Paraná também existe muito material

em meio às ruínas que retratam as fundações do século XVI. A Igreja, à época, vivenciou os desafios históricos do século em confrontos com os colonos, pois os povos originários eram vistos como mão de obra a ser usada por eles. Os missionários proibiram os espanhóis e portugueses de entrar no território onde estavam instaladas as reduções. Atualmente, conforme relata o Pe. Jurandir, a tarefa da Igreja é a manutenção do legado e da cultura das pequenas comunidades. Isso emula a intenção das missões, que eram também pequenas comunidades com ritmos de trabalho e oração. Tanto no século XVI quanto no atual, a Igreja pensa as pequenas comunidades como lugar fundamental da vivência da fé cristã. Trata-se de uma Igreja que esteja no cotidiano das comunidades.

Da herança histórica que temos, cabe ressaltar que o povo paranaense é diversificado. Há influências paulistas no Norte do Paraná e dos imigrantes alemães e italianos no Sudoeste. Do mesmo modo, as raízes dos povos originários que habitam aqui e que compõem essa diversidade não deve ser ocultada. Por fim, Padre Dr. Jurandir recomenda a visita ao museu de Vila Rica do Espírito Santo, na cidade de Fênix - PR, além de Santo Inácio, na beira do rio Paranapanema.

3.3 O saldo dos programas e sua relação com a Rota Ivaí

Podemos apontar que os programas tratam do eixo proposto de forma diversificada; cada professor entrevistado, dentro da sua especialidade, pôde contribuir com o conhecimento divulgado por meio da mídia digital. No episódio piloto *As Raízes do Projeto Rota Ivaí: Piloto*, os participantes apresentam a *Rota Ivaí*, um projeto que busca unir turismo e História Pública em pequenas cidades do interior do Paraná. O episódio destacou a origem do projeto, a escolha das cidades, os desafios enfrentados por municípios periféricos e as pesquisas em andamento, além de abordar produção de material didático, os próximos passos da *Rota Ivaí* e as expectativas dos envolvidos.

Vale ressaltar que a proposta do site da *Rota* (www.rotaivai.com.br) constitui-se como um itinerário turístico digital, acessível a um vasto público por meio da internet, cuja relevância transcende as funcionalidades convencionais atribuídas a roteiros turísticos físicos. Essa ferramenta digital se incorpora integralmente à experiência turística, desde o planejamento da viagem, servindo como um orientador durante o percurso e possibilitando a partilha de avaliações pós-visita por parte dos usuários. A sua capacidade de se integrar a outros recursos digitais, como o *podcast*, amplia significativamente a vivência dos turistas, oferecendo um leque variado de informações, desde a história local, passando por trilhas e

pontos de interesse, até curiosidades, localizações e a diversidade de serviços turísticos disponíveis.

Além disso, a funcionalidade de armazenamento de conteúdo gráfico, incluindo documentos, vídeos e fotografias, contribui para a promoção e a divulgação da rota turística, tanto na cidade de Fênix - PR quanto em seu entorno. É importante destacar, ainda, o potencial da plataforma como canal para a difusão de dados e informações relevantes para o desenvolvimento turístico, particularmente com relação aos municípios que compõem o projeto *Rota Ivaí*. Isso engloba desde pesquisas acadêmicas e projetos de extensão até dados fornecidos por órgãos governamentais.

Adicionalmente, a manutenção de baixo custo e a flexibilidade na atualização de informações são aspectos que ressaltam a eficiência da plataforma digital, que ainda se beneficia da possibilidade de incorporação contínua de novas tecnologias. Dessa forma, a *Rota Ivaí* emerge como um valioso instrumento de fomento ao desenvolvimento local, potencializando a geração de emprego e renda e promovendo a valorização histórica e ambiental por meio do turismo. Contudo, para que a proposta da rota turística evolua para um produto turístico efetivamente viável, é imprescindível a implementação de ações indutoras, as quais devem ser estrategicamente planejadas a fim de otimizar o aproveitamento turístico da região, garantindo sua sustentabilidade e relevância a longo prazo.

Em continuidade, o episódio inaugural do *podcast* concentrou-se na descoberta dos vestígios arqueológicos de Vila Rica do Espírito Santo, uma cidade colonial espanhola do século XVI, situada no Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, próximo à Fênix - PR. A arqueóloga e professora convidada, Dra. Claudia Inês Parellada, relatou a importância histórica da região, destacando a influência das grandes navegações, as alianças, os conflitos entre europeus e indígenas e a construção da cidade. Ela explorou a complexidade do processo arqueológico, desmistificando ideias de ficções como a de Indiana Jones. A professora também abordou a percepção da comunidade com relação às escavações, aos mitos sobre a região e à importância de preservar o patrimônio histórico.

O segundo episódio abordou temas como identidades regionais, migrações, missões jesuíticas e fronteiras territoriais na região paranaense. Os convidados foram os professores doutores Erneldo Schallenberger e Leandro de Araújo Crestani. O Prof. Schallenberger destacou a complexidade do colonialismo na região, com influências tanto da exploração agroindustrial na área litorânea quanto da busca por minas de pedras preciosas no Rio da

Prata. A relação amistosa entre colonizadores espanhóis e guaranis na região Del Guairá foi salientada, evidenciando-se a agricultura e o extrativismo como focos de trabalho colonial. O Prof. Crestani complementou as discussões, ressaltando a tendência de se esquecer as raízes espanholas e guaranis na formação do Paraná. A conversa também abordou os conflitos de terra, a violência no processo civilizatório e a invisibilidade dos povos originários nas narrativas históricas.

A territorialização, como conceito, foi explorada na análise das mudanças de domínio sobre o território, desde os Guaranis até os espanhóis e portugueses. A influência das missões jesuíticas na região foi discutida, destacando-se a experiência única e as reflexões culturais esquecidas. A conversa foi concluída enfatizando-se a importância de compreender o passado para refletir sobre as questões territoriais contemporâneas, buscando uma sociedade mais equitativa e humanitária. A memória histórica foi vista como crucial para entender as origens dos conflitos e suas repercussões nas questões políticas, sociais e culturais atuais.

No terceiro episódio do *podcast*, o Prof. Dr. Lúcio Tadeu Mota foi o convidado, trazendo a sua expertise em História Indígena, Antropologia e Arqueologia. A discussão começou com a pergunta sobre os motivos que o levaram a pesquisar os povos originários do Sul do Brasil. Na década de 1980, ao começar a lecionar na UEM, o professor notou que as questões indígenas não eram foco das pesquisas históricas regionais, apesar do passado marcante das populações indígenas na região. A conversa abordou as origens dos kaingang, dos xokleng e dos guaranis, destacando as diferenças em língua, cosmogonia e visão de mundo. As consequências das missões jesuíticas na região foram exploradas, revelando os impactos das forças opressoras e das doenças europeias na vida dos indígenas. A chegada dos bandeirantes e a ocupação portuguesa nos séculos XVII e XVIII também foram abordadas, delineando-se o esvaziamento da região e a subsequente ocupação pelos kaingang. O século XX marcou a redução contínua das áreas habitadas pelos povos indígenas devido à expansão das áreas cafeeiras. O docente ressaltou as dificuldades em ter acesso à documentação histórica, pontuando a necessidade de pesquisadores empenhados em buscar e publicar esses arquivos, assim como a relevância da pesquisa antropológica para retratar a cultura e história dos povos tradicionais, que transmitiram a sua história principalmente pela oralidade. A discussão sobre as impressões e a visão de mundo dessas comunidades com a sociedade burguesa e entre elas na contemporaneidade trouxe reflexões sobre o acesso ao passado das tradições ameríndias e a luta constante por direitos e preservação cultural. A militância e o

posicionamento dos ativistas indígenas foram destacados como fundamentais para a preservação da cultura e tradição desses povos.

Nosso último entrevistado foi o Pe. Dr. Jurandir Coronado Aguilar, um renomado estudioso em História da Igreja. Durante a entrevista, Pe. Dr. Jurandir abordou a importância de Vila Rica do Espírito Santo, destacando a sua relevância estratégica para os espanhóis e a pesquisa detalhada realizada durante seu mestrado em Roma. Ele explorou o papel crucial da Igreja na história do Paraná, especialmente por meio das reduções jesuíticas no século XVII, enfatizando a conexão entre evangelização e colonização. A luta dos jesuítas para proteger as reduções resultou em Cédulas Reais, inclusive uma que permitia o uso de armas para defesa contra bandeirantes. Atualmente, a Igreja continua seu engajamento em defesa dos povos originários por meio da Pastoral da Terra e da Pastoral Indigenista. Pe. Dr. Jurandir ressaltou a importância do Sínodo do Papa sobre a Amazônia na preservação dessas comunidades. Seu foco acadêmico está na divulgação do conhecimento científico sobre a região do Guairá no Paraná, buscando despertar o interesse pela história anterior. Ele destacou o tombamento do Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo como memória da evangelização nos séculos XV, XVI e XVII. A Igreja, tanto no passado quanto no presente, encara os desafios de manter o legado e a cultura das pequenas comunidades, refletindo a abordagem das missões. Nosso convidado enfatizou a diversidade do povo paranaense, resultado das influências dos colonizadores, imigrantes e povos originários, recomendando a visita ao museu de Vila Rica do Espírito Santo e a cidade de Santo Inácio.

O *podcast Caminhos do Ivaí* emerge como uma valiosa fonte de conhecimento, desbravando a possibilidade da *Rota Ivaí* e revelando histórias ricas que permeiam essa região. Ao destacar a presença de renomados especialistas, o programa não apenas compartilha informações históricas, mas também proporciona uma conexão viva com o passado. A iniciativa de criar mídias digitais para a divulgação histórica e a promoção da história pública é crucial, ampliando o alcance e a acessibilidade do conhecimento. A narrativa envolvente do *podcast* pretendeu cativar os ouvintes e os inspirar a explorar a *Rota Ivaí*, vivenciando pessoalmente o rico contexto histórico proposto. As diversas oportunidades e convites apresentados ao longo dos episódios convidam os ouvintes a se tornarem turistas e rememorar momentos históricos, além de promoverem a preservação e a valorização do patrimônio cultural da região. Em suma, o *podcast* não apenas enriquece intelectualmente,

mas também serve como um catalisador para experiências tangíveis, incentivando o público a mergulhar nas fascinantes histórias da *Rota Ivaí*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho constitui um esforço pioneiro para explorar o papel dos *podcasts* na divulgação histórica e no desenvolvimento turístico regional, particularmente no contexto da interdisciplinaridade da *Rota Ivaí*, no estado do Paraná. A dissertação, ancorada na História Pública, na Comunicação e no Turismo, avança na compreensão de como as mídias digitais, especificamente o *podcast*, podem ser utilizadas como ferramentas eficazes na promoção de narrativas históricas para ampliar o engajamento público e fomentar o turismo histórico.

No primeiro capítulo, estabelecemos uma fundamentação teórica sobre a História Pública e a divulgação histórica, posicionando o *podcast* como uma mídia transmidiática com potencial para transformar a maneira como a história é comunicada ao grande público. Demos luz a um estado da arte sobre *podcasts*, destacando a emergência de novas plataformas de *streaming* como espaços democráticos para a disseminação de conteúdo histórico. A discussão sobre as novas possibilidades e desafios que surgem com o advento da História Digital é pontuada pela necessidade de repensar as práticas historiográficas tradicionais em face das tecnologias digitais.

No segundo capítulo, apresentamos a *Rota Ivaí* como um projeto inovador que visa à valorização e à divulgação do patrimônio histórico e cultural de pequenas comunidades no interior do Paraná. A discussão teórica destaca a importância da memória histórica e da identidade cultural na construção de um roteiro turístico que transcenda os limites convencionais do turismo, promovendo uma experiência imersiva e educativa. A análise da *Rota Ivaí*, como um caso de estudo, ilustra o potencial do turismo histórico como vetor de desenvolvimento econômico e social para a região.

No terceiro capítulo, cerne material desta pesquisa, abordamos o desenvolvimento do *podcast Caminhos do Ivaí*, desde a concepção das primeiras pesquisas, passando pela identidade visual até a produção dos episódios. O *podcast* emerge como um exemplo prático de como a História Pública pode ser divulgada de maneira acessível e envolvente, alcançando audiências para além do meio acadêmico. Como expectativa para futuras pesquisas, poderíamos ainda nos debruçar sobre as respostas e as interações do público com o conteúdo do *podcast*, evidenciando os resultados da iniciativa em engajar uma comunidade de ouvintes interessados na história e no turismo regional.

Esta dissertação não apenas contribui para o avanço acadêmico na intersecção entre História, tecnologia e turismo, mas também oferece um modelo replicável para outras regiões que buscam valorizar seu patrimônio histórico-cultural e impulsionar o turismo como vetor de desenvolvimento local.

Quanto à execução e à concretização da *Rota Ivaí*, entendemos que a realização de um itinerário turístico é delineada por uma confluência de dinâmicas e elementos determinantes que possibilitam: a concepção de um roteiro embasado em seus constituintes essenciais, o que realizamos nesta dissertação; o papel ativo do Estado na viabilização estrutural e formativa para o tecido social; e o acompanhamento desse processo pelo setor privado. Ademais, é viável postular que existe uma demanda latente por opções de lazer para além do litoral paranaense.

Cabe frisar ainda a importância de se estabelecer novas colaborações com especialistas, investigadores ou entidades interessadas em enriquecer o conteúdo visual e as funcionalidades da plataforma que agrega a *Rota Ivaí*, com o objetivo de expandir a sua audiência e otimizar a usabilidade para os visitantes. Salientamos que, nesta dissertação, apresentamos a versão preliminar do site, disponível para pesquisadores atuais e futuros engajados na articulação do projeto *Rota Ivaí*. A efetivação dessa iniciativa, no entanto, depende da sinergia entre esferas públicas e privadas, além da necessidade de pesquisas subsequentes que objetivem perpetuar a discussão sobre o fomento ao turismo histórico, particularmente com relação às localidades que poderiam integrar a *Rota Ivaí*, tais como os municípios paranaenses de Fênix, de Barbosa Ferraz, de Corumbataí do Sul, de Quinta do Sol e de Engenheiro Beltrão.

Por fim, por meio deste estudo, buscamos contribuir para os campos da História Pública e do Turismo Histórico. Ao integrar metodologias de pesquisa histórica com estratégias de comunicação digital, o projeto *Caminhos do Ivaí* demonstra o potencial dos *podcasts* na promoção do patrimônio cultural e na ativação do turismo como forma de desenvolvimento regional sustentável. Além disso, esta investigação abre caminhos para futuras pesquisas sobre a utilização de mídias digitais na educação histórica e no turismo cultural, sublinhando a importância da autoridade compartilhada e da participação cidadã na construção de narrativas históricas inclusivas e representativas, não apenas criando um produto de divulgação histórica *para* o público, mas sim cada vez mais *com* o público.

REFERÊNCIAS

ABUD, Marcelo. **Tendências do Podcast no Brasil: Formatos e Demandas**. São Paulo: FAAP, 2019.

ABPOD. **A ABPod e sua História: As Origens da ABPoD**. Disponível em: <https://abpod.org/about-out/>. Acesso em: 19 de mar. de 2023.

ABPOD. **PodPesquisa 2009: Resultado Final**. Disponível em: <http://abpod.org/wp-content/uploads/2020/10/PodPesquisa-2009.pdf>. Acesso em: 19 de mar de 2023.

ABPOD. **PodPesquisa 2019-2020: Resultado Final**. Disponível em: <https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-2019-Resultados.pdf>. Acesso em: 19 de mar de 2023.

ALBIERI, Sara. História Pública e Consciência Histórica in. ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (org.) **História pública em debate: Patrimônio, educação e mediações do passado**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.) **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

AGUILAR, Jurandir Coronado. **Conquista Espiritual**. A história da evangelização na Província do Guairá na obra de Antonio Ruiz de Montoya, S. I. (1585-1652). Roma: PUG. 2002.

AQUINO, Renata. Pedacos de sucesso: como canais de cortes amplificam os podcasts no Brasil: Fenômeno recente, canais com cortes de podcasts já atingem públicos massivos; modelo fortalece YouTube, mas é visto com bons olhos pelo Spotify. **Tecmasters**. Disponível em: <https://tecmasters.com.br/canais-cortes-amplifica-podcasts-brasil/> Acesso em: 22 de fev. de 2023

ARRUDA, Rogério Pereira de; SODRÉ, Elaine Leonara de Vargas; CARDOSO FILHO, Advaldo da Assunção. O projeto de extensão “Vozes da História” se reinventa com o podcast “Vozes na Pandemia”. In: **Expressa Extensão**, n.1, Jan-Abr, 2021.

BARBOSA, Jefferson Belizário; MOREIRA, Benedito Diélcio. O Podcast na Sociedade e Juventude. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 17, 2015, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso, 2015.

BARBOSA FERRAZ, Prefeitura Municipal de. **História do Município de Barbosa Ferraz**. Disponível em:

<http://www.barbosaferraz.pr.gov.br/index.php?sessao=b054603368ncb0&id=170>. Acesso em: 26 de março de 2023

BARRETO, Margarita; REJOWSKI, Mirian. Considerações epistemológicas sobre segmentação: das tipologias turísticas à segmentação de mercado. In: PANOSSO NETO, Alexandre; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Segmentação do mercado turístico**. Barueri: Manole, 2009.

BENEDUZI, Luís Fernando. “Cuando el pasado da lucro: los lugares de memoria como sitios privilegiados para el turismo histórico”. (Universidad de Venecia) In: BRESCIANO, Juan Andrés (ORGS). **La memoria histórica y sus configuraciones temáticas**. Uma aproximación interdisciplinaria. Ediciones Cruz del Sur, 2013.

BENKLER, Yochai. **The Wealth of Networks**. New Haven, CT: Yale University Press, 2006.

BONALDO, R. B. **O que é história pública?** Disponível em: <https://historiapublica.sites.ufsc.br/o-que-e-historia-publica/> Acesso em 01 de setembro de 2022

BORGES, Vera Lúcia Bogéa. **Turismo Histórico-Cultural**: volume único. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2015.

BORGES, Viviane; OGASSAWARA, Juliana. O historiador e a mídia: diálogos e disputas na arena da história pública. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 39, nº 80. 2019.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Trad. Josely Vianna Batista. Bauru: EDUSC, 2002.

BRANDÃO, Mariana; JOIA, Luiz Antonio; TELES, Adonai. Destino turístico inteligente: um caminho para transformação. In: **Anais do Seminário da ANPTUR - 2016**. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/451.pdf> Acesso em: 19 de mar. de 2023

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural**: orientações básicas. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. – 3. ed.- Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRESCIANO, Juan Andrés. Los estudios históricos en la sociedad de la información. In: BRESCIANO, J. A; GIL, Tiago. **La historiografía ante el giro digital**. Reflexiones teóricas y prácticas metodológicas. Ediciones Cruz del Sur. 2015

BUENO, André. NETO, José Maria (org.). **Ensino de História**: Mídias e Tecnologias. 1a Ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020.

BUHALIS, D; LADKIN, A; NEUHOFER, B. **Technology as a catalyst of change**: enablers and barriers of the tourist experience and their consequences. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/10672324/Neuhofer_B_Buhalis_D_and_Ladkin_A_2015_Technol

[ogy as a Catalyst of Change Enablers and Barriers of the Tourist Experience and their Consequences](#). Acesso em: 07 de mai. de 2023.

CAMARGO, Patrícia de; CRUZ, Gustavo da (Org.). **Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências**. Ilhéus: Editus, 2009.

CAMINHOS DO PEABIRU. **O que é? Origem e Revitalização**. Disponível em: <http://www.caminhosdopeabiru.pr.gov.br/> Acesso em: 19 de mar. de 2023

CAMPO MOURÃO, Prefeitura Municipal de. **História do Município de Campo Mourão**. Disponível em: <https://campomourao.atende.net/cidadao/pagina/a-historia-de-campo-mourao>. Acesso em 26 de março de 2023.

CARDOSO, Suelen Andrade. **Villa Rica del Espiritu Santo**: estudo histórico de uma cidade espanhola no Paraná. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Estadual de Maringá, UEM, Maringá, 2015. CARDOZO, Ramón Indalecio. El Guayrá: historia de la antigua provincia (1554-1676). Assunción: El arte. S. A, 1970.

CARNEIRO FILHO, Camilo Pereira & SANTOS, Christiano Ricardo dos. O turismo histórico na região transfronteiriça das Missões Jesuíticas. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Macapá, n. 5, p. 151-164, dez. 2012.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. **História Pública e divulgação de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2019a.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Café História: Divulgação científica de História na internet. 2019b. in: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. **História Pública e divulgação de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2019a.

CARVALHO, Paula Marques de. **Procedimentos de Construção de Podcasts: O caso Nerdcast**. São Paulo: Pontifícia universidade Católica de São Paulo. 2013 (Dissertação de Mestrado).

CAUVIN, T. Campo nuevo, prácticas viejas: promesas y desafíos de la historia pública. In **Hispania Nova** Revista de Historia Contemporánea. N. 1. Extraordinario, 2020.

CORUMBATAÍ DO SUL, Prefeitura Municipal de. **História do Município de Corumbataí do Sul**. Disponível em: <https://www.corumbataidosul.pr.gov.br/?meio=15988>. Acesso em: 26 de março de 2023.

COUTO, Ana Luíza S.; MARTINO, Luís Mauro Sá. **Dimensões da pesquisa sobre podcast: trilhas conceituais e metodológicas de teses e dissertações de PPGComs (2006-2017)**. Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 9, n. 02, pp. 48-68, jul./dez. 2018.

CORNÉLIO, Rodrigo. Digital Minds. In **Desaprender**. Disponível em: <https://desaprender.com.br/podcast/entrefaldas/digital-minds/> Acesso em: 19 de mar. de 2023.

COSTA, Valter. **Uma introdução à serifa**. 2020 Disponível em:

<https://plau.design/entrelinha/uma-introducao-a-serifa/>. Acesso em: 03 de março de 2024.

COSTA, F. R. da; ROCHA, M. M. Estudo sobre os municípios periféricos na mesorregião centro ocidental paranaense. **GEOGRAFIA** (Londrina), 18 (2), 109-127. Disponível em:

<https://doi.org/10.5433/2447-1747.2009v18n2p109>

CRESTANI, Leandro de Araújo. O ensino e seus públicos: as tecnologias digitais de informação e comunicação – TDICs na construção do saber histórico. In. Bueno, André; Neto, José Maria (org.) **Ensino de História: Mídias e Tecnologias**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020.

DESCARTES, R. **Regras para a orientação do espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FÊNIX, Prefeitura Municipal de. **História do Município de Fênix**. Disponível em:

<http://www.fenix.pr.gov.br/>. Acesso em 26 de março de 2023.

FERREIRA, A. M., & COSTA, C. O turismo como propiciador da regeneração dos centros históricos. O caso de Faro. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, 3(13/14), 1037-1038, 2010.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FIORI, W. A história do Podcast. **Jornal Tribuna**. Disponível em:

<https://jornaltribuna.com.br/2022/10/a-historia-do-podcast/> Acesso em: 22 de fev. de 2023.

FOSCHINI, A.; e TADDEI, R. **Conquiste a Rede: Podcast**. São Paulo: Ebook, 2006.

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000097.pdf>. Acesso em 12/01/2022.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast: Breve História de uma nova tecnologia educacional. In: **Educação em Revista**, Marília, v.18, n.2, p.55-70, Jul-Dez, 2017.

FREIRE, Gabriel Ribeiro. **Ideias sem fio: Um panorama sobre podcasts no Brasil**. Monografia, Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Brasília (DF), 2015.

FRISCH, Michael. **A shared authority: essays on the craft and meaning of oral and public history**. Albany: State University of New York Press, 1990.

GABRICH, Frederico de Andrade; COSTA, Alessandra Abrahao. Narrativa Educacional Transmídia e o Podcast. **Revista Meritum**. Belo Horizonte, vol. 15, n. 4, p. 43-59, 2020.

GALLINI, Stefania; NOIRET; Serge. La historia digital en la era del Web 2.0 Introducción al dossier Historia digital. In: **História Crítica**. n.43. Bogota, enero-abril, 2011, 260pp.

GONÇALVES, André Luiz Dias. Netflix e Spotify são os streamings campeões de acessos no Brasil. **Tecmundo**. 30 de Maio de 2023. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/264635-netflix-spotify-streamings-campeoes-acessos-brasil.htm> Acesso em: 10 de mar. de 2024.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1984.

HAMMERSLEY, B. Audible revolution: online radio is booming thanks to iPods, cheap audio software and weblogs, reports Ben Haammersley. In **The Guardian**. 12, Feb. 2004. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2004/feb/12/broadcasting.digitalmedia> Acesso em: 19 de mar de 2023.

IBGE. **Barbosa Ferraz**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/barbosa-ferraz.html>. Acesso em 19 de mar de 2023.

IBGE. **Corumbataí do Sul**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/corumbatai-do-sul.html>. Acesso em 19 de mar de 2023

IBGE. **Engenheiro Beltrão**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/engenheiro-beltrao.html>. Acesso em 19 de mar de 2023.

IBGE. **Quinta do Sol**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/quinta-do-sol.html>. Acesso em 19 de mar de 2023.

JANONE, Lucas. Compras online e consumo de podcast têm boom durante pandemia, diz pesquisa. **CNN Brasil**. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/compras-online-e-consumo-de-podcast-tem-boom-durante-a-pandemia-diz-pesquisa/#:~:text=O%20Cetic%20apontou%20que%20o,contra%2017%20milh%C3%B5es%20em%202019>. Acesso em: 27 de mar de 2023.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JORDANOVA, Ludmila; **Como a história importa hoje?** 2008 Disponível em Inglês: <http://www.historyandpolicy.org/policy-papers/papers/how-history-matters-now> Acesso 01 de setembro de 2022.

JORGE, A.; SERRA, E. Colonização, transformações do território e conflitos rurais em Barbosa Ferraz – PR. **Terr@ Plural**, [S. l.], v. 14, p. 1–12, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/14592>. Acesso em: 27 mar. 2023

HAHN, Fábio André. O Desafio da Interdisciplinaridade: Possibilidades de leitura para um jovem pesquisador. In: HAHN, Fábio André; MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO,

Cristina Satiê de Oliveira. **INTERDISCIPLINARIDADE: perspectivas e desafios**. Guarapuava: Ed. Unicentro, 2020.

LANA, Raquel Martins; COELHO, Flávio Codeço; GOMES, Marcelo Ferreira da Costa; CRUZ, Oswaldo Gonçalves; BASTOS, Leonardo Soares; VILLELA, Daniel Antunes Maciel; CODEÇO, Cláudia Torres. Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva. In: **Perspectivas**. Cad. Saúde Pública 36 (3), 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00019620>. Acesso em: 27 de mar. de 2023.

LIDDINGTON, Jill. O que é História Pública. In: ALMEIDA, Juniele R de; ROVAI, Marta G. de O. **Introdução à História Pública**. São Paulo (SP): Editora Letra e Voz, 2011.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LOBI, Ciclotur. **O que é o cicloturismo?** Disponível em: <https://www.lobi.com.br/o-que-e-o-cicloturismo/>. Acesso em 26 de março de 2023.

LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. In: **Boletim Historiar**, n. 02, mar. /abr. 2014, p. 45-57 Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/historiar>

LUCCHESI, Anita. História e historiografia digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. Natal: **Anais do SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL**, XXVII, p. 1-17, 2013.

LUIZ, Lucio; ASSIS; Pablo de. O podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. In: **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, RS. 2010.

MAFRA, Edilene; VIANA, Maria do Socorro; SOUZA, Sérgio Augusto Freire de,. Linguagem Radiofônica: o sistema de comunicação aplicado na divulgação científica no rádio. In: **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Caxias do Sul, RS - 2 a 6 de setembro de 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-0706-1.pdf> Acesso em: 23 de fev. de 2023.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo , v. 37, n. 74, p. 135-154, jan. 2017 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882017000100135&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 26 jan. 2021. Epub 27-Abr-2017. <https://doi.org/10.1590/1806-93472017v37n74-06>.

MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar. 1973.

MATTELART, Armand e Michèle. **História das Teorias da Comunicação**. Tradução Luiz P. Rouanet. Revisão Maurício B. Leal. Preparação Saulo Krieger. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000. P. 77-84

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org.) **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MELO, Fernanda Shelda de Andrade. O Desenvolvimento das plataformas de *streaming* para disseminação do conhecimento: uma análise do *podcast* “Nerdcast”. In: **Anais Educon 2020**, São Cristóvão/SE, v.14, n.8, p.1-13, set.2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13730/14/13>. Acesso em: 26 de mar de 2023.

MENESES, José Newton Coelho. **História e turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NAGABE, Fabiane. **O turismo convencional e as políticas contra-hegemônicas em comunidades de espaços rurais da Paraíba**. Tese (doutorado) Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências e tecnologia, programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2019.

NASCIMENTO DA SILVA, Gessiela. **As fontes no podcast Mamilos: Uma proposta de análise audioestrutural**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Comunicação/ccsst, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz - MA, 135p, 2022.

NOGUEIRA, Carmen Regina D. **Turismo no MERCOSUL: Circuito Internacional das Missões Jesuíticas**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2000.

NOIRET, Serge. **História Pública Digital**. In: Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 28-51, maio 2015, disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.18225/liinc.v11i1.797> Acesso em 01 de setembro de 2022

PARELLADA, Claudia Inês. **A Herança de um Tesouro**. Arqueologia da cidade colonial espanhola de Villa Rica Del Espiritu Santo (1589-1632), Fênix, Paraná, Brasil. Curitiba: Samp, 2014.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte de escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

OBICI, Giuliano Lamberti. **Condição da escuta: mídias e territórios sonoros**. São Paulo: PUC-SP, 2006 (Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA, Jailma Nunes Viana de; COSTA, Aryana Lima. Ensinar História em Contextos Digitais: O podcast na produção de conhecimento histórico. In: **ANPUH-Brasil - 31o Simpósio Nacional de História**. Rio de Janeiro/RJ, 2021.

OLIVEIRA, Paula Cristina Janay Alves de. **“A NOVA ERA DE OURO DO RÁDIO?: Historicidades, tecnicidades e sensibilidades de podcasts brasileiros”**. Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5721838 Acesso em: 07 de mai. de 2023.

OLIVEIRA, Sara Ângela Valadão. Guia Digital sobre a Gestalt. 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16337/1/2016_SaraAngelaOliveira_tcc.pdf Acesso em: 03 de mar. de 2024.

QUADRAT, Samantha Viz. É possível uma história pública dos temas sensíveis no Brasil? In: MAUD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade. **Que história Pública queremos?**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

ROCHA, Diogo Tognolo. **Para além de uma dúvida razoável**: serial e a busca da verdade. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B6HJZY> Acesso em: 07 de mai. de 2023.

RODRIGUES, Icles. História no YouTube: Relato de experiência e possibilidade para o futuro. In: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. **História Pública e divulgação de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2019a. p.73-92.

RODRIGUES, Icles. Como fazer História Pública. In: Associação Nacional de História - ANPUH Brasil. Canal de YouTube. **Historiador Explica, Historiadora Explica**. Episódio 31. Locução de Jussara Souza. Edição de Mariana Vilar. 2020. Disponível em: https://youtu.be/UbjGQOPH4_U. Acesso em 27 de mar de 2023.

ROSENZWEIG, Roy. **Scarcity or Abundance? Preserving the past in a digital era**. In: ROSENZWEIG, Roy. *Clio Wired: The Future of the Past in the Digital Age*. New York: Columbia University Press, 2011

ROTA DA FÉ. **O que é a Rota da Fé?** Disponível em: <https://rotasdafe.com.br/a-rota.html> Acesso em: 19 de mar. de 2023.

SÁENZ-NAVAJAS, M. P.; GARCÍA-MENÉDEZ, L.; DEL BARRIO-GARCÍA, S.; & REVUELTA-BORDOY, D. (2019). El papel de las tecnologías de la información y comunicación en la creación de destinos turísticos inteligentes. **Investigaciones Turísticas**, (17), 261-282.

SANTHIAGO, R. **Duas palavras, muitos significados**: Alguns comentários sobre história pública no Brasil. In: MAUAD, A.; ALMEIDA, J.; SANTHIAGO, R. (Orgs) *História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e voz, 2016.

SANTHIAGO, R. **O público como protagonista da história**. Blog de História, Ciências, Saúde – Manguinhos. 2014..Disponível em: <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/o-publico-como-protagonista-da-historia/>. Acesso 22 de abril de 2023.

SECOM (PR), **Engenheiro Beltrão**. Viaje Paraná. Curitiba, 2022. Disponível em: <https://www.viajeparana.com/Engenheiro-Beltrao>. Acesso em 19 de mar de 2023.

SECOM (PR), **Fênix**. Viaje Paraná. Curitiba, 2022. Disponível em: <https://www.viajeparana.com/Fenix>. Acesso em 19 de mar de 2023.

SECOM (PR), **Quinta do Sol**. Viaje Paraná. Curitiba, 2022. Disponível em: <https://www.viajeparana.com/Quinta-do-Sol>. Acesso em 19 de mar de 2023.

SENLLE, Renata. A “**pós-verdade**” como oportunidade para minimizar polêmicas. Meio e Mensagem. [S.l.]. 2017. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/>. Acesso em: 12/01/2022.

SILVA, Raphael de França e. **Narrativas digitais em podcast: dinâmica avaliativa na disciplina de história**. Recife, 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica.

SILVA, Wesley Kozlik; GUADAGNINI, Graziella Medeiros; SANTINELLO, Jamile. Caracterização do público brasileiro de ouvintes de podcasts e suas interfaces com a educação. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 22, n.50, p. 246-265, set./dez. 2021.

SOUZA, Raone Ferreira de. O podcast no ensino de história e as demandas do tempo presente: que possibilidades? In: **Revista Transversos**. Rio de Janeiro, n.11, dez. 2017.

TÉO, Marcelo. **Desequilíbrio de histórias parte I: um problema do campo das humanidades (?)**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 358 - 380, jan./mar. 2018.

TRIBUNASC. **Barbosa Ferraz a capital do crochê**. 2022. Disponível em: <https://tribunasc.com/portal/barbosa-ferraz-a-capital-do-croche-2/>. Acesso em: 19 de mar de 2023.

URRY, John. **O olhar do turista**. 3ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

VIANA, Luana; PERNISA, Carlos Júnior. **True Crime em Podcasts: Em que medida materiais complementares ao áudio são acionados**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 13, 2020, Rio de Janeiro. **Anais[...]** Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.

VIANA, Luana. Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. **Contratempo**, Niterói, v. 39, n.3, dez./mar. 2020.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. **Anais XXVII Encontro Anual da Compós**, PUC Minas, 2 a 6 de junho de 2018.

VIEIRA, Vera Lúcia Dourado. O Parque “Vila Rica do Espírito Santo” como patrimônio histórico cultural do município de Fênix/PR. **Secretaria de Estado da Educação do Paraná— SEED**. Programa de desenvolvimento Educacional. 2009. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2009_fecilcam_historia_artigo_vera_lucia_dourado_vieira.pdf. Acesso em: 19 dez de 2022.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. Curitiba: Vicentina, 1988.

WERLE, Bibiana. Acessibilidade documental e autoridade compartilhada: pela construção de uma história pública. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 429 - 449. maio/ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5965/2175180309212017429>